

**Kristin
Hannah**

*Lembranças
de Nós Dois*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

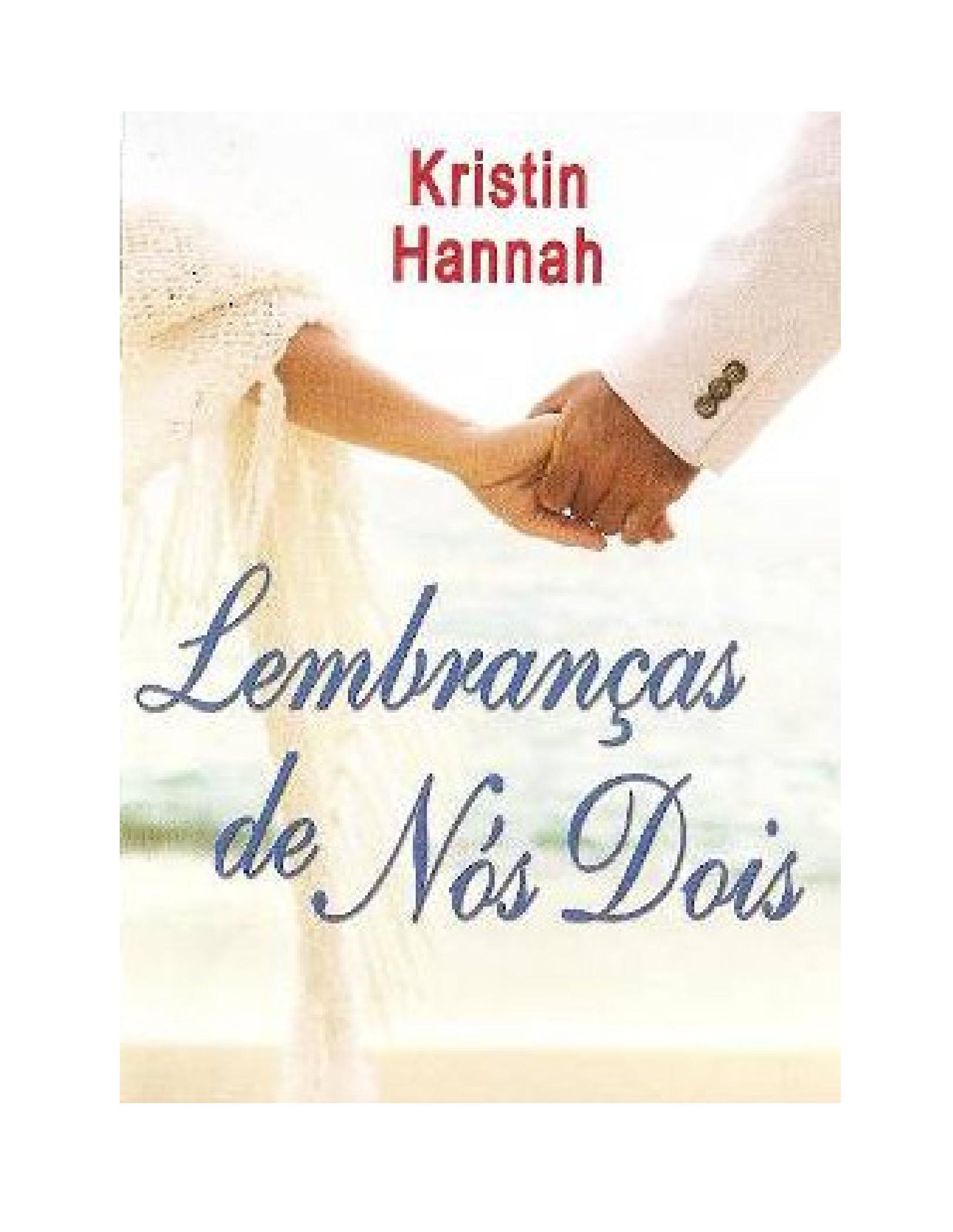
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A romantic photograph of a couple holding hands on a beach. The woman's hand is on the left, and the man's hand is on the right. Sand is falling from the woman's hand, creating a vertical stream of sand. The background is a soft-focus view of the ocean and sky. The text 'Kristin Hannah' is written in red at the top, and 'Lembranças de Nós Dois' is written in blue cursive in the center.

**Kristin
Hannah**

*Lembranças
de Nós Dois*

Lembrança de Nós Dois

Angel Falls

Kristin Hannah

SOBRE A AUTORA

Kristin Hannah é autora de mais de quinze romances. Seus títulos são citados na lista de mais vendidos do The New York Times, e ela ganhou o prêmio RITA em 2004. Ela se considera abençoada por tudo que a vida lhe deu incluindo uma família maravilhosa e a inspiração e entusiasmo para escrever lindas histórias de amor.

"Lembranças de Nós Dois é um romance que explora habilidosamente o amor em todas as suas variações e manifestações. Kristin Hannah, sem dúvida alguma, é uma das mais eloquentes vozes no gênero da ficção, atualmente."

Romantic Times

"Um livro para ser lido em uma noite, mesmo porque a leitora não conseguirá parar de ler. Uma história de amor comovente, emocionante!"

New YorkPost

"Kristin Hannah escreveu um romance que fala do triunfo do amor e da união em família."

Detroit Free Press

"Kristin Hannah escreveu um romance com perfeição e sentimento..."

San José Mercury News

"Lembranças de Nós Dois é um drama fascinante sobre relacionamento, que as leitoras vão adorar!"

Harriet Klausner

Leitoras

"Lembranças de Nós Dois é uma história linda, que não me sai da lembrança!"

"Este é mais um excelente livro de Kristin Hannah, uma história rica em sentimentos, que vai fazer você sorrir e se emocionar."

"Se todos seguissem o exemplo de casamento entre Liam e Mikaela, não haveria divórcios..."

Querida leitora,

Este é um drama fascinante, centrado no sacrifício pessoal em benefício da pessoa amada, de um homem que se dispõe a confiar num antigo rival para tentar fazer a mulher que ele ama despertar de um coma. Um drama que poderia acontecer a qualquer um de nós, e que por isso mesmo toca tão fundo o nosso coração. Uma história que você vai adorar, escrita no estilo doce e terno de Kristin Hannah, que nunca deixa de nos passar em seus livros lindas mensagens de amor, em seu mais pleno significado!

Leonice Pompônio
Editora

Fragmentos de uma paixão

Quando Mikaela Campbell sofreu um acidente e ficou em coma, coube a seu marido, Liam, manter a família unida e transmitir força e coragem aos filhos, que estavam assustados e temerosos. Dia após dia, Liam se sentava ao lado da cama de Mikaela no hospital, conversando com ela, contando-lhe histórias da vida que haviam construído juntos, sempre esperando que ela acordasse. Até que um dia, ele encontrou, sem querer, em meio às coisas de Mikaela, em sua casa, as evidências de um segredo do passado, a verdade sobre

o primeiro casamento dela, com um homem ao qual mulher alguma seria capaz de resistir... ou esquecer.

Desesperado para trazer a amada esposa de volta a qualquer custo, Liam se voltou para a única pessoa que poderia fazê-la reagir... mas que poderia também tirá-la de seus braços para sempre...

CAPÍTULO I

A noroeste do Estado de Washington, montanhas de granito alcançam o céu enevoadado, seus picos inacessíveis mesmo nesta era de helicópteros e aventureiros munidos de alta tecnologia. As árvores nesta parte do país crescem densas e bloqueiam até os mais fortes raios do sol. Somente nos meses mais brilhantes de verão os alpinistas conseguem encontrar o caminho de volta aos seus carros, estacionados no acostamento da estrada.

Escondida em meio a essa floresta escura, encontra-se a pequena cidade de Last Bend. Ao chegarem à cidade, os visitantes se deparam com um lugar que só poderiam ter imaginado encontrar nos intrincados caminhos de suas imaginações. Ao caminhar pelas ruas, muitos juram ter ouvido um som similar a uma gargalhada. Imagens antigas lhes vêm à mente, como por exemplo, o gosto da limonada que suas avós preparavam ou o ranger da porta que levava à varanda nas noites quentes de verão.

Last Bend foi fundada há mais de cinquenta anos, quando um escocês chamado Ian Campbell desistiu de voltar para sua casa em Edimburgo e saiu em busca de aventura. Em algum lugar, ao longo do caminho - a lenda da família afirmava ter sido em Wyoming — ele começou a escalar uma montanha e passou os dez anos seguintes procurando por duas coisas: aquela que seria sua última escalada e um lugar para deixar sua marca.

Encontrou o que vinha buscando na cordilheira North Cascade. Ali, onde o Homem das Neves era mais do que uma lenda contada ao pé das fogueiras e onde gigantescos blocos de gelo deslizavam pelos rios durante o ano todo, ele decidiu se estabelecer. Aproximou-se o máximo que pôde de Mount Baker e comprou cem acres da melhor terra para pastagem. Naquela época, não passava de um lote em um dos cantos de uma estrada de cascalho, que acabaria sendo a estrada de rodagem de Mount Baker. Construiu sua cidade ao longo das margens pedregosas do lago Angel e a batizou de Last Bend.

Levou algum tempo para encontrar uma mulher disposta a morar em uma cabana sem eletricidade e água corrente. Finalmente encontrou uma jovem irlandesa cheia de sonhos que combinavam com os dele. Juntos, transformaram a cidade segundo o que suas imaginações ditavam. Ela plantou mudas de bordo japonês ao longo da rua principal e deu início a uma série de festividades e tradições, celebrando o dia em que os blocos de gelo caíam no rio, o Dia das Bruxas na casa mal-assombrada e a busca ao Homem das Neves.

Por fim, Ian e Fiona começaram a construir a casa de seus sonhos, um chalé semicircular assentado em uma pequena colina no centro da propriedade. Nos dias em que o céu ganhava um tom azul mais forte, os picos gelados da montanha pareciam tão perto que dava vontade de esticar a mão e tocá-los. No extremo oeste de suas terras ficava o riacho Angel, uma corrente de água mais densa pelo degelo dos meses de verão. No inverno, o casal podia sentar-se na varanda da casa e ouvir o eco da Angel Falls, a Cachoeira dos Anjos, a poucas milhas de distância.

Agora a terceira geração dos Campbell vivia naquela casa. E ali, quase junto ao telhado, havia o quarto de um menino. Aquele não era diferente dos quartos dos meninos de sua época, com direito a um pôster de Batman pregado na parede de madeira, livros, dinossauros de plástico, cobras de mentirinha e miniaturas dos personagens de *Guerra nas Estrelas* espalhadas pelo chão.

Bret Campbell, com nove anos de idade, estava deitado em sua cama, atento ao relógio digital que exibia mesmo no escuro as horas em números vermelhos. Cinco e trinta. Cinco e trinta e um. Cinco e trinta e dois.

Era a manhã do Dia das Bruxas.

Ele planejava acionar o alarme do relógio, mas não soubera como, e se pedisse ajuda, a surpresa que planejava fazer à mãe estaria arruinada. Por isso, atento, mantinha os olhos fixos no visor..

Precisamente às cinco e quarenta e cinco, jogou as cobertas de lado e pulou da cama. Tomou cuidado para não fazer barulho, puxou uma sacola de debaixo da cama e a abriu.

Não havia luz no quarto, mas também não havia necessidade, pois tinha examinado as roupas noite após noite durante a semana

inteira. Era sua fantasia do Dia das Bruxas: um par de botas de caubói, colete de couro, camisa de flanela, calça jeans e, melhor do que tudo, uma estrela brilhante de xerife e um cinto para a pistola. O pai até tinha feito uma cartucheira que podia ser presa ao cinto.

Bret despiu o pijama e vestiu rapidamente o traje, deixando para trás o cinto, a arma, a cartucheira e o chapéu. Não precisaria de nada daquilo por enquanto.

Saiu para o corredor. Deu uma olhadela nos outros dois quartos. Ambas as portas estavam fechadas e não havia nenhuma luz que pudesse ser vista pelas frestas. Claro que a irmã de dezesseis anos, Jacey, estava dormindo. Tivera jogo de futebol no dia anterior. O pai passara a noite inteira com um paciente no hospital, então também devia estar cansado naquela manhã. Somente sua mãe teria acordado cedo e estaria no estábulo, pronta para montar, às seis horas.

Depois de abotoar o colarinho da camisa, ele desceu os últimos degraus da escada. Seguiu até a cozinha escura, alcançando a porta e abrindo-a bem devagar.

Na varanda, visualizou a sombra do que lhe pareceu ser um homem, mas logo se lembrou. Era o espantalho que ele e a mãe tinham feito na véspera.

Seguiu apressado para o estábulo de dois andares que o avô construía. Bret sempre admirara o avô famoso que não chegara a conhecer. O homem que tinha deixado seu nome nas ruas e prédios e montanhas; alguém que de alguma forma soubera que Last Bend deveria ser ali.

As histórias das aventuras do avô tinham sido contadas e recontadas, e Bret queria ser igualzinho a ele. Era por essa razão que estava acordado assim tão cedo em uma manhã do Dia das Bruxas. Ia convencer sua super protetora mãe que estava pronto para cavalgar sozinho à noite até a Cachoeira dos Anjos.

Segurou a tranca de ferro da porta e a levantou.

Os cavalos se moveram sem grande alarde dentro das baias.

Bret acendeu as luzes e apressou-se a ir até onde estava a sela da mãe. Deixou-a cair duas vezes devido ao peso, até conseguir equilibrá-la no braço. Seguiu direto para a baia de Bala de Prata.

Ali parou. Jesus, Bala de Prata parecia maior naquela manhã!
O vovô nunca sentiu medo.

Bret respirou fundo e abriu a porta da baia.

Após várias tentativas, conseguiu colocar a sela sobre o animal e apertar as amarras.

Levou a égua até o centro da arena. As luzes lá no alto pareciam delinear tanto a ele como o cavalo, o que o deixou feliz. Afinal, isso o lembrava de que estavam no Dia das Bruxas.

Bala de Prata baixou a cabeça e bufou, batendo os cascos no chão, e Bret puxou o arreio.

— Calma, menina — disse ele baixinho, tentando não demonstrar medo. Era desse jeito que sua mãe falava com os animais. Comentava que qualquer um poderia domar o animal mais arisco se fosse calmo e paciente.

A porta do estábulo rangeu e finalmente foi aberta.

Era a mãe de Bret. Atrás dela, os raios de sol conferiam um colorido avermelhado aos seus cabelos. Bret não conseguia enxergar bem o seu rosto, mas via sua silhueta, escura contra a claridade, e podia ouvir o clique-clique de suas botas. Então ela parou, levando uma mão aos olhos.

— Bret? Querido, é você?

Bret levou Bala de Prata até ela, que estava parada com as mãos nos quadris. Usava um longo suéter marrom e calças pretas de montaria; as botas já estavam cheias de poeira. E olhava para ele com um daqueles olhares de mãe.

Bret torceu para que ela sorrisse. Em seguida deu um puxão na guia com força e conseguiu fazer a égua parar no mesmo instante, do mesmo jeito como lhe haviam ensinado.

— Eu a selei sozinho, mamãe. — Bret acariciou o pelo macio da égua. — Ela não cooperou, mas eu ajustei a sela como devia.

— Você se levantou bem cedo no Dia das Bruxas e selou minha égua para mim?

Ela se inclinou e desmanchou o cabelo do garoto. Ajoelhou-se no chão empoeirado. Mikaela era assim, não se preocupava em sujar a roupa, e gostava de encarar os filhos nos olhos. Pelo menos era o

que costumava dizer. Tirou a luva de couro da mão direita e a deixou cair. Não ligou, já que se entretinha em acariciar o rosto de Bret.

— Então, jovem cavaleiro, o que tem em mente?

Essa era outra particularidade dela. Nunca se conseguia enganá-la. Parecia que tinha uma espécie de visão de raios X.

— Quero cavalgar à noite até a cachoeira. No ano passado você me disse que talvez me deixasse quando eu fosse mais velho. Bem, agora estou um ano mais velho e mantenho a baia bem limpa e escovo Scott todos os dias. Já ganhei não sei quantas fitas azuis de mérito. E agora selei sua égua enorme. Se eu fosse à Disneylândia, com certeza seria cumprimentado pelo Mickey.

Mikaela sentou-se sobre os tornozelos. Talvez tivesse entrado algum cisco em seus olhos, pois estavam marejados.

— Você não é mais o meu bebê, não é?

Ele se agachou, fingindo ainda ser pequeno a ponto de poder subir no colo da mãe. Com leveza, Mikaela tomou o arreio da mão de Bret e foi envolvida pelos braços dele ao redor de seu pescoço. Beijou-o na testa e o abraçou com força.

— Bem, creio que qualquer garoto capaz de selar este cavalo esteja mais do que pronto para sua cavalgada noturna. Estou orgulhosa de você.

Bret soltou um grito de entusiasmo e a abraçou.

Mikaela levantou-se e ali ficaram, juntos e de mãos dadas.

— Agora tenho de treinar Bala de Prata por uma hora antes que Jeanine chegue aqui para pegar os cavalos. Tenho milhões de coisas para fazer hoje antes da brincadeira de "gostosuras ou travessuras".

— Posso ficar para ver?

— Conhece as regras?

— De novo, mamãe?...

— Muito bem, nada de conversa e não desça da cerca.

Bret riu.

— Por favor, querido, pegue meu capacete?

Ele correu para a sala dos arreios e selas. Logo encontrou o capacete de veludo preto. Quando voltou viu que a mãe já montara Bala de Prata, as mãos enluvadas descansando no pescoço do animal.

— Obrigada, querido. — Ela se inclinou, depois colocou o capacete.

Enquanto Bret se acomodava em seu ponto favorito na cerca da arena, a mãe já estava na pista de treino. Observou-a dar voltas e voltas para aquecer o animal. Por vezes trotavam, andavam ou corriam a ponto de se confundirem em um só borrão.

Depois de tantas vezes observando, Bret sabia quando o cavalo já estava aquecido e pronto para saltar. Os sinais eram evidentes, embora imperceptíveis a olhos desavisados. No entanto, ao mesmo tempo em que sabia a hora certa, soube prever que algo estava errado.

— Espere, mamãe! O obstáculo está no lugar errado. Alguém deve ter mexido...

Mas Mikaela não o ouviu, pois tentava reassumir o controle de Bala de Prata.

— Calma, menina, vá mais devagar. Acalme-se...

Bret chegou a ouvi-la quando passaram na sua frente. Queria pular da cerca, mas isso não lhe era permitido, não enquanto ela saltava.

E de qualquer forma, já era tarde demais. Mikaela estava junto ao obstáculo. O coração de Bret pareceu saltar do peito. *Alguma coisa estava errada.* As palavras se agigantaram em sua mente e lhe dificultaram a respiração. Ele queria gritar, mas sua garganta estava travada.

Bala de Prata saltou sobre o obstáculo com facilidade.

Bret ouviu o grito de triunfo da mãe e sua risada.

Ele teve apenas um segundo de alívio.

Então Bala de Prata parou de repente.

Num segundo a mãe estava rindo, no segundo seguinte voava do cavalo, terminando por chocar a cabeça contra uma estaca com tanta força que a cerca inteira tremeu. E então ela ficou ali no chão sujo, o corpo contorcido como um papel amassado.

Não se ouviu som algum, exceto a respiração agitada de Bret. Até a égua estava silenciosa, parada como se nada tivesse acontecido.

Bret pulou da cerca e correu para a mãe. Caiu de joelhos e viu o sangue escorrendo de debaixo do capacete, manchando os cabelos

escuros.

— Mamãe? — chamou, tocando e sacudindo o ombro dela.

O cabelo ensanguentado caiu para o lado e então ele viu que o olho esquerdo da mãe estava aberto.

A irmã de Bret, Jacey, foi a primeira a escutar o grito. Veio correndo à pista, coberta com o enorme casaco do pai.

— Bret...

Então ela viu a mãe, deitada ali.

— Oh, meu Deus! Não toque nela! — berrou para Bret.— Vou chamar papai.

Bret não conseguiria se mover mesmo que quisesse. Ficou ali parado, olhando para a mãe caída, rezando em silêncio para que ela acordasse.

Finalmente o pai correu na direção deles.

Bret se levantou e ergueu os braços, mas Liam passou por ele sem parar. Ficou parado, sem conseguir respirar o suficiente para chorar. Mantinha o olhar preso ao sangue que escorria pelo rosto da esposa. Jacey também veio e ficou parada a seu lado.

Liam se ajoelhou, deixando cair no chão sua maleta de médico.

— Agente firme, querida — ele murmurou.

Em seguida, com todo o cuidado, tirou o capacete, entreabriu-lhe os lábios e colocou os dedos entre os dentes da esposa. Mikaela tossiu e Bret viu que havia sangue nos dedos do pai. Havia sangue por toda parte.

— Agente firme, Mik — Liam continuava repetindo a mesma coisa. — Estamos todos aqui com você... fique conosco...

Fique conosco... Isso significava "não morra"... o que significava que ela *poderia* morrer.

— Ligue para a emergência, rápido! — Liam pediu a Jacey.

Os três ficaram ali, parados e silenciosos, pelo que pareceram horas, até que uma ambulância com as sirenes ligadas entrou na pista de corrida dos cavalos. Os paramédicos correram em direção a eles.

O coração de Bret batia com tanta força que ele não conseguia ouvir nada à sua volta. Tentou gritar que salvassem sua mãe, mas quando abriu a boca, tudo o que saiu foi um gemido. Fechou a boca

e recuou, dando de encontro com a cerca com tanta força que se sentiu tonto. Então, cobriu os ouvidos, fechou os olhos e rezou.

Ela está morrendo.

Lembranças passam por sua mente sem seguir uma ordem específica, algumas tingidas com o doce aroma das rosas depois da chuva de primavera, outras cheirando à areia da margem do lago onde ela fora beijada pela primeira vez. Algumas recordações... muitas delas... a envolviam num manto de arrependimento.

Eles a estavam removendo, colocando seu corpo em uma estranha cama. As luzes eram tão brilhantes que ela não conseguia abrir os olhos. Um motor roncou e o movimento a fez sentir mais dor. Oh, Deus, doía muito...

Podia ouvir a voz do marido, sons macios e amorosos que a haviam guiado nos últimos dez anos de sua vida, e embora não conseguisse ouvir a voz de seus filhos, sabia que estavam ali, olhando para ela. Mais do que tudo no mundo, ela queria uma chance de dizer alguma coisa a eles, mesmo que fosse apenas um som, um sinal, alguma coisa...

Lágrimas ardentes desceram-lhe dos cantos dos olhos e deslizaram para as orelhas, caindo no travesseiro que havia atrás de sua cabeça. Desejou evitá-las, para que as crianças não as vissem, mas não tinha controle algum sobre isso, assim como tampouco podia mover a mão e acenar um adeus.

Mas talvez nem estivesse chorando. Quem sabe sua alma apenas estivesse escapando do corpo em lágrimas que ninguém podia ver.

Quando era bem jovem, Liam Campbell não tinha conseguido sair de Last Bend tão cedo quanto gostaria. A cidade parecia tão pequena, espremida dentro da mão de seu pai. Em toda parte as pessoas o comparavam ao pai famoso, e ele se sentia insignificante. Até mesmo em casa, sentia-se invisível. Seus pais estavam tão apaixonados que simplesmente não sobrava muito espaço para um menino que lia livros e sonhava em ser pianista.

Para sua própria surpresa, ele havia sido aceito em Harvard. Quando terminara o segundo grau, compreendera que não era bom o suficiente para ser um pianista, pelo menos não um dos grandes, um concertista. O melhor pianista de Last Bend, até mesmo o

melhor de Harvard, não era bom o suficiente. Ele poderia ser professor de música em alguma escola particular de prestígio, talvez, mas seu talento não incluía o poder, ou a raiva, ou até a paixão característica dos melhores entre os melhores. Assim, deixara de lado o sonho da juventude e voltara sua atenção à medicina. Se não era talentoso para entreter as pessoas com suas mãos, acreditava que tinha pelo menos a capacidade de curá-las.

Estudara noite e dia, sabendo que um homem quieto como ele, tão reservado e comum, precisava se superar. Formara-se em primeiro lugar na faculdade e assumira um emprego que surpreendera até seus colegas de classe, em uma clínica para aidéticos no Bronx. Era o começo da epidemia, e as pessoas estavam apavoradas. Mas Liam acreditava que ali, em meio ao verdadeiro sofrimento, ele descobriria o homem que pretendia ser.

Em corredores que cheiravam a morte e desespero, ele fazia diferença na vida dos pacientes, mas nenhuma vez pudera dizer: "Você está bem. Está curado".

Em vez disso, dispensava remédios que não faziam muita diferença e segurava com força aquelas mãos que a cada dia se tornavam mais fracas. Assinara tantos atestados de óbito até não conseguir mais segurar a caneta sem ser tomado pelo horror.

Quando sua mãe morrera de um súbito ataque cardíaco, ele voltara para casa e ficara ao lado do pai, que, pela primeira vez, precisava de seu filho único. Liam pretendia deixar a cidade, mas então conhecera Mikaela...

Mik.

Graças a ela, encontrara seu lugar no mundo.

Agora estava em um hospital, esperando ouvir que ela viveria...

Ele e os filhos estavam ali havia apenas algumas horas, mas parecia ser uma eternidade. Os filhos estavam na sala de espera. Ele podia vê-los, abraçados, chorando, Jacey secando as lágrimas do irmão. Gostaria de estar com eles, mas não sabia se seria capaz de controlar o desespero.

— Liam?

Ele deu um pulo ao ouvir seu nome.

O dr. Stephen Penn, chefe da neurologia, estava parado à sua frente. Apesar de terem a mesma idade, cinquenta anos, Stephen parecia mais velho e cansado. Haviam jogado golfe juntos durante anos, mas nada em seu relacionamento os preparara para um momento como aquele.

— Venha comigo. — Stephen tocou no braço de Liam.

Caminharam lado a lado pelo austero corredor e entraram na unidade de terapia intensiva. Liam notou o modo como as enfermeiras dali desviavam o olhar, pesarosas. Por fim entraram em uma sala fechada por vidros, onde Mikaela estava em uma cama, atrás de uma cortina. Parecia uma boneca quebrada, presa às máquinas: um respirador e monitores que controlavam todo o funcionamento de seu corpo, desde os batimentos cardíacos até a pressão intracraniana.

— O cérebro dela está funcionando, mas não sabemos a extensão do dano por causa dos medicamentos. — Stephen muniu-se de uma agulha e a enfiou no pé de Mikaela, não dizendo nada quando ela não reagiu. Fez outros testes, dos quais Liam podia acessar os resultados junto a ele. — O neurocirurgião de plantão está pronto para agir, caso seja necessário, mas ainda não identificamos nada que exija cirurgia. Nós a estamos hiper ventilando, controlando a pressão e a temperatura. Estamos atentos a qualquer sangramento... Bem, você sabe que estamos fazendo todo o possível.

Liam fechou os olhos. Pela primeira vez em sua vida, desejou não ser médico. Preferiria não ter noção da realidade da condição de Mikaela. Não tinha intenção de falar, mas não conseguiu reprimir as palavras.

— Não sei como viver sem ela...

Quando Stephen se voltou para o amigo, viu uma expressão de tristeza e compreensão em seus olhos. Por um breve segundo, deixara de ser um especialista para ser apenas um homem, um marido, que compreendia a dor do outro.

— Bem, saberemos mais amanhã, se... — Ele não completou a frase, não era necessário.

Se ela sobreviver a esta noite.

— Obrigado, Stephen.

O médico começou a sair, mas parou à porta.

— Sinto muito, Liam.

Sem esperar por resposta, deixou a sala. Quando ele voltou, havia várias enfermeiras com ele. Juntos, eles tiraram Mikaela do quarto para mais exames.

Coragem, Liam disse a si mesmo quando foi ao encontro dos filhos. Jacey estava sentada em uma cadeira de vinil vermelha junto à loja de presentes, lendo uma revista. Bret estava no chão com uns brinquedos que o pessoal do hospital mantinha para as crianças.

Ajude-me, meu Deus, Liam rezou, trêmulo.

— Olá, pessoal — ele disse em voz baixa.

Jacey se pôs imediatamente em pé, a revista que lia caindo no chão. Os olhos estavam inchados de tanto chorar, os lábios trêmulos.

— Papai?

Bret não se levantou. Empurrou os brinquedos e ergueu o rosto.

— Ela morreu? — perguntou ele, em tom de derrota.

— Não, Bret. — Liam suspirou, sentindo as lágrimas voltar a seus olhos.

Droga. Prometera a si mesmo que não choraria, não na frente das crianças. Elas precisavam de sua força naquele momento difícil.

Liam ajoelhou-se ao lado do filho e o tomou nos braços, apertando-o. Gostaria de ter algo para dizer ao menino, alguma coisa mágica, que afastasse o medo. Mas não havia nada a não ser "temos de esperar para saber", e isso estava longe de ser um conforto.

Jacey se ajoelhou ao lado do pai e Liam abraçou a ambos.

— Ela está mal agora — ele informou, falando pausadamente, escolhendo as palavras. Como poderia contar às crianças que a mãe deles podia morrer? — Ela sofreu uma batida muito forte na cabeça. Precisa de nossas orações.

Bret se aninhou mais nos braços do pai e começou a tremer. Quando Liam olhou para ele, viu que estava com o dedo polegar na boca.

A visão foi chocante, porque Bret parará de chupar o dedo quatro ou cinco anos antes.

Liam soube, então, que dali por diante seus filhos passariam a conhecer a terrível verdade da qual ele e Mik haviam tentado a todo custo poupá-los: que o mundo podia ser um lugar assustador, e que às vezes, em um único instante, a vida podia mudar drasticamente.

As horas de vigília se arrastaram. Por fim, a noite chegou e Liam e os filhos continuavam na sala de espera. Fazia horas que estavam no mais absoluto silêncio.

Às oito horas ouviram passos vindos do corredor. Liam levantou-se imediatamente. *Por favor, que não sejam más notícias...*

O namorado de Jacey, Mark Montgomery, entrou na sala.

— Jacey? Eu acabei de saber...

A garota correu para os braços dele, soluçando.

— Ainda não pudemos vê-la — ela murmurou enquanto Mark a levava até o sofá, e juntos se sentavam.

Às nove horas, Stephen entrou na sala. Liam, que tinha o filho no colo, colocou-o na cadeira ao lado e se levantou.

— O estado dela não se alterou. Não há nada mais que possamos fazer por ela esta noite. — Abaixou a voz. — Leve seus filhos para casa, Liam. Tente dormir um pouco. Falaremos amanhã cedo. Eu ligo para sua casa se o quadro mudar.

Liam suspirou. Sabia que seria difícil entrar em casa e não encontrar a esposa. Stephen bateu no ombro do amigo, então virou-se e deixou a sala.

— Vamos para casa, crianças. Voltaremos amanhã cedo.

Jacey se levantou. Mark fez o mesmo, olhando para a namorada, depois para Liam.

— Vamos para a festa da casa mal-assombrada, Jacey. Talvez... talvez você possa ir comigo.

Jacey sacudiu a cabeça, mas depois da insistência do pai e de Mark, acabou concordando, com a condição de ser avisada pelo celular de qualquer novidade.

— Papai... estou com fome — choramingou Bret, assim que a irmã saiu.

— Oh, filho, sinto muito. Vamos para casa.

Só então, Liam notou as roupas que o filho estava usando. Roupa de xerife. Uma fantasia. Ah, a casa mal-assombrada. Dia das Bruxas.

Droga.

Eram quase nove e meia. Por algumas poucas horas, por toda a cidade, as crianças se vestiam de astronautas, alienígenas e princesas e iam à tal casa mal-assombrada de Last Bend.

— Quer participar da brincadeira de "gostosuras ou travessuras", filho?

Bret balançou a cabeça. Liam entendeu que não havia clima para comemorações.

Juntos, saíram do hospital na noite fria de outubro. Quando chegaram em casa, a porta da garagem se abriu, como se estivesse descortinando um silencioso buraco negro.

Liam pegou o filho pela mão e o levou para dentro de casa. Nada estava fora do lugar, apenas quieto demais. Estava sem cabeça para pensar em jantar.

— O que acha de sairmos para jantar fora?

— Está bem, vou me trocar!

Jacey voltou para casa mais cedo do que Liam esperava, parecendo arrasada. Mal falou uma palavra; em vez disso, beijou o rosto do pai e seguiu para o quarto.

Quando Liam teve certeza de que os dois filhos dormiam, foi até o escritório de Mikaela, abriu a porta e acendeu a luz.

A primeira coisa que notou foi o perfume no ar, suave e doce. A escrivaninha estava cheia de papéis. Fechou os olhos e imaginou sentada ali, com uma xícara de café na mão, escrevendo pelo computador carta após carta em defesa de animais negligenciados.

Ele foi até a escrivaninha, ligou o computador, entrou na internet e começou a pesquisar "danos cerebrais". Durante a hora seguinte, leu sobre o sofrimento de outras pessoas. Anotou em um papel pequenas informações, títulos de livros, especialmente de medicamentos. Mas sabia bem que não havia nada a fazer e não ser esperar.

No andar de baixo, serviu-se de uma dose dupla de tequila. Depois seguiu até a janela que dava para o pasto. Os cavalos não podiam ser vistos na escuridão da noite, mas estavam lá. Uma dúzia de cavalos que Mikaela salvara, vindos de diferentes lugares e nas mais variadas condições.

Amava-a por ter um coração terno, além de várias outras qualidades. De repente se deu conta de que fazia tempo que não dizia à esposa o quanto a amava. Nunca fora muito jeitoso com palavras, mas demonstrava seu amor, a toda hora. Contudo, sabia que as palavras eram também muito importantes. Desejou se lembrar da última vez que lhe dissera que ela era o sol e a lua para ele, o mundo inteiro.

Serviu-se de outra dose de tequila. Ela podia morrer...

Não, ele não deixaria sua mente trilhar esse caminho. Mikaela acordaria logo, a qualquer minuto, e ainda ririam juntos do pânico que o acometia. Fechou os olhos e imaginou-a a seu lado no sofá. Desejou tocá-la, beijar seus lábios, mas sabia que ela não estava lá, e sim dentro de seu coração.

— Papai? — Uma voz titubeante o chamou da escada.

Ele secou os olhos e se levantou. Atravessou a sala e subiu as escadas.

Bret estava de pijama.

— Não consigo dormir, papai.

Liam pegou o filho nos braços e o levou para o quarto principal, colocando-o em sua cama.

— Ela estava olhando para mim.

Liam abraçou o menino com mais força. Era irônico que, ainda na semana anterior, ele tivesse pensado que Bret estava crescendo rápido, e que agora o menino em seus braços parecesse tão novinho e, desde aquela manhã, regredindo. Era algo com que ele precisaria lidar... mais tarde.

— Quando você viu mamãe, os olhos dela estavam abertos. É isso que está me dizendo?

— Ela estava olhando para mim, mas... ela não estava lá. Não era ela.

— Ela estava muito machucada para fechar os olhos e agora está machucada demais para abri-los de novo.

— Amanhã eu posso ver a mamãe?

Liam pensou em como Mikaela estava, toda ligada a fios e máquinas. A imagem seria terrível para uma criança. Ele sabia bem como eram essas lembranças, pois havia visto o pai no mesmo

estado. Algumas coisas, uma vez vistas, nunca mais eram esquecidas.

— Não, filho, acho que não. O hospital não permite que uma criança entre na UTI. Você vai poder ver a mamãe quando ela melhorar e for para o quarto.

Liam ficou na cama até Bret adormecer, então, bem silenciosamente, deixou o quarto. Dessa vez preparou um chá. Talvez fosse mais eficaz do que tequila.

O telefone tocou, mas Liam o ignorou. No quarto toque, a secretária eletrônica foi acionada. Ele não estava preparado para ouvir a voz suave e rouca de Mikaela na mensagem de saudação. Fechou os olhos.

— *Você ligou para a residência dos Campbell, e escritório de inverno do programa de recuperação de cavalos Whatcom County. No momento, não podemos atender...*

Quando a mensagem acabou, outra voz foi ouvida.

— *Hola, dr. Liam. Aqui é Rosa. Estou retornando...*

Liam pegou o telefone.

— Rosa?

— Dr. Liam? Desculpe-me por ligar tão tarde, mas eu estava trabalhando no turno da noite no restaurante e...

— Mik sofreu um acidente — ele interrompeu, enquanto ainda tinha capacidade de articular as palavras. Então, respirando fundo, contou o que acontecera.

— Estarei aí amanhã — informou a mulher depois de uma breve pausa.

— Obrigado — disse Liam, somente naquele momento compreendendo o quanto precisava da ajuda dela. — Vou lhe arrumar uma passagem de avião.

— Não. Chegarei aí mais cedo se for de carro. Vou sair bem cedo, de manhã. Dr. Liam... ela vai...

Ficar bem.

— Esperemos que sim — ele respondeu à pergunta incompleta.

Rosa Elena Luna caminhou até o pequeno altar em sua sala de visitas e cuidadosamente acendeu duas velas votivas. Finos pontos de luz brilharam dentro do vidro vermelho. Em seguida ajoelhou-se e juntou as mãos, começando as orações.

Mas as palavras familiares não diminuíram a pressão que sentia no peito. Lágrimas invadiram seus olhos e ali ficaram. Ela aprendera muito tempo atrás que as lágrimas eram apenas gotas de água que não tinham poder algum de curar.

Agarrou a perna da mesa e se levantou. Pela primeira vez em muitos anos, desejou falar com William Brownlow. Olhou para o aparelho de telefone pendurado na parede.

Ele não seria de ajuda alguma, claro. Não se viam havia anos. Mesmo sendo o pai biológico de Mikaela, jamais fora seu pai de verdade. Tinha outra família. Passara quinze anos na cama de Rosa, mas cada momento tinha sido roubado de sua esposa e de seus filhos legítimos.

Ele não viria ajudar a filha bastarda.

Rosa ficou parada na sala escura. O luar se infiltrava na sala pelas frestas da cortina, iluminando o sofá comprado em uma liquidação e parte das pinturas religiosas nas paredes. Não foram poucas as vezes em que Mikaela e Liam tinham tentado convencê-la a mudar de casa, ou mesmo aceitar dinheiro para reformá-la, mas ela sempre se recusara. Afinal, sua história de amor tinha começado ali, naquela casa, que nunca deveria ter aceitado. Contudo, parecera seguro na época, um presente de um homem que a amava. Doce ilusão, quando ela ainda acreditava que ele deixaria a esposa!

O amor deles tinha sido proibido, errado. Rosa sempre soubera que pagaria por seus pecados. Nem as tantas confissões que vinha fazendo poderiam limpar sua alma, mas... nunca imaginara perder Mikaela!

Por favor, Deus, salve *mi hija*...

Novamente, o silêncio. Suspirou, cansada, caminhou para o pequeno quarto, pegou uma valise do armário e começou a fazer a mala.

O telefone ao lado da cama tocou às seis horas na manhã seguinte. Liam estava sonhando, um sonho bom no qual ele e Mikaela estavam sentados no balanço da varanda, escutando o som distante dos filhos. Por um segundo, sentiu o calor da mão de Mikaela... e então notou o filho que dormia quietinho a seu lado e tudo voltou à mente.

Seu coração batia descompassado quando pegou o telefone.

Era Sarah, a enfermeira do hospital. Mikaela superara a noite.

Liam inclinou-se cuidadosamente sobre Bret e colocou o telefone no gancho. Saiu da cama, tomou banho e foi acordar os filhos.

Em menos de uma hora, os três seguiam para o hospital. Bret e Jacey ficaram na sala de espera, e ele seguiu para a UTI. O quarto estava mergulhado em um silêncio mortal.

Ela parecia bem pior. O lado direito do rosto estava inchado e irreconhecível, os olhos escondidos sob a pálpebra descolorada. Havia um tubo dentro da narina esquerda, e a boca parecia torta.

Uma equipe de especialistas entrou no quarto. Fizeram exames, testes e conversaram entre si. Liam esperou em silêncio, observando a adorada esposa falhar um após o outro.

Não sabemos a razão de ela não acordar, Liam.

Ali estavam alguns dos melhores médicos do país, e nenhuma informação alentadora podia ser dada. Ninguém sabia por que Mikaela continuava em coma profundo. Não havia nada que pudesse fazer além de aguardar e rezar para que ela sobrevivesse mais um dia, então outro ainda e outro mais. Rezar para que ela acordasse por conta própria.

Quando consultou o relógio, já eram onze horas. Era mais do que tempo de contar alguma coisa às crianças. Assim, caminhou bem devagar para a sala de espera.

Jacey estava junto à janela, de costas para a porta. Bret estava no sofá, encolhido em posição fetal, os olhos fechados e, de novo, chupando o dedo.

— Olá, pessoal!

Jacey voltou-se para o pai. Havia marcas de lágrimas em seu rosto pálido. Os olhos estavam vermelhos e inchados, e neles havia uma pergunta agonizante.

— Ela ainda está viva — informou ele.

Jacey levou a mão trêmula à boca. Liam podia ver como a filha fazia força para não chorar na frente do irmão menor.

— Graças a Deus!

Liam foi até o sofá e pegou o menino no colo.

— Sente-se, Jacey — ele pediu à filha.

Ela sentou-se na cadeira ao lado dos dois, segurando a mão do pai. Bret ajeitou-se e abriu os olhos. As lágrimas escorriam pelo rosto corado.

— Podemos ver mamãe hoje?

Liam respirou fundo.

— Ainda não. Ontem eu lhe disse que ela machucou bastante a cabeça, mas há mais do que isso. Mamãe está em um sono profundo. É o que chamamos de coma. É um jeito de o corpo ir se curando. Lembra quando você ficou com uma gripe muito forte e dormia demais até ficar bom? É isso.

Os lábios de Jacey tremeram.

— E ela vai acordar?

Liam ficou sem saber o que dizer. Qualquer resposta seria uma mentira.

— Esperamos que sim.

Olhou para a filha e viu que ela sabia das possibilidades.

Era filha de um médico; sabia que nem todos acordavam de um coma. O pior era que Liam não podia dizer nada que a poupasse dessa verdade.

Não havia muitos carros no estacionamento do hospital. Embora absurdo, esse foi o primeiro pensamento de Rosa quando ela chegou ao Centro Médico Ian Campbell naquela tarde, levou vários minutos para encontrar uma vaga. Finalmente, desligou o motor e desceu.

As portas eletrônicas se abriram. O cheiro de adstringente e remédio invadiu suas narinas.

— Por favor, estou procurando o dr. Liam Campbell — avisou à recepcionista.

— Vou chamá-lo. Sente-se e fique à vontade.

Enquanto se dirigia para as poltronas, ouviu o nome do genro sendo anunciado.

Liam não demorou muito para aparecer. Ele estava do jeito como ela havia imaginado, cansado e abatido. Era um homem alto, apesar de o físico não ser seu ponto forte, e sim o coração de um leão. Rosa jamais conhecera alguém capaz de amar tão imensamente quando seu genro.

— Dr. Liam...

— Como vai, Rosa?

Por um momento meio embaraçoso, ela esperou que o genro dissesse alguma coisa. Notou a enorme tristeza nos olhos verdes.

— Ela ainda está viva? — A voz soou como um murmúrio. A resposta veio com um sinal de cabeça.

— Ah, graças a Deus! Posso vê-la agora?

Liam desviou o olhar. Os cabelos estavam emaranhados, como se ele tivesse se esquecido de penteá-los.

— Eu queria... Eu gostaria de poupá-la disto, Rosa — ele disse e tentou sorrir. Era um gesto de derrota desesperada, que assustou Rosa mais do que suas palavras.

— Vamos — foi tudo o que ela disse.

Caminharam pelo corredor lado a lado. Rosa manteve a cabeçabaixa, contando cada passo.

Finalmente Liam parou diante de uma porta fechada.

Então ele fez uma coisa inesperada. Tocou no ombro de Rosa. Foi um toque breve, de conforto, que a surpreendeu e chegou a comovê-la. Ela quis lhe devolver o sorriso, tocá-lo, mas seus dedos estavam tremendo, e a garganta estava seca.

— Ela não parece bem, Rosa. Quer entrar sozinha?

Ela pretendia dizer "sim", mas ouviu-se dizendo "não". Liam concordou e a seguiu para dentro do quarto.

Quando viu a filha, Rosa parou e segurou a respiração.

— *Dios mio...*

Mikaela estava deitada na cama estreita, com fios ligando-a a inúmeras máquinas. O rosto lindo de Mikaela estava ferido e

inchado, os olhos escondidos debaixo de uma pele negra. Rosa se inclinou e tocou o rosto da filha.

— Minha menina...

— Não sabemos o quanto ela consegue ouvir... Nem mesmo se escuta alguma coisa — explicou Liam. — Não sabemos se ela vai acordar.

Rosa encarou o genro. Estava chocada com o diagnóstico, então se lembrou que era o médico que estava falando. Liam era um homem da ciência, acreditava em evidências. Rosa era uma mulher de fé, e a vida longa e difícil lhe ensinara que a verdade nunca estava visível ao olho humano.

— Não tenha medo, dr. Liam. Mikaela está perdida em um lugar que não consegue entender. Vai precisar que a guiemos para casa. Tudo o que temos são as nossas vozes, nossas lembranças. Precisamos usar isso como luzes para lhe indicar o caminho.

— Estou feliz que esteja aqui, Rosa. — O olhar de Liam suavizou.

— *Si*. É duro estar sozinho em um momento como este.

Rosa entendia a solidão que ele sentia. Mesmo tendo filhosa quem se dedicar, havia um vazio em seu peito que somente alguém capaz de amar podia entender. E havia uma certeza sobre o genro, que descobrira desde a primeira vez em que o vira, quase doze anos antes: ele amava Mikaela com uma extraordinária intensidade.

Rosa ficou imaginando se Mikaela sabia disso, se entendia a sua sorte. Ou se, em algum canto escuro e escondido de seu coração, ainda guardava a memória de um velho amor ruim. Como mãe, ela sabia o quanto aquele antigo namorado estava enraizado no coração da filha.

Depois de uma hora ao lado de Mikaela, ela deixou Liam à beira do leito e foi em busca de seus netos.

Jacey e Bret estavam na sala de espera, sentados juntos no sofá, de braços dados. Levou um momento para Rosa encontrar a voz.

— Crianças?

Com um grito, Jacey se desvencilhou do braço do irmão e correu para a avó.

— Vai ficar tudo bem, *niña*.

Bret ficou sentado no sofá, sugando o dedo. Rosa deixou a neta, caminhou até o sofá e ajoelhou-se diante do menino.

— *Hola*, meu homenzinho.

Os olhos de Bret se encheram de lágrimas.

— Ela morreu, vovó.

— Ela está viva, Bret, e precisa de nós agora. — Bem devagar, Rosa tirou o dedo da boca de Bret. Então pressionou suas mãos contra as dele em um gesto de prece. — Estas suas mãos são para rezar — ela disse.

Jacey também colocou as mãos contra as deles. Rosa inclinou a cabeça e começou a rezar.

— Pai Nosso, que estais no céu... — Ela deixou as palavras lhe encherem o coração magoado.

Alguns segundos depois, Bret e Jacey uniram suas vozes emprece.

Apesar de já serem nove e meia da noite, a casa estava imersa em um silêncio diferente. Jacey estava no escritório de Mik, navegando pela internet para um trabalho escolar.

— Como está indo? — Liam quis saber, aproximando-se da filha.

Ela levantou a cabeça. Os olhos estavam inchados, prontosa se encherem novamente de lágrimas.

— Bem, acho.

— Podemos levar o computador para a sala, se...

— Não. Gosto de ficar aqui no escritório dela. Posso senti-la aqui. Algumas vezes me esqueço e penso que ela vai abrir a porta e me dizer que devo parar porque ela quer usar o computador. — Jacey tentou sorrir.

Liam entendia o que a filha queria dizer.

— Bem, não fique acordada até muito tarde.

Dali seguiu para o quarto do filho e sentou-se na beirada da cama.

— Sabe que pode ir dormir comigo, se quiser.

Bret balançou a cabeça, mas não disse nada. Era sempre Mik que conversava com as crianças. Liam não sabia bem como fazer.

— Mamãe não está lá.

— Mas eu estou. Algumas vezes fico com muito medo, especialmente à noite, quando estou sozinho. Iria me ajudar bastante ter você lá comigo. Assim, se quiser, pode ir a qualquer hora. Está bem?

Bret descansou a cabeça no peito do pai e ficaram assim por um bom tempo. Liam inclinou-se e beijou a testa do filho.

— Penso nela o tempo inteiro.

— Eu sei, querido. Eu sei.

Por um momento, talvez não maior do que um batimento cardíaco, a vida se acomodou em um lugar confortável. Liam sentiu o cheiro dos cabelos de seu menininho, ali abraçado a ele, e sorriu. Muitas imagens maravilhosas voltaram à sua mente, lembranças que ele coletara por anos de suas vidas juntos. E lembrando-se de como tinha sido, encontrou forças para rezar pelo que poderia ser de novo.

Rosa entrou no pequeno chalé ao lado da casa principal, colocou alguns itens pessoais no armário do banheiro e guardou uma caixa de chá e um pão de trigo na geladeira. Não havia razão para mais do que isso. Planejava passar o tempo todo com as crianças e com Mikaela.

No dia seguinte, depois que Liam seguira para o hospital, Rosa preparara um bom café da manhã para as crianças e tentou convencê-las a irem para a escola.

— *Ainda não, vovó, por favor...*

Ela não tivera coragem de negar e concordara que passassem mais um dia no hospital, mas depois disso deveriam voltar para a escola. A sala de espera não era lugar para crianças, não para ficarem ali hora após hora, dia após dia.

Caminhou bem depressa pelo corredor até a UTI. O quarto a assustava, com todos aqueles ruídos não familiares e máquinas estranhas. Chegou à beirada da cama e ficou olhando sua linda filha, agora tão machucada.

— Penso que não importa a idade dos filhos. Você sempre vai ser para mim a minha menininha, não é, *mi hija*?

Gentilmente, ela acariciou o rosto ferido de Mikaela. Achou que a pele estava mais suave do que no dia anterior. Pegou uma escova

que havia na mesinha lateral e começou a escovar os cabelos curtos de Mikaela.

— Vou lhe pentear os cabelos, *hija*. — Forçou os lábios a sorrir e continuou falando: — Ainda não consigo me acostumar com esse corte tão curto. Quando fecho os olhos, ainda vejo minha *niña* com os cabelos caindo nas costas.

Os pensamentos de Rosa voltaram ao dia em que a filha, sentindo-se tão infeliz, havia pegado uma tesoura e cortado os cabelos. Mikaela estivera esperando por *ele*. A espera tinha sido longa demais. Quando compreendera que ele não voltaria, cortara seus lindos cabelos. A coisa que ele mais gostava nela.

Já era noite quando Stephen chamou Liam e Rosa à sua sala.

— A boa notícia é que ela está estabilizada. Não precisa mais do respirador, assim não precisamos fazer uma traqueotomia. Está recebendo alimento pelo soro. Nós a tiramos da UTI e a passamos para um quarto particular.

Liam mal escutou as palavras. Sabia que quando um médico começava uma frase com "A boa notícia é...", significava que vinha alguma coisa ruim em seguida. Rosa ficou parada perto da porta.

— Ela está respirando. Isso é vida, *sí*?

Stephen concordou.

— Sim. O problema é que não sabemos a razão de ela não acordar. Ela está bem, estável. A atividade cerebral é boa. Ela deveria estar consciente.

— Por quanto tempo uma pessoa pode dormir assim?

Stephen hesitou.

— Algumas pessoas acordam em poucos dias, e algumas... permanecem em coma por anos e nunca acordam. Eu gostaria de poder lhe dizer mais.

— Obrigado, Stephen.

O neurologista não sorriu.

— Ela está no quarto 246.

Liam se levantou e pegou gentilmente o braço da sogra.

— Vamos vê-la.

Rosa concordou. Juntos, deixaram a sala do médico e seguiram para o novo quarto de Mikaela.

Uma vez lá dentro, Liam foi até a janela e a abriu. Voltou para o lado da esposa e gentilmente tocou em seu rosto inchado.

Rosa veio para o lado dele.

— Não deve desistir, dr. Liam. Ela será uma daquelas que têm sorte de acordar.

Ele ficou parado, tentando não imaginar como seria ter de esperar que Mik acordasse, dia após dia, semana após semana. Respirou fundo, procurando se acalmar.

— Nunca vou desistir, Rosa. Mas eu preciso... de alguma coisa mais onde apoiar minha esperança, e até agora meus colegas não me deram nada disso.

— A fé em Deus deve ser o seu chão, dr. Liam. Não tenha medo de se apoiar nele.

— Não agora, Rosa, por favor... — Ele ergueu a mão.

— Se não consegue falar com Deus, então pelo menos converse com Mikaela. Ela precisa ser lembrada que tem uma vida aqui. Agora cabe a você trazê-la de volta com o seu amor.

— E se o meu amor não a trouxer de volta, Rosa?

— Ele a trará.

Liam sentia inveja da fé de Rosa, pois naquele momento estava tomado pelo medo.

Na hora do jantar, Rosa levou as crianças para casa. Liam sabia que deveria voltar com eles, mas não conseguiu deixar Mikaela. Olhou para a esposa, agora deitada de lado.

— Contratei Judy Monk para cuidar de seus cavalos. Parecem estar muito bem, até aquela égua rebelde... Sweetpea, não é esse o nome dela? E o veterinário disse que a cólica de Scotty está completamente curada. — Ele pegou uma caixa que trouxera de casa e tirou de dentro um saquinho de *potpourri*. — Myrtle, da perfumaria, me disse que este é o seu favorito.

Liam espalhou fotos da família pelo quarto, para o caso de ela abrir os olhos quando nenhum deles estivesse ali. Colocou um aparelho de CD com uma música de Madonna, para lembrar os velhos tempos. O último item era uma camiseta de Bret, uma que ele não usava fazia tempo, e que colocou sobre os ombros dela. Se havia uma coisa que poderia trazê-la de volta era o cheiro de seu filho caçula.

As lembranças invadiram o quarto silencioso. Liam se lembrou da primeira vez que vira Mikaela. Tinha sido ali, naquele mesmo hospital. Voltara para a cidade para o funeral da mãe e encontrara o pai, o grande Ian Campbell, sofrendo de mal de Alzheimer. A doença era lenta e destruidora.

A um dado momento, Ian mal conseguia se mover na cama do hospital e dizer o nome do filho. E fora então que Liam conheceu Mikaela, a enfermeira do pai. Ela era jovem, tinha vinte e cinco anos, e era a mulher mais bonita que ele vira na vida.

— Ainda me lembro da primeira vez que você olhou para mim. Você já tinha me visto antes, claro, mas não tinha ainda prestado atenção em mim, até que eu lhe disse que Ian Campbell era meu pai. Era primavera... Você abriu a janela e trouxe um vaso de azaleias. Eu vi a tristeza em seu olhar. Lembra-se do que me disse?

Liam respirou fundo antes de continuar:

— Você conversa com seu pai? Você me perguntou. Eu me senti embaraçado e disse que ninguém realmente conversava mais com ele. E então você me disse que eu deveria conversar. Que ele precisava saber que eu me importava.

Ele fez uma pausa.

— Você devolveu meu pai a mim. Eu nunca o conheci de verdade quando ele ainda era forte e dinâmico, mas quando se tornou tão frágil e cheio de medos, ele finalmente se tornou meu pai. Você me ensinou a conversar com ele, e naquelas últimas semanas, houve momentos em que ele me viu, momentos em que ele soube quem eu era e por que estava ali. Um dia antes de ele morrer, segurou minha mão e me disse que me amava, pela primeira e única vez em minha vida. Você me deu isso, Mikaela, e eu não sei como vou conseguir lhe agradecer pelo que fez.

Liam se levantou, soltou a mão da esposa e tocou o rosto inchado. — Eu te amo, Mik. Volte para nós, querida. —A voz dele estremeceu, e ele a beijou na testa. — Estaremos aqui para sempre. Então sentou-se em uma cadeira, ainda segurando a mão dela.

Durante quatro semanas, Mikaela viu apenas escuridão.

No fim da primeira semana, Liam e as crianças haviam entendido que a vida precisava continuar. Mesmo que quisessem que o mundo parasse para eles, isso não aconteceria. O sol nascia a cada manhã, mesmo sem a presença de Mikaela, e no fim do dia desaparecia no horizonte. O Dia de Ação de Graças chegou e se foi, e na última semana de novembro caiu a primeira tempestade de neve.

Liam tinha aprendido que era possível caminhar quando se sentia ainda parado. Conforme o coma persistia, ele não teve escolha. As crianças voltaram para a escola; Rosa tricotou suéteres e mantas para cobrir todos na cidade. Ele contratou empregados para cuidar dos cavalos; pagou suas contas. E depois de algum tempo, começou a atender seus pacientes de novo. Primeiro apenas alguns, mas agora estava com a agenda de parte do dia tomada. Saía do consultório às duas da tarde e se sentava ao lado da cama de Mik até a hora do jantar. Às vezes, Jacey aparecia. Bret não encontrara coragem para visitar a mãe, mas Liam sabia que ele acabaria indo.

Agora, parado junto à janela de seu consultório, ele via que a neve começava a engrossar lá fora. Em poucas horas, o sino da escola tocaria; as crianças começariam a se reunir em Turnagain Hill, trazendo seus trenós para descer a rua e chegar até a margem da lagoa do sr. Robin.

Pela manhã do dia seguinte, Liam sabia que as mesmas crianças acordariam cedo e correriam para as janelas de seus quartos, esperando encontrar os quintais branquinhos. Os pais escutariam o noticiário da manhã ao lado de seus ansiosos filhos, rezando silenciosamente para que os ônibus ainda conseguissem trafegar pelas ruas. Mas suas preces acabariam dando em nada, para entusiasmo das crianças, pois as aulas seriam canceladas. Lá pelo

meio dia, a sra. Sanman, da padaria, estaria servindo chocolate quente a todo corajoso que ousasse sair de casa. Nesse ínterim, os bombeiros estariam preparando a melhor pista de gelo do Estado.

Liam se esqueceu por um segundo no que sua vida havia se tornado. Sentiu o impulso de pegar o telefone e chamar Mik para que ela viesse logo porque estava nevando. Ela adorava a neve. Conteve-se, porém, a tempo.

Fechou as cortinas, voltou à escrivaninha e sentou-se, olhando as fichas de seus clientes. Sabia que, em questão de minutos, sua enfermeira, Carol Audleman, entraria ali para lhe dizer que horas eram. Como se ele não soubesse, como se não estivesse esperando e temendo aquele exato minuto todos os dias.

Uma batida na porta interrompeu seu devaneio.

— Doutor? — Carol abriu parcialmente a porta e entrou. — Já é uma hora. Marian foi sua última paciente do dia. Não marcamos mais ninguém hoje, porque... — Ela desviou o olhar. — Bem, o senhor sabe o motivo.

O sorriso de Liam era de cansaço. Desejava poder mudá-lo, mas não conseguia.

— Midge passou por aqui e deixou uma lasanha e salada na mesa da cozinha.

As pessoas não sabiam o que fazer para ajudar, então elas cozinhavam. A cidade tinha se unido para ajudar a família Campbell naquele momento terrível, e faziam isso por muito tempo. Liam se sentia grato, mas algumas vezes, à noite, enquanto escrevia os bilhetes de agradecimento, a dor era tão grande que ele não conseguia terminar. Mesmo as travessas com os assados e saladas o lembravam que Mikaela não estava em casa... que ela não podia fazer as coisas que sempre fizera.

— Obrigado, Carol.

Ele empurrou a cadeira e se levantou. Tirou o jaleco branco e o colocou sobre as costas da cadeira. Vestiu um casaco e seguiu Carol pelo consultório vazio. Na porta, ele se despediu dela e foi embora.

Logo entrava no estacionamento do hospital. A neve cobria tudo agora, deixando brancos todos os carros. Ele estacionou no lugar

habitual e pegou debaixo do assento um álbum de fotos e um pequeno embrulho.

As portas eletrônicas se abriram e ele entrou no saguão do hospital, já decorado com os primeiros enfeites de Natal. Acenou para os rostos familiares, mas não parou, nem diminuiu o passo. Não queria ler nos olhos dos muitos médicos e enfermeiras o inevitável.

Passou pelo posto das enfermeiras e fez um leve aceno para Sarah, a enfermeira chefe. Ela devolveu o sorriso, e em seus olhos havia tanta esperança quanto nos dele.

Parou diante da porta fechada do quarto de Mikaela, reunindo forças, então girou a maçaneta e entrou. As cortinas estavam fechadas; não importava quantas vezes ele as abrisse em suas visitas, sempre as encontrava fechadas quando voltava. Passou pela cama e as abriu de novo.

Finalmente voltou-se para a esposa. Como sempre, aquele primeiro olhar era difícil, fazendo-o instintivamente segurar a respiração. Ela estava ali, deitada e inerte. O peito levantava e abaixava com uma enganadora regularidade. Era o único sinal de vida. Ele podia ver que os cabelos dela tinham sido lavados. As enfermeiras cuidavam bem de Mikaela. Havia também trocado a camisola hospitalar por uma de tecido suave e delicado.

Sentou-se em uma cadeira ao lado da cama.

— Olá, Mik — cumprimentou, colocando amoras na pequena tigela que havia na mesinha ao lado. Mudava as frutas sempre e agora escolhera aquelas para lembrar que o tempo passava e que o Natal estava próximo.

Seguiu com seu ritual diário: as frutinhas, a troca de alguma roupa que pertencia às crianças e que servia para cobrir o peito de Mikaela, o novo CD no aparelhinho, sempre com músicas que lembravam momentos do passado.

Em um dos cantos do quarto, ele instalara uma caixa de madeira que tocava sons de água caindo, imitando os de uma cachoeira.

— Olá, Mik...

Com toda a delicadeza, começou a tocar no pé de Mikaela do modo como os terapeutas lhe haviam ensinado a fazer. Então seguiu

para os exercícios em ambas as pernas, nos tornozelos, em todos os dedos dos pés. Pegou então uma loção perfumada e começou a massagear a barriga da perna.

Harmonizava os movimentos com a música de sua voz, lembrando algum episódio, procurando estimular a memória da esposa.

— Lembra que dançamos essa música, Mik? Foi no Center Hill, no nosso quinto aniversário de casamento, com a banda local tocando... Lembra como o cantor se atrapalhava com as palavras e nós rimos tanto que acabamos chorando? Você disse que se escutasse um pouco mais acabaria molhando as calças!

Liam acariciou a mão da esposa.

— Você estava tão bonita naquela noite! Ao fim da canção, eu a beijei tão longamente que você brigou comigo, dizendo que já não éramos mais adolescentes, mas eu a senti estremecer... e por um segundo, éramos jovens novamente...

Era assim que todas as noites Liam abria o coração. Falava por horas a fio, na ânsia de vê-la fazer um movimento, por menor que fosse.

— Olá, Mik, aposto que pensou que eu havia me esquecido do nosso aniversário de casamento.

Ele estendeu a mão para pegar o álbum de fotos que estava mesinha, mas a puxou de volta. Era uma coleção de fotos do último Natal em Schweitzer. Mik tinha escolhido cuidadosamente cada fotografia para representar a ocasião. Havia sido um tolo em pensar que poderia abri-lo e olhar os retratos. Agora o álbum se tomara uma ferida. Uma vez aberto, aumentaria a infecção, causaria mais dor. Em vez disso, voltou a atenção para a caixa ao lado do álbum. Ele a tinha embrulhado quase dois meses antes, e a escondido em uma gaveta do consultório. Estivera tão excitado naquele dia e tomara a decisão de dar o presente apenas no dia do décimo aniversário de casamento. Ele e Carol haviam combinado que marcariam consultas apenas na parte da manhã, assim ele poderia passar o dia especial sozinho com a esposa.

— Comprei passagens no Concorde, Mik, para Paris... Para os festejos do Ano Novo. — A voz de Liam estremeceu. Por anos eles

havam conversado sobre Paris, sonhado juntos sobre passarem o Ano Novo no Ritz.

No entanto sempre havia algum imprevisto que os fazia adiar a viagem. Eles deixavam de lado os sonhos, perdendo chances e oportunidades. Ah, como não haviam percebido como cada minuto era precioso? Por que não haviam previsto que uma queda de um cavalo, comum e manso, poderia lhes roubar o futuro?

— Ajude-me, Mik. Aperte minha mão, pisque os olhos. Faça *alguma coisa!* Mostre-me como alcançar você... — implorou, deitando-se na cama ao lado dela.

Liam ficou ali por quase uma hora. Quando tentou novamente falar, nada saiu de seus lábios, exceto um gemido que trazia consigo o nome dela.

— Papai?

Por um segundo, Liam pensou que a esposa havia falado, mas sua mão estava mole e os olhos fechados. Bem devagar, ele se voltou e viu Jacey parada à porta. Segurava um bolo nas mãos.

— Olá, querida.

Ele desceu da cama e sentou-se em uma cadeira. Jacey se aproximou com o rosto pálido depois de olhar para a mãe.

— É o décimo aniversário do casamento de vocês. Vocês sempre o festejaram... — As palavras dela sumiram na garganta.

— Tem razão. Ela iria querer festejar a data. — Com dificuldade, Liam sorriu.

Jacey colocou o bolo sobre a mesinha, depois aproximou-se da cama e se inclinou sobre a mãe.

— Feliz aniversário de casamento, mamãe! — Estendeu a mão e afastou um cacho de cabelo que cobria parte do rosto de Mikaela. Virou-se para Liam. — Como ela está hoje?

— Na mesma.

Jacey passou o dedo pelo lado do bolo e levou parte da cobertura até o nariz de Mikaela.

— Pode sentir o cheiro do bolo, mamãe? É o de creme de baunilha da Suzie. Aquele que você tanto gostava... gosta.

Liam mal suportou a dor que percebeu na voz da enteada, a quem amava como filha.

— Querida, venha sentar-se a meu lado. Como foi no colégio hoje?

Jacey o olhou, depois voltou a cabeça. Liam notou que ela mordia o lábio, um tique que herdara da mãe.

— O que foi, Jacey?

Ela demorou um minuto para responder.

— É o baile de inverno que está chegando. Mark me convidou e eu gostaria de ir.

— Você sabe que pode.

— Eu sei, mas...

— Mas o quê?

Jacey desviou o olhar.

— Mamãe e eu conversamos bastante sobre esse baile. Íamos comprar um vestido em Bellingham. — A voz de Jacey soou cheia de emoção e terminou num murmúrio. — Ela disse que não foi a seu baile de formatura, e que queria que eu parecesse uma princesa...

Liam franziu a testa, intrigado. Não podia imaginar Mikaela sentada em casa, enquanto acontecia seu baile de formatura.

— Ora, vamos, Jacey... Sua mãe ficaria muito aborrecida se soubesse que você não foi ao baile.

— Mas não é justo, papai.

— Jacey, não é hora de desanimar. Somos uma família de guerreiros, e não fugimos de uma luta, certo?

— Mas está ficando cada vez mais difícil.

— Nunca pensei que um teste de fé fosse fácil.

Jacey olhou para Liam com uma tristeza que teria sido impossível algumas semanas antes.

— Eu gostaria de poder dizer a mamãe o quanto lamento as vezes em que ela estava triste e eu nem liguei.

— Ela ama você e Bret com todo o coração e alma, Jacey. — Ele sorriu. — Agora, posso não saber onde comprar um belo vestido para uma menina em Bellingham, mas sei que sua mãe tem um armário cheio deles. Lembra-se do vestido que ela usou no baile dos policiais no ano passado? Ela foi até Seattle atrás daquele vestido, e para ser honesto, ele custou mais do que o meu primeiro carro. Aposto que você vai ficar linda nele.

— Eu tinha me esquecido completamente desse vestido.

— Ela usou um enfeite brilhante nos cabelos. Você pode usá-lo, também. Vovó pode ajudar você. Sei que não vai ser tão bom quanto seria com sua mãe, mas...

Jacey colocou os braços em torno dele.

— Mamãe não faria melhor, papai.

Ele se voltou para a esposa, forçando um sorriso.

— Viu o que está acontecendo, Mik? Está me forçando a dar conselhos sobre moda para uma garota de dezesseis anos. Diabos, a última vez que escolhi minhas próprias roupas, suspensórios estavam na moda.

— Papai, eles estão na moda de novo.

— Viu? Se você não acordar logo, querida, posso autorizar aquele *piercing* na sobrancelha que ela vem pedindo faz tempo.

Eles se sentaram juntos, conversando como se fosse um dia normal, esperando que de uma hora para outra pudessem ouvir algum som, algum movimento que tirasse Mik da escuridão que a envolvia.

Às três horas, o telefone do quarto tocou, interrompendo as histórias de Jacey.

Liam atendeu. Era da escola de Bret. Ele escutou por um minuto.

— Está bem. Estarei logo aí. — Desligou e se virou para a filha. — Bret saiu mais cedo da aula. Vou buscá-lo. Quer ir comigo?

— Não. Vou acompanhar vovó nas compras.

— Está bem. — Liam olhou para a esposa. — Tenho de ir, Mik, mas voltarei logo que puder. — Ele se inclinou e beijou-a nos lábios. — Vou sempre estar aqui.

Liam olhou para a correspondência em seu colo. Quase tudo era endereçado a Mikaela. Contas da loja de ração de animais, cheques de pagamento das mensalidades das doze famílias que mantinham seus cavalos ali nos estábulos, cartões postais e folhetos de propaganda. Um cartão anunciava uma liquidação da loja Nordstrom.

Em tempos comuns, ele teria ido à cozinha e colocado tudo sobre a mesa, dizendo que as vendas de Natal já estavam começando. Mikaela riria então, sugerindo que vendessem algumas das ações que tinham da Microsoft para pagar as compras.

— Papai, por que está sentado em cima da caixa de correio?

Liam deixou as lembranças de lado.

— Ah, Bret, por que não construímos um homem de neve depois do jantar?

O menino não se animou muito.

— Está bem.

— Ou prefere escorregar na colina? O sr. Robin me disse para aparecermos por lá.

— Está bem.

Era difícil pensar em alguma coisa a dizer. Ambos sabiam que terminariam não escorregando, nem patinando, tampouco construiriam o boneco de neve, nem tomariam chocolate quente. Não agora. Eles pensariam em tais coisas, talvez até combinassem fazê-las, mas no fim, como vinha acontecendo nas últimas quatro semanas, jantariam juntos e conversariam sobre assuntos triviais. Lavariam os pratos e tentariam assistir à televisão.

Liam iria de quarto a quarto, tentando manter a mente vazia. Terminaria talvez no enorme piano da sala, olhando para o teclado, desejando que a música ainda estivesse em seu coração e em seus dedos, mas por enquanto era impossível pensar em qualquer melodia que fosse. Chegou a ir até o carro para voltar para o hospital, mas não ligou o motor.

Quando voltou para casa, Rosa tinha acendido as luzes. Ao entrar na sala, encontrou a sogra e o filho jogando dados. Desejou não ter notado como o menino jogava em silêncio. Não havia mais gritos de entusiasmo como antes.

— *Hola*, dr. Liam — cumprimentou Rosa, levantando o olhar.

Ele lhe dissera dúzias de vezes para chamá-lo apenas de Liam, mas ela não conseguia. Sorrindo, ele se aproximou da dupla.

— Quem está ganhando?

— Meu neto, naturalmente. Ele tira vantagem da minha miopia.

— Não escute sua avó, Bret. Ela enxerga tudo.

— Não quer jogar, também, dr. Liam?

Ele acenou que não. Agitou o cabelo do filho, um gesto para substituir o tempo e a intimidade, mas era tudo o que conseguia fazer.

— Tem certeza, papai? — O desapontamento de Bret era óbvio.

— Tenho, filho. Talvez mais tarde.

Liam se dirigiu às escadas.

— Dr. Liam, espere! — Rosa se levantou e o seguiu até a sala de jantar.

Lá, na sala escura e silenciosa, ela o encarou.

— As crianças... elas estão muito quietas hoje. Está acontecendo alguma coisa...

— É o nosso décimo aniversário de casamento. Elas sabiam que eu ia presentear Mik com passagens para as festas de fim de ano em Paris. Era uma surpresa.

Os olhos de Rosa ficaram ainda mais tristes.

— Mikaela tem sorte por estar casada com o senhor, dr. Liam. Não sei se já lhe disse isso.

Liam sabia que Rosa pensava mesmo assim.

— Obrigado, Rosa. Eu...

— Dr. Liam, venha jogar conosco. Vai ajudar.

— Não. Eu preciso encontrar um vestido para Jacey usar no baile. Vou procurar no armário de Mik.

Rosa parecia ter mais alguma coisa a dizer, mas terminou sevirando e voltando ao jogo com o neto.

Liam foi à cozinha e preparou uma bebida. Subiu as escadas, então, ouvindo música vinda do quarto de Jacey.

Entrou em seu quarto e acendeu as luzes. O quarto, apesar de desarrumado, com a cama por fazer, sapatos e roupas e toalhas de banho pelo chão, lhe deu boas-vindas como sempre acontecia. Fixou o olhar no *closet* de Mik. Não tinha entrado lá desde o dia do acidente, quando então enchera uma mala com algumas roupas de que ela poderia precisar no hospital.

Atravessou o quarto e parou diante da porta do *closet*. Finalmente girou a maçaneta. A porta rangeu e abriu-se com facilidade. Um espelho do teto ao assoalho mostrou a imagem dele. No armário, os

vestidos estavam pendurados em uma ordem especial, cobertos por sacos de plástico, as cores organizadas tão precisamente como se fosse a paleta de um artista. Localizou as roupas de noite.

Levou um minuto para conseguir se mover. Finalmente começou a abrir cada um dos sacos plásticos, em busca do vestido que Mik usara no baile dos policiais. Na sexta capa, pensou tê-lo encontrado, já que sua mão tocara em uma seda macia. Mas era uma almofada, cuidadosamente pendurada.

Estranhando, ele a abaixou. A almofada era diferente das que usavam na casa. Em um dos cantos estavam bordadas as iniciais MLT.

Mikaela Luna... *Alguma coisa.*

O coração de Liam deu um pulo em falso. Aquilo pertencia à vida de Mik antes de conhecê-lo. Deveria largar aquilo, fechar o zíper e esquecer sua existência. Sabia disso porque suas mãos começaram a suar e uma sensação estranha percorreu-lhe a espinha.

Durante anos, ele sempre quisera fazer algumas perguntas a Mik, especialmente quando via os olhos da esposa tomados por uma estranha melancolia. Quando perguntava por que estava assim, ela dizia que estava pensando em coisas passadas, mas que não tinha mais importância alguma.

Mas o passado continuava a importar, claro. Caso contrário, aquela almofada não estaria ali. O passado de Mikaela estava ali, dentro do *closet*. E como Pandora, ele simplesmente tinha de olhar. Ainda assim, descobrir os segredos da esposa o assustava. Criou coragem e virou a almofada para baixo. Pela abertura, caíram fotografias, artigos de jornais e documentos, todos dobrados e amarelados. A última coisa que saiu dali foi um anel, um anel de casamento com um enorme diamante. Liam ficou olhando a joia por tanto tempo que sua visão embaralhou, e então ele viu que havia também uma fina aliança de ouro.

Não quero diamantes, Liam, Mikaela dissera quando iam se casar, e ele pensara que ela não se importava com essas coisas. A verdade era que ela já tinha diamantes. Empurrando de lado o anel, ele viu a fotografia, uma foto colorida impressa. Metade dela estava coberta; tudo o que ele podia ver era Mikaela em um vestido de noiva. O

noivo estava escondido atrás de um artigo de jornal preso ali. Liam queria olhar o rosto, mas suas mãos tremiam demais. Pensou que não deveria tocar naquilo, que deveria deixar o artigo de lado, que o homem da outra metade da foto não existia.

Mal reconheceu Mikaela. Os longos cabelos pretos brilhavam como diamantes, a maquiagem acentuava o formato felino de seus olhos castanhos. O vestido sem mangas que ela usava era de um branco suave, completamente diferente do traje conservador que ela usara em seu segundo casamento. Havia oceanos de pérolas e contas costuradas no tecido de seda, tantas que o vestido parecia ser feito de diamantes e flocos de neve.

Ela, *sua esposa*, era uma mulher que ele nunca vira antes, e isso doía, mas a dor não era nada em comparação com o que sentia ao olhar para o sorriso dela. Mikaela nunca sorrira daquele jeito para ele, como se o mundo fosse uma joia brilhante que tivesse acabado de ser colocada em sua mão.

Bem devagar, ele tirou o artigo de jornal e viu o rosto do noivo.

Julian True.

Por um momento, Liam não conseguiu respirar. Nem mesmo sentia seu coração bater.

— Jesus Cristo — ele murmurou, sem saber se as palavras eram um insulto ou uma prece.

Mik tinha sido casada com Julian True, um dos artistas mais famosos do mundo.

CAPÍTULO II

— Pai! O jantar está na mesa!

Liam levantou-se sem muita firmeza e se afastou das fotos que estavam espalhadas no chão. Não havia motivos para ficar ali. As coisas que acabara de ver não mudariam, e ele carregaria aquelas imagens em seu coração pelo resto da vida.

Encostou-se por um momento contra a porta do quarto, depois desceu as escadas, respirando fundo antes de entrar na sala de jantar.

As crianças já estavam sentadas à mesa.

— Olá, papai — Jacey disse sorrindo.

Ela se parecia tanto com Mik que Liam estremeceu. Rosa apareceu, trazendo uma travessa com salada e um frasco de molho.

— Que bom que já está aqui. Sente-se, dr. Liam — convidou ela, enquanto colocava a travessa em cima da mesa e sentava-se em seu lugar.

Como sempre, nenhum deles olhava para a cadeira vazia no lado oposto da mesa.

Liam conseguiu superar o jantar como um autômato. Forçou a boca seca a sorrir. Podia sentir o modo como Jacey e Rosa olhavam para ele. Tentou agir como se fosse um jantar normal, pelo menos tão normal como aqueles que vinham tendo nos últimos tempos.

— Papai?

Ele olhou para o prato, percebendo que tinha se servido de comida demais.

— Sim, Jacey?

— Encontrou o vestido para mim?

— Oh, sim, querida. Eu o encontrei.

Ela sorriu.

— Que bom, papai.

Papai.

A palavra o perturbou.

Jacey o chamava assim desde o começo. Era uma coisinha pequena, uma menininha de quatro anos de idade e cabelo preso em um rabinho de cavalo.

Lembrava-se do dia em que Mik aparecera na clínica, levando Jacey. Fazia poucos meses que o pai dele tinha morrido, e ele vinha buscando uma desculpa para falar com Mikaela de novo.

Jacey estava com febre alta e convulsões.

— Ajude-nos! — Mikaela pedira.

Liam tinha cancelado suas consultas e corraera ao pronto-socorro com as duas. Tinha ficado na sala de cirurgia, observando o cirurgião abrir o abdômen de Jacey e extrair dali o apêndice. O rosto dele foi a última coisa que ela vira antes de a anestesia fazê-la dormir, e a primeira que ela vira quando acordara na sala de recuperação. Ele transferira seus pacientes para um colega e passara os três dias seguintes no hospital com Mikaela e Jacey.

Ele havia se sentado na cafeteria do hospital conversando com Mik por horas sem fim, escutando-a expor seus medos, suas preocupações.

— Ela vai ficar bem — ele garantira. — Confie em mim.

Então ela levantara o olhar, as lágrimas escorrendo pelo rosto e a boca tremendo.

— Confio em você, Liam.

E esse havia sido o começo de sua história de amor. Fazia tanto tempo que Jacey o chamava de papai que ele se esquecera que havia outro pai longe dali.

— Papai... *Papai!* Vai me levar no treino de basquete, não vai? — indagou Bret.

— Claro, Bret.

O menino então começou a conversar com a irmã. Liam tentou prestar atenção, mas não conseguiu. Uma simples sentença continuava a soar em sua mente. *Ela foi casada com Julian True.*

Notou então que Rosa o observava.

— Quer me dizer alguma coisa, Rosa?

Ela piscou, obviamente surpresa com o tom de voz dele. Lembrou-se de que precisava fingir que tudo estava bem, mas não tinha forças para isso.

— *Si*, dr. Liam. Eu gostaria de falar com o senhor... em particular.
Ele suspirou.

— Claro. Depois que as crianças forem para a cama.

Liam sabia que Rosa o estava esperando para a "conversa" deles, mas ainda não estava pronto. Passara a última hora lendo para Bret, depois dando boa-noite para Jacey e em seguida tomando um banho quente.

Jacey estava agora em seu quarto, provavelmente falando ao telefone com uma de suas amigas ou experimentando o vestido da mãe. Liam não tinha ido vê-la com o vestido, pois não sabia qual seria sua própria reação. Jacey se parecia demais com a mãe.

Queria ficar sozinho. Daria tudo para conseguir descer, sentar-se ao piano e tocar alguma música bem triste.

Queria ficar com raiva, perder o controle e começar a gritar. Mas não era esse tipo de homem. Seu amor por Mikaela era maior do que simples emoção; era a soma total de quem ele era. Bem devagar, desceu as escadas. O piano estava na sala de visitas vazia como um amante esquecido.

Fechou os olhos e lembrou-se de quando havia música naquela sala todas as noites. Quase podia ouvir o ranger do banquinho quando Mik se sentava a seu lado. Agora a sala estava vazia e silenciosa.

Foi até o piano e sentou-se no banquinho. Apertou uma das teclas.

Sra. Julian True...

— Dr. Liam?

Ele se assustou, a mão batendo forte contra o teclado e produzindo um som dissonante. Rosa estava debaixo do arco que separava as salas. A última coisa que Liam desejava naquele momento era conversar com a sogra. Se abrisse a porta para a intimidade, ele poderia fazer a pergunta que o estava matando: *Ela me ama de verdade, Rosa?*

E Deus o ajudasse, ele não estava preparado para ouvir a resposta.

— *Lo siento*, não pretendia perturbá-lo.

Liam olhou para a sogra; as mãos dela tremiam, e ela batia o pé direito no chão. Sentiu um súbito medo de que ela soubesse o que ele descobrira, que lhe falasse sobre o passado de Mikaela, que contasse mais do que ele queria saber. Levantou-se e se aproximou da mulher. Na pálida luz da sala, ela parecia incrivelmente frágil, sua pele quase transparente.

— Sim, Rosa?

Os olhos negros dela estavam cheios de tristeza. Liam sabia que Rosa conhecia a dor de um coração partido.

— O aniversário de casamento... deve ter sido muito difícil para o senhor. Pensei... talvez, se eu não estiver metendo o nariz onde não sou chamada... pensei que poderíamos assistir a um filme juntos. Bret me emprestou o seu favorito: *Dumbo*. Ele diz que vai me fazer rir.

A ideia de Rosa assistindo ao filme *Dumbo* era tão absurda que Liam acabou rindo.

— Obrigado, Rosa. Mas hoje não.

— Não desista, por favor, dr. Liam.

— Estou desesperado, Rosa.

Era verdade. Sua esposa... a mulher que lhe escondia tantos segredos... estava presa à vida por um fio.

— Não, dr. Liam. O senhor é o homem mais forte que eu conheço.

Infelizmente, não era assim que ele se sentia. Na verdade tinha a impressão de que se partiria em pedaços. Sabia que se ficasse ali mais um momento, sentindo a compaixão de Rosa, acabaria fazendo a pergunta: *Ela me ama de verdade, Rosa?*

Ao se mover de súbito, derrubou uma cadeira no caminho.

— Preciso ir ao hospital.

— Mas...

— Agora. Preciso ver minha esposa.

A sala de emergência estava cheia naquela noite. Liam correu ao quarto de Mik. Ela estava deitada como uma princesa, deslocada naquele leito de hospital, o peito subindo e descendo regularmente.

— Ah, Mik — ele murmurou, aproximando-se.

Ela era ainda linda. Havia momentos em que ele fingia que Mik estava simplesmente dormindo, que era uma manhã comum, e que a qualquer momento ela acordaria. Não naquela noite, porém.

— Eu me apaixonei por você no instante em que a vi — confessou, pegando-lhe a mão.

Mesmo então, ele soubera que ela fugia de alguma coisa... ou de alguém. Era óbvio. Mas o que isso lhe importava? Ele sabia o que queria. Mikaela e Jacey e uma nova vida em Last Bend. Um amor que duraria para sempre. Ele desconhecia o passado de Mikaela. Como poderia? Não era do tipo que lia revistas de celebridades, e mesmo que fosse, duvidava que tivesse se interessado por algum artigo sobre Kayla True, uma mulher que não significava nada para ele.

Depois que Jacey tinha se recuperado da cirurgia, ele soubera por que Mik o procurava, a razão pela qual tinha aceitado ir para a cama dele e se deixado beijar. Era um pequeno pássaro solitário e frágil, e ele lhe tinha construído um ninho. Com o tempo, ela voltara a sorrir. E cada dia que passava com ela era uma bênção.

Liam fechou os olhos e buscou as lembranças. A primeira vez em que a beijara, naquele domingo ensolarado em Angel Falls... O dia em que Bret nascera e a enfermeira o havia colocado em seus braços... O dia em que pedira Mik em casamento...

Eram as lembranças desse dia o que mais o fazia sofrer.

Estavam mais uma vez junto à cachoeira, ao lado do lago de águas verdes. Havia lágrimas nos olhos de Mik quando lhe contara que estava grávida.

Ele se controlara para não inclinar a cabeça para trás e rir de alegria, mas apenas a tocara no rosto e a pedira em casamento.

— Já fui casada antes — ela respondera, uma lágrima escorrendo pelo rosto.

— Tudo bem — fora a resposta dele.

— Mas é importante...

Ele sabia disso, claro.

— Amei esse homem com todo o meu coração e alma — ela confessara. — Temo que o amarei até morrer.

— Entendo.

Mikaela se ajoelhou ao lado dele.

— Há coisas que nunca vou poder dizer a você...

Liam fitou o rosto imóvel de Mik, na cama de hospital.

— Eu não me importei com isso, não foi, Mik? Eu tinha quarenta anos de idade e já tinha visto muita coisa na vida. Antes de conhecer você, eu tinha desistido do amor, sabia? Cresci à sombra de um homem grandioso... Eu sabia que nem de longe me comparava a meu pai, que ao lado dele eu era uma pedra de pouco valor ao lado de um diamante.

Liam balançou a cabeça.

— Quando nos conhecemos, você já conhecia meu pai. Eu achei que finalmente tinha encontrado alguém que não faria comparações entre nós dois. Mas era porque você já tinha o seu diamante, não é, Mik? E eu ainda era uma pedra sem valor algum.

Mas ele não lhe dissera nada disso quando a pedira em casamento. Mikaela já lhe contara que tinha encontrado, e perdido, o amor de sua vida. Tudo o que Liam dissera era que a amava, e que se ela pudesse retribuir mesmo com um pouquinho de amor, eles seriam felizes.

Ele sabia que Mik queria deixar tudo claro entre eles.

Nunca vou mentir para você, Liam, e nunca lhe serei infiel. Serei uma boa esposa.

E ele dissera então que a amava, vendo-a chorar. Acreditara que, com o passar dos anos, ela começara a amá-lo de verdade, mas agora tinha dúvidas quanto a isso. Talvez ela gostasse dele. Só isso.

— Você deveria ter me contado, Mik. Encontrei a sua almofada. As fotos, os recortes. Sei sobre... ele.

Acariciou a mão da esposa.

— Entendo por que não me contou nada. Mesmo assim, isso me magoa, Mik. E não sei o que fazer agora.

Liam se inclinou sobre a cama.

— Alguma vez você me amou, Mik? Como posso continuar a viver sem ter essa certeza? Oh, Deus, como posso sequer me equiparar a Julian True? — questionou ele, desesperado.

Mikaela piscou.

Liam arregalou os olhos.

— Mik... pode me ouvir? Pisque se estiver me ouvindo. — Com uma das mãos, ele apertou a campainha, chamando a enfermeira.

Em segundos, Sarah entrou correndo no quarto.

— Dr. Campbell, ela...

— Ela piscou.

Sarah chegou bem perto da cama, observando Mik primeiro, depois Liam.

Mik estava imóvel, os olhos fechados.

— Vamos, Mik. Pisque se estiver me ouvindo.

Sarah checou cada máquina, uma por uma, então se aproximou de Liam.

— Talvez tenha sido um reflexo. Ou talvez...

— Não foi minha imaginação! Ela piscou...

— Talvez eu devesse chamar o dr. Penn.

— Faça isso.

Ele largou a mão de Mik apenas por um momento para poder apertar o botão do aparelho de som. A música invadiu o quarto.

Segurou-lhe a mão novamente, as duas dessa vez, conversando com ela, dizendo a mesma coisa, repetidas vezes. Ele estava ainda falando, implorando por uma reação, quando Stephen entrou no quarto.

Ele examinou Mik, e então saiu em silêncio.

Liam continuou falando, até ficar rouco e não haver mais nada que ele pudesse implorar. Então inclinou a cabeça, derrotado.

Por favor, Deus... ajude Mik.

Mas bem no fundo ele sabia. Não tinha sido Deus que ajudara Mikaela a piscar. Tinha sido um nome, apenas isso, depois de todas aquelas semanas, apenas um nome. Quando ela ouvira esse nome, reagira de imediato. Julian True.

Ela flutuava em um mar cinza e negro... havia o cheiro de alguma coisa... flores... e uma música que ela quase podiareconhecer.

Queria tocar a música, mas não tinha braços... nem pernas... nem olhos. Tudo o que podia sentir eram os batimentos de seu coração.

Muito rápidos, como os de um filhote de passarinho, e ela podia sentir o gosto metálico do limiar do medo.

— Você deveria ter me contado.

Era uma voz que ela conhecia de algum lugar, de alguma época, mas onde ela estava não havia antes, não havia o agora. Havia apenas a escuridão, o medo, a sensação de querer alguma coisa...

— Julian True.

Julian. A palavra parecia penetrar bem fundo, o suficiente para fazer seu coração bater mais forte, e ela queria pegá-la e apertá-la contra o peito.

Julian. Em algum momento turvo de sua vida, aquele nome estivera ligado a outra palavra, da qual ela se lembrava bem.

Amor.

Na manhã seguinte, Rosa terminava de lavar a louça do café da manhã quando o telefone tocou... e tocou... e tocou. Estremecendo, ela correu ao pé da escada para chamar o dr. Liam para atender.

Na outra sala, a secretária eletrônica acendeu, e Rosa ficou momentaneamente surpresa ao ouvir a voz da filha. Por um segundo, sentiu esperança... Então percebeu que era uma mensagem gravada.

— Rosa? Você está aí? Pegue o telefone. Sou eu, Liam.

Ela jogou o pano de prato no ombro e correu para atender.

— *Hola!*

— As crianças já saíram para a escola?

— O ônibus de Bret acabou de sair daqui.

— Bom. Venha para o hospital.

— Mikaela...

— Está do mesmo jeito. Apenas se apresse. — Ele parou de falar por um instante. — Por favor, Rosa. Venha depressa.

— Estou saindo.

Liam nem mesmo se despediu antes que ela ouvisse o zumbido no ouvido, sinal de que o telefone tinha sido desligado.

Pegou as chaves do carro e a bolsa.

Lá fora a neve brilhava, obrigando-a a dirigir devagar. Pelo caminho até a cidade e depois para o hospital, ela tentou ter esperanças. Mas o dr. Liam parecia aborrecido. Ele era um homem silencioso e forte, não costumava se alterar nem mesmo quando as notícias eram ruins, e a emoção que detectara em sua voz a deixara assustada.

Estacionou em uma vaga para visitantes e pegou o casaco. Foi quando percebeu que ainda estava com o pano de prato molhado sobre o ombro e nem havia penteado o cabelo para sair. Enquanto atravessava o estacionamento, passou a mão pelos cabelos desarrumados.

Apressou-se a chegar ao quarto de Mikaela. Parou na porta e respirou fundo, fazendo uma breve prece à Virgem Maria, antes de entrar.

Tudo parecia igual. Mikaela estava na cama, e a luz do sol que entrava pelas cortinas parcialmente abertas deixava uma marca amarela no chão de linóleo.

Liam estava sentado em uma cadeira junto à cama. Usava as mesmas roupas do dia anterior. Olheiras marcavam seus olhos cansados.

— O senhor dormiu aqui esta noite — ela disse. — Por que... — O olhar do genro era tão frio e estranho que ela se calou antes de completar a frase. — Dr. Liam?

— Julian True.

Rosa engasgou, e suas pernas fraquejaram.

— *Perdon?*

— Você me ouviu. Eu disse o nome dele.

Rosa levou a mão trêmula ao peito.

— Por que... — Com a garganta seca, ela demorou para conseguir falar. — Por que disse esse nome para mim agora?

— Ontem à noite, quando eu estava procurando o vestido de Mik, encontrei uma capa de almofada escondida no armário. Estava cheia de fotos e recortes de jornal... e um anel de brilhante. — Liam se levantou e se aproximou da sogra. — Conheço o nome dele, claro, todos conhecem, mas eu não fazia ideia de que...

Ele balançou a cabeça, e Rosa forçou um sorriso.

— O senhor deve ter se apaixonado por alguma mulher antes de Mikaela...

— Não pela Sharon Stone.

Por fim, ela criou coragem de encarar o genro.

— Esqueça isso, dr. Liam. É uma história antiga. O senhor sabia que ela tinha sido casada antes.

— É mais que uma história, e você sabe disso, Rosa.

— Como assim?

— Eu disse o nome dele para Mikaela. Apenas isso, o nome dele. E ela piscou. Agora, isso pode não significar grande coisa, mas depois de todas estas semanas, é uma grande coincidência, não acha?

— Ela piscou?

— Sim. Todo este tempo, fiquei falando com ela, segurando sua mão, escovando seu cabelo e cantando canções de amor. Por quê? Porque você me fez acreditar que o amor poderia alcançá-la. Mas não é o meu amor que pode fazer isso, Rosa. Nem o seu. Apenas o nome de um homem.

— *Madre de Dios!* — Rosa se segurou na guarda da cama e ficou olhando a filha adormecida. — Mikita, está nos ouvindo, querida? Pisque se estiver.

Liam suspirou.

— Ela está nos ouvindo. Apenas estivemos dizendo as palavras erradas.

Rosa queria cobrir os ouvidos. Não queria escutar o que Liam ia dizer e, no entanto, não conseguiu deixar de fazer a pergunta que lhe passava pela cabeça.

— O que acha que devemos dizer a ela?

— Talvez não sobre o nosso amor por ela. Talvez sobre o amor dela... por ele.

— Não...

— Quero que fale com ela sobre Julian. Diga tudo o que sabe sobre os dois. Faça-a lembrar-se de como amava Julian. Talvez isso a traga de volta para nós.

Rosa encarou o genro. Podia sentir o modo como sua boca estava tremendo, assim como seus dedos. Não conseguia se controlar.

— Isso é muito perigoso...

— acredite em mim, se ela acordar por causa de Julian... — Ele passou a mão pelos cabelos e fechou os olhos.

Rosa podia imaginar como aquilo tudo devia magoá-lo.

— É a vida dela — Liam falou por fim. — Temos de tentar tudo para alcançá-la.

Rosa queria poder discordar.

— Tentarei isso, dizer a ela quem costumava ser e a quem amava, mas somente se o senhor lembrar sempre com quem ela está casada agora.

Liam fez menção de dizer alguma coisa, mas apenas se voltou e caminhou até a janela. Rosa ficou olhando para ele.

— Não vai ficar no quarto, vai, dr. Liam? Isso pode ser muito doloroso.

Ele não se virou.

— Vou ficar. Penso que tenha chegado a hora de eu conhecer a minha mulher.

Rosa ficou parada ao lado da cama, apertando sua medalhinha de prata de São Cristóvão. Bem devagar, fechou os olhos. Por quinze anos, ela não se permitira relembrar aquele tempo. Era como costumava dizer, "aquele tempo", quando Julian True entrara na vida das duas e mudara tudo.

Somente agora percebia que as lembranças sempre haviam estado perto demais. Algumas coisas nunca eram esquecidas. Procurou trazer à mente a imagem de Mikaela, com vinte e um anos de idade, brilhantes olhos castanhos, longos cabelos negros, uma flor vibrante em uma cidade quente e desolada, onde ostrabalhadores imigrantes viviam aos montes dentro de casas sem encanamento. Uma cidade que discriminava os pobres, que os isolava. E Mikaela, filha bastarda, e mexicana por parte de mãe, não era bem-vinda em nenhum dos lados.

Estavam no auge do verão, naquele dia em que Julian entrara na vida das duas. Mikaela tinha terminado o segundo ano da faculdade local. Ela ganhara uma bolsa de estudos para a Universidade de Washington em Bellingham, mas Rosa sabia que a filha ambicionava algo maior. Harvard. Cambridge. Sorbonne. Estas eram as

universidades que atraíam Mikaela, mas ambas sabiam que meninas como ela não estudavam em instituições desse nível.

Era culpa de Rosa que Mikaela se sentisse assim tão sozinha. Durante anos, Mik esperara que o pai a reconhecesse oficialmente. Como isso não acontecera, ela sentira ódio pelo pai. Com o tempo, essa fase também passara.

Ela sonhava em ir a algum outro lugar onde não fosse mais a garçõete mexicana, uma filha bastarda. Costumava dizer a Rosa que estava cansada de olhar através de janelas sujas a vida das outras pessoas.

As duas estavam trabalhando em um jantar em uma tarde bem quente...

— Querida, se lavar a mesa de novo, ela vai desaparecer.

Mikaela continuou a esfregar a mesa amarela de fórmica.

— Sabe como o sr. Gruber gosta da mesa limpa, mama, e ele deve estar chegando para almoçar. Vou mandar Joe começar a preparar o rosbife...

As palavras de Mikaela sumiram diante de um barulho que parecia ser o de um terremoto. Mikaela correu até a janela. Era meio-dia e estava quente demais para haver gente na rua. O som se aproximou mais e ficou ainda mais alto. Três helicópteros surgiram no céu azul e então aterrissaram.

Um silêncio profundo pairou no ar, as janelas pararam de tremer. Uma limusine surgiu, levantando uma nuvem de poeira, como se estivesse saindo de um sonho. Nenhum carro podia chegar a Sunville assim tão limpo e brilhante, não depois de percorrer as estradas de Yakima.

Mikaela pressionou o rosto no vidro.

Três limusines estacionaram diante da prefeitura. Ninguém saiu dos carros, e os motores continuaram ligados. A poeira foi assentando aos poucos.

Finalmente, uma a uma, as pessoas foram saindo das lojas e pararam na calçada, olhando entre si, apontando para os carros que ali eram tão estranhos e inesperados como naves espaciais.

Rosa e Mikaela correram para a porta do restaurante.

O silêncio envolveu a multidão, e então uma das portas se abriu. Estranhos em ternos pretos e óculos escuros emergiram dos carros, um após o outro. E então ele apareceu.

Um grito de reconhecimento irrompeu na multidão.

— Oh, meu Deus, é Julian True! — alguém gritou.

Ele ficou ali parado, elegante, acostumado com os olhares das pessoas. Alto e esbelto, parecia um anjo rebelde caído dos céus. Usava camisa preta e jeans rasgados na altura dos joelhos.

A multidão moveu-se em direção a ele, gritando. Um nome soou na confusão.

Julian True... Era ele... Julian True, em Sunville!

Então surgiram os pedidos. "Aqui!" "Autografe minha camiseta..." "meu caderno..." "meu guardanapo..."

Rosa se voltou para dizer alguma coisa a Mikaela, mas as palavras ficaram presas na garganta. A filha parecia hipnotizada. Então Mikaela deu um passo para dentro do restaurante e olhou em volta. Rosa sabia que a filha estava notando o chão rachado, a gordura grudada em toda parte. Estava vendo o restaurante sob os olhos daquele estranho, e estava envergonhada.

Rosa se afastou da porta e voltou ao trabalho. Mikaela seguiu para o balcão e começou a encher os potes de açúcar.

De repente, o sino da porta tocou, e lá estava ele.

Mikaela deixou cair o pote de açúcar na mesa e ruborizou.

Ele dirigiu um sorriso a Mikaela, um sorriso que Rosa reconheceu como um velho clichê, algo como o sol surgindo por entre as nuvens. Em seguida, Julian olhou para Mikaela como se ela fosse a única mulher do mundo.

— Posso ajudá-lo?

— Bem, lindinha, nós viajamos por horas em uma das piores estradas que já conheci. Gostaria que me servisse uma cerveja e um sanduíche e me mostrasse onde eu posso comer em paz — ele disse, naquele famoso sotaque texano.

Esse tinha sido o começo.

Rosa abriu os olhos. Podia sentir Liam atrás dela, ouvir sua respiração, e sabia que ficara quieta tempo demais.

— *Hola, Mikita* — ela disse baixinho. — *Estoy aqui.* — Respirou fundo e começou. — Lembra-se do dia em que o conheceu, querida? Julian True?

Mikaela respirou fundo, e os cílios bateram. Rosa se sentiu esperançosa.

— Estávamos no restaurante, nós duas, trabalhando no turno do almoço. Escutamos um barulho que nunca tínhamos ouvido antes. Helicópteros, em nossa pequena cidade. E então ele apareceu. Ah, o modo como olhou para você, como se fosse a única mulher no mundo! Até eu senti o encanto dele. Julian não era como qualquer outro homem que tivéssemos visto antes... Você achou que eu fosse velha demais para entender o que estava pensando, Mikaela, mas eu podia ver em seus olhos. Pensava que era a Gata Borracheira, toda coberta de sujeira, e ali estava um príncipe.

Rosa fez uma pausa e então continuou:

— Ele a chamou de "lindinha", lembra-se? *Dios*, eu nunca tinha visto você sorrir daquele jeito. Ele começou a chamá-la de Kayla desde o começo. Kayla dos cabelos negros como a meia-noite, esse foi o apelido que ele lhe deu, *recuerdes?* Eu odiei que ele lhe tivesse dado o nome de uma *gringa* e que você o aceitasse... mas não importava o que eu pensava, não depois que você o conheceu. Quando ele a beijou pela primeira vez, você me disse que se sentiu como se estivesse pulando de um arranha-céu. Eu lhe disse que uma queda assim mataria uma menina. Lembra-se da sua resposta? "Ah, *mama*, mas algumas vezes vale a pena voar..."

Rosa se inclinou e tocou o rosto da filha.

— Eu a vi se apaixonar por esse homem com rosto de anjo. Sabia que haveria dor no fim daquilo tudo. Dor suficiente para uma vida inteira. Eu lhe disse que ele não era bom para você. Lembra-se do que me respondeu? Pediu que eu não me preocupasse e riu. Como se uma mãe pudesse parar de se preocupar tão facilmente! Você pensou que eu não entendia, mas eu era a única que podia entender.

O sorriso de Rosa era de tristeza.

— Você prometeu que não cairia no mesmo conto que eu. Mas eu sabia, querida, eu vi em seus olhos. Você já tinha cometido o

mesmo erro.

A dor de cada nova sentença era aguda, como uma pedra jogada contra a janela. Liam ficou parado, tentando ouvir a história. Compreendeu que não era um amor comum o que Mikaela sentira por Julian True. Isso não era surpresa. Como qualquer coisa sobre aquele homem poderia ser comum? Diamantes e pedras sem valor, mais uma vez.

Liam ficou pensando por que Mikaela guardara segredo. Não somente quanto à identidade de Julian, mas sobre centenas de pequenas coisas. O baile de formatura a que ela não tinha ido, as lembranças que não havia compartilhado... Mas isso fazia parte da história *dela*.

Ele se contentara com pouco. Pensara que o que importava era o seu grande amor, que isso a faria rir de novo. Por que nunca lhe perguntara sobre seus sonhos?

Provavelmente, bem no fundo, tivera receio de ouvir resposta. E assim, com medo da verdade, ficara em silêncio, confortado pelas palavras não ditas, pelas perguntas não feitas.

Mas e agora que ele sabia? Não tinha mais certeza se acreditava que ela o amara. Não agora que tinha visto a grandiosidade do que ela escondera.

Rosa se voltou subitamente, e Liam percebeu que ela parara de falar. O quarto estava imerso em um silêncio mortal, o único ruído era o dos monitores.

— Ela não piscou de novo, dr. Liam.

Ele chegou até a cama. Dessa vez, quando olhou para a esposa, viu uma estranha. *Kayla*. Pegou-lhe a mão e segurou-a gentilmente.

— Ela nunca me contou nada disso, Rosa. Por que a deixei guardar esses segredos?

— O senhor vem de uma família com dinheiro. É um médico de Harvard. Não pode entender como era a nossa vida — disse ela ao se levantar. — Mikaela tinha muitos sonhos, mas não sabia como torná-los realidade. Mesmo o pai dela não lhe dedicava amor algum. Eu fui para Sunville colher maçãs quando era uma menina. Meu pai morreu quando eu tinha onze anos. Ele teve uma gripe forte. Não havia dinheiro para comprar remédios, e nenhum médico para tratá-

lo. Acabei me envolvendo com um homem. Ah, esse foi meu grande pecado, mas eu não me importava. Eu estava apaixonada. Temo ter ensinado à minha filha que uma mulher deve esperar para sempre pelo homem que ama.

Liam percebeu a tristeza na voz de Rosa. Ela se voltou e seus olhares se encontraram.

— *Lo siento* — ela murmurou, afastando o cabelo do rosto. — Talvez agora pense mal de mim.

— Ah, Rosa, agora sei o que é estar apaixonado por alguém que pertence a outra pessoa.

— Ela se casou com o senhor.

— É verdade, construímos alguma coisa. Acho que, no fundo, eu sempre soube que uma parte do coração de Mik estava fora dos meus limites. Mas eu a amava tanto, e a Jacey, e depois a Bret. E ela parecia feliz. Talvez até fosse.

— Ela foi feliz, eu sei.

— Nem mesmo a conheço — lamentou Liam, olhando para a esposa. — Mik? — Ele disse o nome sem a habitual ternura. Dessa vez falava com ela como se fosse uma estranha. — Chega disso. Volte para nós. Você e eu temos muito que conversar.

— Nada. Talvez tenha sido impressão nossa que ela piscou. Talvez fosse mais um desejo seu — comentou Rosa.

—Acredite em mim, eu desejaria que ela tivesse piscado quando ouviu o meu nome. — Liam se aproximou. — Julian True. Julian True. Julian True.

— Nada.

— Continue falando com ela, Rosa. Você parou quando elase apaixonou.

— Mas o resto da história é triste demais. Talvez faça mal a ela.

— O sofrimento é um estímulo poderoso. Talvez até mais forte do que o amor. Não podemos desistir ainda. Converse com ela.

Rosa suspirou. Era contra o seu instinto falar sobre aquelas coisas, em especial na frente de Liam. Mas e se a filha tivesse piscado? Talvez não fosse nada, mas...

Retomou a história:

— Você o amava tanto, Mikita... Amava-o do jeito que somente as meninas jovens conseguem. Ele tirou seus pés do chão, fez você voar, como você tanto queria. Ele levou embora seu coração e sua virgindade... e então a abandonou.

Rosa afastou os cabelos da filha que cobriam sua testa.

— Eu a observei esperando por ele, dia após dia, noite após noite. Você ficava à janela, esperando um carro aparecer.

Rosa se lembrava daqueles dias com detalhes brutais. Reconhecera seu passado refletido nos olhos da filha. Sabia o que ia acontecer, quando vira Mik andar de cabeça baixa, movendo-se em silêncio. Tentara falar com a filha. Contar que a dor iria embora se ela assim o permitisse. Mas Mikaela não lhe dera ouvidos. E então acontecera. Sem aviso. O restaurante já estava fechado. Ela não conseguia ver Mikaela, mas a ouvia na sala, colocando as cadeiras nos lugares e limpando os cinzeiros.

E então a porta se abriu. Primeiro, tudo o que viu foi escuridão. As luzes estavam apagadas. Havia apenas a placa do restaurante, brilhando em luzes de neon do lado de fora.

E então ela viu Julian, parado no canto da sala. Mikaela estava imóvel diante dele. Rosa soube então que Mikaela venderia sua alma por outro dia em companhia daquele homem.

— Não pude acreditar quando ele a pediu em casamento, *mi hija*. Ele a levou embora de Sunville e colocou o mundo a seus pés. Aparecia nos jornais, na televisão, todo o tempo. Eles a transformaram em uma Kayla de cabelos cor da noite que eu não reconhecia mais como minha filha. Quando fui à Califórnia para o casamento, fiquei totalmente deslocada. Eu queria tanto fazer o vestido, havíamos sonhado com ele tantos anos... Mas, claro, isso não podia ser... não para Kayla.

A voz de Rosa foi sumindo. Ela se voltou para Liam.

— Depois disso, não sei o que aconteceu. Ela tinha segredos também para mim. Eu lia nos jornais sobre Julian estar bebendo, sobre as outras mulheres que ele tinha, mas Mikaela não me contava nada disso. Tudo o que me lembro é que ela me ligou no dia seguinte ao primeiro aniversário de Jacey. Parecia cansada e triste, quando me contou que tudo estava acabado. — Rosa suspirou. —

Mikaela tinha apenas vinte e três anos, mas eu ouvia em sua voz que ela não era mais uma jovem. Amar Julian havia quebrado algo dentro dela, e não tinha sido apenas o seu coração.

Liam suspirou de tristeza. Naquele momento, Rosa desejou ser o tipo de mulher que pudesse dar um abraço solidário no genro.

— Eu sinto tanto, Liam...

Ele se levantou e foi até a cama.

— Ajude-nos, Mik. Faça-nos saber que ainda está aí. Sentimos muito a sua falta, todos nós... eu, Rosa, Jacey, Bret... Julian.

Ela vê alguma coisa flutuar na água turva. É algo pequeno, redondo e branco. O som do mar batendo em seu corpo é tão alto que a impede de ouvir qualquer outra coisa. Em algum lugar no fundo de sua mente ela pensa que deveria ouvir pássaros, gaivotas ou patos, mas o silêncio é infinito e imutável.

Ela sabe que, se pudesse relaxar, flutuaria sobre a água e alcançaria a paz. Ela aprendera isso em seus meses no mar.

Naquele dia podia sentir o cheiro de pimenta e dos pinheiros, um aroma familiar e reconfortante, e agora havia algo mais. Ela respira profundamente e sente uma fragrância feminina, da qual podia quase se lembrar. Tentou se concentrar nisso, nessa imagem concreta de antes, mas a memória não estava presa a nada.

— Ajude-nos, Mik. Faça-nos saber que ainda está aí.

A voz, familiar e não familiar ao mesmo tempo, continua fazendo perguntas que ela não pode responder, em palavras que ela não entende.

Mas então ouviu aquele som novamente.

Julian.

Tenta desesperadamente extrair uma lembrança, mas sua mente confusa não coopera. Se ao menos conseguisse abrir os olhos.

— Sentimos muito a sua falta...

Essas palavras ela entendia, mas a magoavam. Sentir falta. É estar sozinho e com medo... sim, ela entende.

Por favor, Deus, ela reza, ajude-me...

Não consegue se lembrar se deveria haver uma resposta a essas palavras, mas quando não há nada, ela sente que está afundando

na água turbulenta. Está cansada demais para se manter na superfície, e está sentindo falta... sentindo tanta falta...

— Ela está chorando, Jesus Cristo! — Liam pegou uma toalha e secou as lágrimas dos olhos da esposa. — Mik, querida, pode me ouvir?

Ela não respondeu, mas aquelas lágrimas continuaram surgindo e escorrendo, molhando o travesseiro. Liam apertou a campainha chamando a enfermeira e correu para a porta. Quando viu Sarah, gritou para ela chamar o dr. Penn. Então voltou para perto de Mikaela e inclinou-se sobre ela, murmurando-lhe palavras sem parar.

— Vamos, querida, volte para nós!

Stephen Penn apareceu à porta, completamente sem fôlego.

— O que foi, Liam?

— Ela está chorando, Stephen!

O neurologista foi até a cama e olhou Mikaela. Ela ainda estava imóvel, o rosto pálido, mas havia algo escorrendo de seus olhos. Ele tirou uma agulha do bolso, gentilmente pegou o pé de Mikaela e o cutucou.

Mikaela puxou o pé, e um gemido escapou de seus lábios.

Stephen tornou a cobrir o pé de Mikaela e olhou para Liam.

— O coma está regredindo. Isso não significa necessariamente que... — Ele se calou. — Você sabe do que estou falando. Mas talvez alguma coisa a desperte. Seja o que for que esteja fazendo, continue.

Tinha passado bastante da hora de dormir quando Bret escutou uma batida em sua porta. Ele estava sentado no chão do quarto, brincando com seu Nintendo. Liam entrou no quarto.

— Olá, papai. Quer jogar?

— Sabe que sou horrível nisso. Gosto mais do jogo *Guerra nas Estrelas* — disse Liam, pegando um segundo controle.

Bret riu. Adorava olhar o pai jogando. Depois de pouco tempo, Liam se levantou.

— Venha, garoto. Hora de dormir. Desligue o jogo e vá escovar os dentes.

Bret obedeceu. Quando voltou do banheiro, o pai já estava na cama, debaixo das cobertas, com um livro aberto no colo. O abajur no criado-mudo estava aceso.

Bret adorava quando o pai se deitava em sua cama. Então nada o assustava. Correu para se enfiar sob as cobertas.

— Nada disso, amigão. Vista o pijama.

— Mas, pai... — Bret fez uma careta.

— Conheço você. Se dormir com essas roupas, vai acordar e irá para a escola com elas. E me diga, qual foi a última vez que tomou banho?

— Vovó me obrigou a tomar, ontem.

— Está bem. Mas nada de jeans na cama.

Bret tirou sua calça jeans e a jogou em um canto. Sabia que precisaria pegá-la no dia seguinte e vesti-la para ir à escola. Então subiu na cama e se encostou ao pai.

— É o livro do leão.

Bret se enroscou todo e escutou a história. Sentia-se mais calmo quando ouvia a voz do pai. Minutos depois, Liam fechou o livro e apagou a luz. Abraçou o filho bem apertado.

— Acho que deveria visitar sua mãe. É... importante que seja agora. Não é um lugar assustador. Eu não mentiria para você, Bret. Sua mãe está igual ao que era antes, só que está dormindo.

— Jura que ela está viva?

— Juro.

Bret queria acreditar no pai.

— Ela precisa escutar sua voz, Bret. Sei que sente falta do menino mais lindo do mundo inteiro.

Pela primeira vez, Bret ficou pensando que talvez ele pudesse acordar a mãe. Afinal, era mesmo o menino mais lindo, e ela o amava mais do que ao mundo inteiro. Sempre lhe dissera isso.

— Posso cantar para ela. Posso ir vê-la amanhã depois da escola.

A voz do pai soou um pouco trêmula.

— Isso será ótimo. Por que não vem dormir na minha cama esta noite?

Juntos, de mãos dadas, eles deixaram a cama e seguiram para o outro quarto. Enquanto andavam, Bret ficou pensando que música

cantaria para a mãe e então sorriu.

Na manhã seguinte, Bret se levantou cedo e tomou um banho, sem ninguém precisar mandá-lo. Vestiu suas melhores roupas, então foi ao quarto do pai e ficou parado ao lado da cama.

— Papai, acorde... Vamos ver mamãe.

Liam sorriu.

— Está bem, filho. Dê-me cinco minutos para me preparar.

Durante o trajeto até o hospital, Bret ficou se lembrando do sonho que tivera naquela noite. A mãe acordava quando ele lhe dava um daqueles beijos de mãe. Era isso o que ela estivera esperando esse tempo todo. O beijo de mãe.

A coragem de Bret desapareceu ao parar diante da porta do quarto de Mikaela.

— Está tudo bem, Bret. Apenas fale com ela.

Bret entrou e a primeira coisa que viu foi a cama e a sombra da mãe deitada. Não havia luzes acesas. O quarto estava cheio de sombras. Embora temeroso, ele se aproximou devagar.

A mãe estava bonita, o rosto não estava mais machucado. Ele podia imaginá-la acordando... Ela se sentaria na cama, abriria os olhos e o abraçaria.

Como está o menino mais lindo do mundo inteiro?, ela diria, abrindo os braços para ele.

— Pode falar com ela, Bret.

O menino largou a mão do pai e se chegou mais junto à cama, subindo na grade até ficar bem perto da mãe. Então, muito devagar, ele lhe deu o beijo de mãe, exatamente como ela fazia com ele. Um beijo na testa, um na bochecha, e um beijinho borboleta no queixo.

— Sem sonhos maus — ele murmurou, enquanto beijava a ponta do nariz da mãe.

Ela ficou ali, imóvel.

— Vamos, mamãe, abra os olhos. Sou eu, Bret. — Ele respirou fundo e se forçou a cantar, como prometera fazer. Cantou uma música três vezes. Mesmo assim, nada. Deixou a cama e voltou o rosto cheio de lágrimas para o pai. — Ela não acordou, papai.

— Eu sei, mas temos de continuar tentando.

A grandiosidade de um homem se deve às atitudes tomadas em momentos difíceis da vida.

Naquele dia, Liam sabia que precisava tomar uma decisão importante. Vinha pensando na mesma coisa desde o instante em que Mik piscara. Não tinha dúvida de que a decisão afetaria o resto de sua vida. Largou a correspondência que examinava, levantou-se e pegou a jaqueta. Saiu do consultório sem se importar com as consultas marcadas em sua agenda.

Na recepção, Carol deixava a sala de raios X, e acabaram dando um encontrão. Liam sorriu para a moça.

— Vou sair mais cedo.

— Cancelo as consultas. Sua sogra telefonou minutos atrás. Acabou a luz na escola de Bret e as aulas foram canceladas. Ela disse que eles estariam no lago. Se o senhor quiser ir ver Bret patinar...

Liam forçou outro sorriso.

A temperatura externa era exatamente a que Liam precisava para clarear a mente. De uma hora para outra, não queria ir ao hospital e se sentar ao lado da cama da esposa. Tinha passado três longos dias segurando a mão de Mik, repetindo o nome de Julian. Nenhum sinal de esperança. Quando saiu do hospital, sentia-semal, com o orgulho ferido.

Ergueu a gola da jaqueta e seguiu em direção ao lago. Logo viu Bret, que brincava de *skate* com alguns amigos. Rosa estava sentada em um dos bancos perto do lago, sozinha.

Ele cumprimentou os amigos e vizinhos, fingindo não notar a surpresa deles em vê-lo ali. Sentou-se ao lado da sogra sem dizer uma palavra. Não era preciso.

— Papai, papai, olhe para mim! — Bret sacudiu os braços.

Quando Liam levantou a cabeça, Bret começou a fazer piruetas com o *skate*, até que acabou se chocando contra Sharie Lindley e os dois caíram, soltando gargalhadas.

— A vida continua, não é, Rosa? — Ele observou o filho tentando se superar nas manobras.

— *Si.*

— Ela não está melhorando, Rosa,

— *Si. Yo sé.*

— Estivemos falando com ela todos esses dias. Eu repeti o nome de Julian tantas vezes que estou até com medo de dizê-lo enquanto estiver jantando com as crianças. Pensei que talvez Bret pudesse fazer um milagre, mas ele a tem visitado diariamente depois da escola, e... nada.

— Ela precisa de um pouco mais de tempo.

— O tempo não é amigo dela no momento. Está piorando. Diabos, está desaparecendo naqueles lençóis cinza. Andei pensando muito e só há uma decisão que parece certa.

O *pager* de Liam vibrou no cinto. Ele lançou um olhar preocupado para Rosa. Era uma mensagem de Stephen Penn para que ligasse imediatamente.

— Vá com o meu. Está logo ali — ofereceu Rosa, estendendo as chaves do carro.

Ele pegou as chaves.

— Meu carro está no estacionamento do meu consultório, Rosa. As chaves estão no painel. Pegue Bret e Jacey e sigam para o hospital. Isto pode ser...

— Chegaremos logo depois de você.

— Ataque cardíaco.

Liam deixou-se cair na cadeira. Mal tinha forças para levantar o queixo e olhar o médico. Stephen não desviou o olhar.

— Não sei o que lhe dizer, Liam. O coração simplesmente parou. Nós o reanimamos imediatamente, mas isso pode ser um indicador. O corpo dela pode estar diminuindo as funções. Acho que você e as crianças devem se preparar para o pior.

O *pior*. Stephen desejava nunca dizer isso a um de seus pacientes. Liam podia ver a tristeza no olhar do amigo.

— Como se diz a um menino de nove anos que chegou a hora de dizer adeus à mãe? E se eu não lhe disser nada, como é que em nome de Deus vou lhe dizer amanhã que agora é tarde demais para dizer qualquer coisa?

Ao sair da sala de Stephen, encontrou Jacey e Mark na sala de espera. Rosa sentava-se na ponta do sofá. Bret estava encostado em uma das paredes junto à tevê, o rostinho vermelho e água escorrendo dos cabelos.

— Papai? — Jacey viu o pai e largou a mão de Mark.

Liam não podia contar a eles. Não ali, pelo menos, não debaixo daquela luz horrível. Ele contaria a verdade para as crianças no dia seguinte. Talvez acontecesse um milagre nesse ínterim. E se Mikaela não conseguisse resistir à noite... Bem aquela seria outra das muitas escolhas que atormentavam sua alma.

— Ela está bem. Mamãe está bem. Teve um probleminha com o coração, foi isso. Ele falhou algumas poucas batidas, mas tudo está normal agora. — Não olhou para Rosa enquanto falava.

— Posso ir vê-la? — Jacey perguntou.

— Claro que sim, mas somente por um minuto ou dois. É irônico, mas ela precisa descansar.

Jacey concordou e seguiu para a porta. Quando passou por Liam, ele a segurou pelo pulso.

— Ela não parece muito bem, querida.

— Está bem, papai. Voltarei em minutos. — Jacey empalideceu.

— Mamãe está acordada? — Bret quis saber.

— Não, querido, ela não está. — Liam tocou no rosto geladado filho.

— Não quero vê-la agora. Não... desse jeito. — Bret recuou até a parede.

Liam ficou sem saber o que fazer.

— Ei, Bret — Mark chamou, aproximando-se. — Eu prometi um refrigerante, lembra? Que tal agora?

— Posso ir, papai? — indagou o garoto.

Liam sentiu-se como um covarde por optar pela decisão mais fácil, mas concordou. Não podia fingir não estar aliviado. Enfiou a mão no bolso e tirou algumas notas, entregando-as ao filho.

— Podem ir, mas não demorem. Temos de voltar para casa.

Bret enfiou o dinheiro no bolso.

— Está bem. — Então seguiu Mark para fora da sala.

Finalmente Liam se voltou para Rosa. Podia ver pelo olhar dela que estivera esperando por àquele momento.

— Ela está mal, não é?

Ele se sentou ao lado da sogra no sofá de vinil.

— O coração dela parou.

— *Dios mio!* — Rosa respirou fundo.

— Eles a reavivaram bem depressa, o que foi importante.

— Deve haver alguma coisa que possa ser feita. Algum remédio...

— Está com fé em remédios, Rosa? — Liam sorriu tristemente. Ela não conseguiu devolver o sorriso.

— O que vamos fazer?

Ele sabia que vinham dando voltas a essa pergunta, o que era, afinal de contas, o começo.

— Comecei a ter esperança... depois que dissemos o nome de Julian.

Ela piscou.

— Talvez tenha sido coincidência.

— Uma vez, talvez. Mas duas? De jeito algum. O choro foi uma resposta. Tenho certeza disso.

— Mas nós repetimos o nome dele. Conte-i a ela como foi seu casamento com aquele homem milhões de vezes. Ainda assim, nada.

Liam suspirou. Mais uma vez lembrou-se de algo que omantivera acordado na noite anterior, revirando-se na cama vazia. O pensamento o perseguira pela manhã e continuava a atormentá-lo naquele exato momento.

— Vamos ter de tentar outra coisa, Rosa. Algo extremo. Ela não está reagindo às nossas vozes. Acho que não temos muito tempo sobrando agora.

Rosa se voltou, apreensiva.

— No que está pensando?

— Vou ligar para Julian True e lhe pedir para vir ver Mikaela.

— Você não pode fazer isso!

Liam virou-se para a sogra. O rosto da mulher estava branco, os olhos pareciam dois buracos negros.

— Você sabe que não tenho escolha.

— Pode ser... perigoso.

— Acha que ele ainda ama Mikaela?

— Ele nunca a amou, pelo menos eu penso assim. Não tem de fazer isso, Liam. Deus vai acordar Mikaela, se esse for o plano d'Ele. Você precisa tomar conta de sua família. Esse homem pode arruinar tudo. Mikaela fez uma escolha errada há muito tempo. Não faça uma agora.

Ele ficou pensando se a sogra percebera que o chamara pelo primeiro nome. Embora fosse estranho, essa pequena demonstração de intimidade o consolou.

— Você e eu, Rosa, não somos crianças. Sabemos como é fácil errar. Posso ligar para Julian e dar à minha esposa uma chance de vida. Ou posso não ligar para Julian e saber que, por medo de perdê-la, eu a deixei morrer.

Os olhos de Rosa se encheram de lágrimas.

— Não serei capaz de me olhar no espelho, nem olhar para meus filhos, se eu me deixar levar por esse medo. Vou ligar para Julian True. Há um número de telefone do agente dele naquela almofada.

Rosa colocou a mão sobre a do genro.

— Será que ela sabe? Será que minha Mikita sabe que sorte tem por ser casada com você?

Liam sabia que não devia fazer a pergunta, mas não conseguiu controlar.

— Será que ela me amou com a mesma intensidade que a Julian?

Rosa hesitou um instante.

— *Si.* — O sorriso dela era brilhante demais, rápido demais. Liam suspirou.

—Então acho que não temos de nos preocupar com nada.

Beverly Hills. Duas palavras, se separadas sem significado maior, no entanto, combinadas, significavam a expressão de boa vida,

como champanhe e caviar.

Ele tinha chegado a Hollywood como milhares de jovens antes dele, com nada além de um rosto bonito e um sonho. Quisera ser alguém naquele mundo de luzes e sabia que conseguiria. Sempre fora fácil conseguir atenção, mulheres, convites... E costumava aceitar tudo com naturalidade.

Naquela tarde, pisava fundo em sua Ferrari, com a sensação de possuir asas. Parou diante de um novo restaurante. Antes que colocasse a mão na maçaneta, a porta foi aberta por um manobrista.

— Boa tarde, sr. True — disse o rapaz, provavelmente um ator.

Julian lhe dirigiu um sorriso.

— Obrigado, garoto. — Sem outro olhar, seguiu para a porta da frente, que se abriu automaticamente à sua aproximação.

O *maitre* estava ali, todo sorrisos.

— Ela já está à mesa, sr. True.

— Obrigado, Jean Paul. Quando fechar a conta, acrescente cinquenta dólares para o manobrista e outros cinquenta para o porteiro, e cem para você. Isso não vai pesar para a revista *People*.

— *Merci*.

Julian seguiu Jean Paul até a mesa. Sabia que chegava tarde, mas isso não importava. As pessoas, especialmente os repórteres, estavam acostumados a esperar por ele.

Parou, olhando em volta, à procura de algum rosto famoso, algum agente de apostas, algum diretor de estúdio. Infelizmente não havia ninguém àquela hora. O lugar estava praticamente deserto. Isso era ruim.

Ele merecia mais atenção. Afinal, a estreia de seu último filme fora muito bem. Embolsara vinte milhões, e o estúdio ia faturar alto também.

Viu a repórter da *People* sentada à melhor mesa do restaurante. Certamente ela dissera ao *maitre* que ia se encontrar com Julian True.

Ele atravessou o recinto, escutando à sua passagem alguns murmúrios de reconhecimento.

— Olá, Sara Sandler — ele disse ao parar junto à mesa.

— Como vai, sr. True? — ela respondeu, tentando controlar a ansiedade. — Obrigada por vir se encontrar comigo.

Ele sorriu.

— Chame-me de Julian. — Ele sentou-se, esticou as pernas e acendeu um cigarro, observando a moça através da fumaça. — Então, Sara, o que a América quer saber sobre mim?

Val Lightner, o empresário de Julian, abriu a porta de seu apartamento. Sem dúvida, esperava por seu cliente mais famoso para estourar o champanhe.

— Olá, Julian. — Val ergueu o copo de martíni, saudando o ator. — Como foi a entrevista? Ovi dizer que mandaram uma repórter novinha que está em estado de choque até agora.

Julian riu.

— Os telefones têm tocado sem parar desde a estreia.

Julian seguiu Val para dentro do apartamento, onde acontecia uma festa.

— Preciso de uma bebida — Julian disse a ninguém em particular, e em segundos, alguém lhe entregou um copo.

Não importava o que iria beber, contanto que fosse algo forte. Sabia que todos os olhares estavam fixos nele. Os homens queriam estar com ele e as mulheres queriam dormir com ele. E por que não? Ele estava no topo do mundo. Moveu-se pela multidão, rindo e conversando, o olhar constantemente buscando alguém diferente na sala.

Como não viu nada interessante, saiu para procurar o empresário e o encontrou no quarto com uma garota apenas de calcinha vermelha.

— Ei, Julian, diga "olá" para May Sharona. Ela quer conversar com você sobre um papel no filme... — Ele tomou na mão um dos seios da moça. — Qual é mesmo o filme que interessa você, boneca?

A mulher estava falando agora. Julian podia ver seus lábios se movendo, mas não escutou nada. Já ouvira aquela ladainha antes.

— Vou para alguma outra festa. Esta aqui não me interessa. — Julian percebeu um segundo mais tarde que acabara de pisotear os sonhos da moça.

Val não pareceu notar que May Sharona parecia sem ar.

— Ah, tenho uma mensagem para você. Alguém ligou procurando por você. Um médico. Ele disse que precisava falar com você sobre Mikaela Luna. Que tal um brinde ao passado? — Ele levou o copo de martíni aos lábios e tomou um grande gole.

— Um médico? Jesus, o que aconteceu com ela?

— Não sei. Ele apenas disse que queria falar com você.

Julian sentiu algo estranho pressionar seu peito. Kayla.

De todas as mulheres que conhecera, ela fora quem ele amara mais.

— Qual o número?

— Mandeí Susan gravá-lo em sua secretária eletrônica.

— Obrigado.

Julian estava perdido em lembranças. Seu primeiro amor, Kayla. Fazia tanto tempo que não tinha notícias dela que quase se esquecera de sua existência. Quase.

No portão de sua casa, Julian falou pelo interfone. Imediatamente os portões se abriram, revelando um bangalô em estilo espanhol, grande o suficiente para abrigar cinco famílias.

Fazia dez anos que Julian morava ali, dos quais dois com Priscilla, quatro com Dorothea, um com Anastasia. Nenhum com Kayla.

Nenhuma de suas esposas havia acrescentado nada ao interior da casa, nem uma fotografia, ou um abajur, ou um quadro. Haviam entrado ali com nada, acrescentado nada, e saído com alguns milhões de dólares do dinheiro de Julian. Este devia ser um indicativo de seu problema. Importava-se mais com a casa do que com as mulheres com quem tinha se casado e trazido para morarem ali.

A porta se abriu e a governanta, Teresa, surgiu à sua frente, usando seu habitual uniforme.

— *Buenas noches, Señor True.* Como foi a estreia de seu filme?

— Outro sucesso.

Ele deixou Teresa para trás e começou a ir de quarto em quarto. Em algum lugar ali devia haver um porta-retrato de Kayla. Finalmente, na sala de música, encontrou um com a foto dela na estante.

Caiu de joelhos devagar sobre o caro tapete, olhando o retrato de casamento dos dois. Ninguém mais o havia fotografado daquele jeito. Sabia que estava bem melhor aos quarenta anos do que aos vinte e quatro, mas havia algo mais naquele retrato. Compreendeu o que era: honestidade. Ali estava representado o homem que Julian quisera ser.

Fechou os olhos, lembrando-se de Kayla. Eles estavam em sua lua de mel, em um iate no Caribe.

— Diga para mim o seu nome verdadeiro — ela murmurara sorrindo.

Ele sorria também, o seu habitual sorriso de Hollywood.

— Não, não vou dizer.

— Ah, um dia dirá... quando estiver pronto.

Ele tocara em seu rosto, afastando os cabelos rebeldes que insistiam em lhe cobrir os olhos.

— Aquele menino morreu, Kay. Não vai voltar. Eu gosto de ser Julian True. É quem quero ser para você.

— Mas não vê, Julian? Pode ser quem quiser ser, e eu te amarei até morrer.

Ele abriu os olhos e contemplou a foto. Ela o amara como ninguém o havia feito. Havia dito que se Julian se ferisse, ela sangraria. Mesmo agora, quinze anos depois, ele sabia de uma coisa com certeza.

Kayla o tinha amado com paixão.

Liam sentou-se à mesa. Não se importou em acender as luzes, ou acabar com o silêncio tocando algum dos seus CDs. O interfone tocou. A voz de Carol soou agitada.

— Doutor? Está aí?

Ele pressionou o botão.

— Estou aqui, Carol. Pode ir embora. Já terminamos por hoje.

— Não vai acreditar nisso, doutor. Há um homem ao telefone que diz ser Julian True.

— Passe a ligação para cá.

— Sim, doutor.

A luz vermelha começou a piscar. Liam respirou fundo e apertou o botão.

— Aqui é o dr. Campbell.

Houve uma pausa no outro lado da linha.

— Dr. Liam Campbell? Aqui é Julian True. O senhor deixou uma mensagem com meu empresário, Val Lightner, referente a Mikaela Luna...

— Ela se feriu gravemente.

— Como ela está?

— Está em coma.

Outra pausa entre as linhas, e Liam percebeu que Julian estava usando um telefone em um carro.

— Em coma, meu Deus... O que posso fazer? Se for preciso, pagarei as contas do hospital e os melhores médicos do país... Não que eu esteja querendo dizer que o senhor não é um bom médico, mas...

— Ela não precisa do seu dinheiro, sr. True. Eu lhe telefonei porque... bem, ela mostra alguma reação ao escutar o seu nome. Eu... Nós pensamos que talvez, se escutasse a sua voz...

— Será que ela acordaria por minha causa?

Liam não estava preparado para a dor que o invadiu ao ouvir aquela simples pergunta.

— Pensamos que existe essa possibilidade.

— Tenho uma entrevista esta tarde, mas posso estar aí amanhã. Onde ela está?

— No Centro Médico Ian Campbell, em Last Bend, Washington. Cerca de cem quilômetros a leste de Bellingham.

— Está bem, vou mandar Antoinette fazer todos os preparativos para mim.

— Quando chegar ao centro médico, procure por mim. Estarei em meu consultório.

— Está bem.

— Liguei para o médico — Julian disse a Val. — Era sobre Kayla. Ela sofreu um acidente e está em coma.

— Eles precisam de dinheiro para pagar as contas do hospital?

— Não. O médico disse que ela reagiu ao ouvir meu nome. Eles acreditam que ajudaria se eu falasse com ela.

Val passou a mão pelo cabelo, e um sorriso surgiu no canto de sua boca. Julian reconheceu aquele olhar. O empresário já estava pensando em fazer dinheiro com aquela história.

— É como um desses contos de fadas. Um beijo do príncipe encantado acorda a princesa? "O verdadeiro amor acorda a primeira esposa de Julian True". Epa, que manchete de jornal!

— Isto é sério. Vou até lá. Logo depois da entrevista para a *Rolling Stone*.

— Mas temos um monte de outras entrevistas marcadas e...

Julian sorriu. Não havia nada que ele gostasse mais do que surpreender Val.

— Eu não vou sumir. Vou ficar fora da cidade por um dia ou dois. Eu pago a você dois milhões e meio de dólares por ano. Faça por merecer.

— Está bem, Julian. Vá dar uma de "príncipe encantado". Mas volte em dois dias, está bem? — Val sacudiu a cabeça.

— E não quero a imprensa metida nisso. Quero ir sozinho.

As luzes da cozinha estavam apagadas, mas Liam podia ver duas chamas acesas no fogão. O aroma do arroz com frango de Rosa era de dar água na boca. Na sala de jantar, a mesa estava arrumada, com um vaso de plantas ajeitado bem no centro.

Na sala maior havia muitas velas acesas.

— *Buenas noches*, Rosa.

Rosa subia as escadas, parou e se voltou para ele.

— *Buenas noches*, dr. Liam.

— Por que as velas, Rosa?

— Elas não o aborrecem, eu espero. Sei que a casa não é minha...

— *Mi casa es su casa* — ele respondeu. — Apenas me surpreendi com elas. — É tudo por causa de Mik?

Ela meneou a cabeça.

— Também por sua causa, dr. Liam. Pelo senhor e pelas crianças. Falei com Carol hoje. Ela me disse que Julian True ligou para o senhor. Já estão comentando sobre isso na cidade.

— Fofocas quentes. E Julian estará aqui amanhã.

Rosa torceu a boca desaprovando, mas não disse nada.

— Venha até aqui — ele chamou, levando-a até o sofá.

Ela se sentou ereta, os joelhos juntos, o olhar baixo. Liam sentou-se a seu lado, inclinando-se para fazê-la levantar a cabeça.

— Também estou com medo dele, Rosa. Mais medo do que tive em toda a minha vida. Mas eu amo Mikaela. Não posso deixá-la ir sem tentar tudo o que for possível.

Rosa suspirou e tocou a mão do genro.

— Quando ele vier aqui, não quero que conte a Jacey quem ele é. Isso é muito importante. Não pode deixar esse homem magoar a nossa preciosa menina.

Seria fácil não contar nada. O assunto já estava resolvido havia tempo. Seria Mikaela a contar a verdade para a filha.

— Tem razão, Rosa. Não lhe diremos nada ainda.

Levantando-se, decidiu ir falar com Jacey. Parou diante da porta do quarto dela e bateu de leve.

— Entre.

Ele abriu a porta e a achou onde esperava encontrá-la: ao telefone. Ela se despediu e desligou.

— Olá, papai. Como ela está?

— Do mesmo jeito. — Ele se sentou a seu lado e gentilmente lhe pegou a mão. — E como você está?

— Bem.

Liam suspirou. Mesmo que Mikaela se recuperasse, a vida deles estaria mudada. Olhando para a enteada, teve vontade de contar sobre Julian, mas logo freou o impulso. Não seria capaz de lhe causar tamanho sofrimento.

— Você está bem, papai?

Liam sorriu e a abraçou. Ficaram ali por alguns instantes, como se quisessem confirmar o forte sentimento que os unia.

— Eu te amo, Jacey. Vim aqui para lhe dizer isso.

— Eu também te amo, papai.

A cidade parecia um cenário de cinema.

Julian olhou pela janela da limusine. Não podia se lembrar de ter visto um lugar tão simpático.

O carro dobrou uma esquina e Julian olhou para o campo coberto de neve. Logo chegavam a uma enorme casa em estilo vitoriano.

Julian desceu do carro. Estava muito frio. Esperava que Teresa tivesse colocado um casaco na mala. Puxou os óculos do bolso e os colocou.

— Leve as malas para dentro — ele pediu ao motorista, já caminhando para dentro do hotel.

A porta se abriu antes que ele chegasse à varanda. Uma senhora gorda, usando um vestido florido e um avental, surgiu sorridente. Ela se apresentou como Lizbet e se derreteu em sorrisos enquanto o conduzia até o melhor aposento dali.

— Lizbet. Que nome charmoso. Mas onde fica o meu banheiro?

— No fundo do corredor. Terceira porta à esquerda.

Julian arregalou os olhos, mas preferiu não comentar.

— O quarto é bom. Dê um quarto ao meu chofer, por favor. Preferivelmente em outro andar. Então vou alugar o resto dos quartos deste andar. Gosto de ter um lugar só para mim.

— Naturalmente.

Quando a mulher se foi, ele sentou-se na cama, que rangeu sob seu peso.

Uma pequena emergência manteve Liam no consultório até quase cinco horas. Quando seguiu para o hospital, estava completamente escuro. Foi direto para um pequeno consultório que dividia com um colega.

Soube no instante em que Julian True chegou pela agitação lá fora. Esperou então o interfone tocar.

Em vez disso, foi Sarah quem apareceu à porta, mesmo sem bater. O rosto estava vermelho, e ela sorria.

— Dr. Campbell, há um homem aqui para...

— Julian True. Mande-o entrar.

Sarah acenou concordando e desapareceu.

Liam tentou controlar os nervos. Tinha vestido sua melhor calça preta e uma camisa azul de flanela que Mik havia lhe dado no Natal do ano anterior, mas agora via que isso tinha sido bobagem. O jaleco branco que usava cobria tudo.

A porta se abriu.

O homem parado ali sorriu, apenas isso, e Liam se sentiu mal. As fotos de Julian não lhe faziam justiça; nenhuma lente poderia capturar o magnetismo de seu rosto.

— Sou Julian True — ele se apresentou, sem necessidade, e Liam poderia jurar que ele adorava fingir que houvesse pessoas neste planeta que não sabiam quem ele era.

Levantou-se bem devagar.

— Como vai, Julian? Estou feliz que tenha vindo. Sou Liam Campbell. Quero...

— Posso vê-la agora?

Liam suspirou. Não sabia por que queria adiar o encontro. Mas unir aqueles dois o fazia se sentir doente.

— Siga-me.

Ele levou Julian pelo corredor em direção ao quarto de Mikaela. Bem devagar, abriu a porta.

Julian passou por ele e foi até a cama. Ficou olhando para ela por um longo tempo.

— O que aconteceu?

— Ela caiu de um cavalo e bateu a cabeça em um poste da cerca.

— E há quanto tempo está assim?

— Um pouco mais de um mês.

Julian afastou alguns fios de cabelos que cobriam os olhos de Mikaela.

— Olá, Kayla. É Julian. — Ele levantou a cabeça. — Ela pode me ouvir?

Liam olhou para a esposa.

— É por isso que você está aqui.

— O que devo fazer?

— Ela algumas vezes reage às... lembranças... histórias de seu passado.

— E ao meu nome. Ela reagiu ao meu nome, certo?

Foi necessário um enorme esforço para Liam responder.

— Sim.

Julian sentou-se na poltrona ao lado da cama.

— Olá, Kayla. Sou eu, Julian.

Ela não reagiu.

Liam soltou a respiração. Percebeu que estivera com medo que ela simplesmente acordasse, ao mero som da voz de Julian.

— Kayla, querida? — Julian pegou a mão dela.

Liam não conseguia suportar ver Julian tocando Mikaela, assim se virou e saiu do quarto. No corredor, encostou-se em uma parede. Não havia se passado nem um minuto antes que ele percebesse o que tinha feito... ou não tinha feito. Não dissera que era o marido de Mik.

Julian nunca fora bom em escrever suas próprias falas.

Kayla estava linda como a Bela Adormecida. Tinha chegado a esperar que ela se sentasse, sorrisse e lhe dissesse: "Julian, por que demorou tanto para vir?"

Ele não pensava nela havia bastante tempo. Anos, na verdade. Mas agora, olhando-a ali, podia se lembrar claramente de como se sentia quando faziam amor... como era ser amado por ela. De todas as mulheres que conhecera na vida, ela havia sido a única a lhe oferecer abrigo, um lugar onde ele se sentia em casa.

Fechou os olhos e as lembranças voltaram.

— Lembra-se de quando começamos, Kay? A primeira vez em que a beijei, pensei que fosse morrer. Meu coração batia tão forte que eu

mal podia respirar. Você tinha o gosto de água da chuva, sabia disso? Eu me apaixonei tanto que me sentia afogando... Lembra-se da primeira vez em que fizemos amor? Estávamos debaixo de uma árvore, deitados em uma manta de lã. Eu tinha mandado meu assistente buscar uma garrafa de Dom Perignon. Queria ser o primeiro homem a fazê-la sentir o gosto do champanhe. Não sabia que seria seu primeiro amante, também. Quando provou o champanhe, você riu. Colocou as mãos atrás da cabeça e ficou olhando para o céu e me pedindo para eu contar sobre a minha vida. Tentei lhe contar a história pré-fabricada que Val tinha inventado, mas você não a aceitou. Não queria saber das histórias que as revistas publicavam.

Julian tentou se lembrar de como haviam se apaixonado. Kayla queria que ele crescesse. Isso parecia absurdamente simples. Mas ele só tinha vinte e três anos. Não estava pronto para ter uma família. Não estava preparado para ser um marido, um pai. Tudo o que queria era se divertir.

Sentiu como se uma porta fosse aberta. Atrás dela, teve um vislumbre de si mesmo, não o menino de ouro, nem o artista, mas o garoto solitário que tinha sido. Ele nunca realmente amara ninguém. Kayla havia sido a única a quem dedicara parte do que achava ser o amor. Mesmo assim ele lhe dera as costas.

Olhou para ela, estudando seus adoráveis cílios, seus lábios... O que poderia dizer que fosse significativo para aquela mulher que ele conhecia tão bem e a quem, mesmo assim, havia partido o coração com a mesma facilidade com que uma criança esmaga um brinquedo?

As lágrimas inundaram seus olhos. Não conseguia acreditar nisso. Fazia anos que não chorava. Exceto quando era pago para isso, claro.

— Você deve estar adorando me ver assim, Kay. Eu, chorando. — Julian se inclinou, descansando o queixo na grade da cama. — Lembra-se da nossa primeira briga? Foi em uma das festas de Val, depois de uma filmagem. Ele me disse que tinha um papel para mim em um filme chamado *Platoon*. Eu disse que ninguém se importava mais com aquela guerra, e você surpreendeu a mim e a todos os

presentes ao me dar um tapa na cara, mandando que eu parasse de ser "estrela" e fosse um ator de verdade.

E o fim do romance deles iniciara-se naquele momento.

— Você sempre exigiu muito de mim, Kayla. — Julian balançou a cabeça. — Nunca tive esse tipo de talento... Por que não compreendeu isso?

Ele voltou a olhar para Mikaela e, dessa vez, notou o aro dourado em um dos dedos da mão esquerda.

— Você está casada?!

CAPÍTULO III

Liam dirigiu pela cidade que reluzia como uma tiara de brilhantes sobre veludo branco. Parou diante do hotel onde Julian estava hospedado. A última coisa no mundo que ele queria naquele momento era falar com Julian True, mas não tinha escolha. Viu Julian parado ao lado do carro. O idiota estava usando uma camiseta preta e jeans. Devia estar congelando. Liam destravou a porta, e Julian entrou rapidamente.

— Jesus Cristo, está frio lá fora! — Sorrindo, ele se voltou para Liam. — Estou feliz que tenha telefonado. Só de pensar em passar a noite naquele quarto sem banheiro, assistindo a um dos três canais de televisão disponíveis, é mais do que posso aguentar. O que me diz de um drinque?

Por sua vez, Liam podia pensar em pelo menos trinta e duas centenas de coisas que preferiria fazer.

— Claro. — Ligou o carro e atravessou de novo a cidade. Não podia pensar em nada que pudesse dizer e Julian não parecia com vontade de falar.

Estacionou em frente ao Lou's Bowl-O-Rama e desceu do carro. Apesar do boliche, ali podia-se jantar tranquilamente. Liam pediu duas cervejas e sentaram-se perto da pista.

— Eu não esperava que ela estivesse tão... — Julian começou a dizer e parou.

— Ela está melhor do que antes. No começo desta semana, ela piscou.

— Isso é melhor do que nada.

— Sou o marido dela.

— *Você?*

Liam se recusou a deixar que o tom de voz de Julian o aborrecesse.

— Estamos casados há dez anos. Tenho certeza de que notou a aliança no dedo dela.

Julian revirou os olhos. Chamou o dono do boliche e pediu cigarros.

— É bom ver um fumante em Last Bend — Lou comentou.

Julian acendeu um cigarro e tomou um gole da bebida.

— Você deve amá-la muito. Para mandar me chamar, quero dizer.

— Eu amo.

— Este lugar me lembra aquele onde Kayla trabalhava. Deus, ela era linda! E aqueles bons cristãos em Sunville a tratavam como lixo.

— Ela disse que nunca se sentiu bem ali.

— Quem é que iria se sentir bem? A cidade era um lugarzinho de nada. Mas não se ajustar ali a magoava. Ela tinha medo de terminar como a mãe. Kay faria qualquer coisa para pertencer a algum lugar.

— Como se casar com você?

Julian não sorriu dessa vez.

— Ou com você. Posso ver por que ela veio a esta cidade. Na certa precisava de alguém como você, depois de ter estado comigo.

Liam tentou segurar a língua, mas não conseguiu.

— O que aconteceu entre vocês dois?

— Você me entende. Estávamos apaixonados... e de repente não estávamos mais. — Julian suspirou. — Diabos, eu tinha vinte e três anos de idade. Nem sabia quem eu queria ser. — Ele tragou o cigarro, depois exalou. — Quando ela foi embora, disse que esperaria por mim pelo resto da vida.

— E quanto à sua filha? Por que não entrou em contato com ela?

Liam ficou boquiaberto ao perceber que Julian nem se lembrava de Jacey.

— Ela era tão pequenina quando a vi pela última vez... Para ser honesto, não sei como me sinto sobre ela. Tenho certeza de que acabaremos nos dando bem quando eu a conhecer.

Liam sabia que os ricos eram diferentes e que os ricos efamosos eram mais diferentes ainda, mas não podia imaginar que tipo de homem era tão descuidado com uma filha. Não afastou o olhar de Julian. Pelo menos o deixara sem-graça.

— Ela não sabe que você é pai dela.

— O quê? Kay nunca contou? Pensei que estaria orgulhosa de mim...

- Você a magoou, Julian.
- Sim, droga...
- Quer contar a Jacey você mesmo?
- Eu? Não.

Liam se sentiu aliviado.

— Esta é uma cidade pequena. Não quero que ela descubra...

— Não vou dizer nada. Se a notícia de que eu estou aqui se espalhar, direi que vim ajudar em alguma fundação. Por favor, Liam, vamos esperar para ver o que acontece com Kayla, está bem? Quero dizer, se ela não acordar...

— Está bem. Vamos esperar.

Rosa estava esperando por Liam quando ele voltou para casa. Colocou o tricô de lado e se levantou. Começou a dizer alguma coisa, porém ele a interrompeu.

— Lamento, Rosa, mas não agora.

Fosse o que fosse que Rosa ia dizer, aquele não era o momento. Em vez disso, subiu as escadas e entrou no quarto de Jacey. Ela estava dormindo.

— Você sempre será minha filha — ele murmurou.

Na manhã seguinte, Liam acordou cedo e saiu da cama em silêncio para não acordar Bret, que dormia a seu lado. Tomou banho rapidamente, pegou algumas roupas do armário, enfiou-as em uma sacola, e desceu. Na mesa vazia da cozinha, deixou um bilhete para Rosa e as crianças, desejando-lhes um bom dia.

Dirigiu até o hospital, estacionou o carro e foi direto para o quarto de Mikaela. Acendeu as luzes e abriu as cortinas.

Então, bem devagar, ele se virou.

Ela estava como sempre, o rosto pálido, os braços estendidos ao lado do corpo. Não havia uma ruga na coberta sobre seu peito.

Ele respirou fundo. Temera que Julian já tivesse conseguido despertá-la. A tarefa pertencia a ele.

— Olá, Mik — murmurou, ligando o aparelho de CD. Sentou-se e tirou da sacola um suéter de cashmere que elalhe comprara na

última viagem a Vancouver. Gentilmente, a colocou em seu peito.

— Pode sentir o meu cheiro, Mik? O meu?

Liam sabia que, se fechasse os olhos, poderia se lembrar do último dia daquela viagem. Eles haviam dirigido até a fronteira do Canadá para ver um show à beira da estrada, e no teatro escuro, em meio a uma multidão de estranhos, eles haviam dado as mãos como um casal de adolescentes.

— Você me comprou o suéter no dia seguinte, lembra-se? Tentei lhe dizer que era muito caro, mas você não me deu ouvidos. — Ele segurou a mão de Mik. — Mas não foi isso o que vim aqui para lhe dizer, não é?

Liam subiu na cama e acomodou-se ao lado dela.

— Não sei por que não trouxe algo meu antes. Deixei que alguém mais alimentasse as suas lembranças porque tinha medo do poder que elas tinham. Ainda tenho medo. Parece que tudo em que consigo pensar é sobre você e Julian. Ele se apaixonou por uma garota que tinha grandes sonhos, alguém que encantava a todos. Não posso imaginar essa mulher. Eu me apaixonei por uma enfermeira com olhos tristonhos e um coração muito terno. Há uma parte de você que eu nunca conheci, e sabendo disso me sinto... perdido. Como se a nossa vida juntos não fosse real.

Ele respirou fundo.

— Quando penso em nós dois, penso em coisas pequenas. Como o último Natal, quando fomos esquiar na montanha Schweitzer.

Liam sorriu ao lembrar-se do episódio. Pela primeira vez, suas palavras a traziam a ele. Não a esposa que estava mergulhada no sono, mas a mulher vibrante com quem ele se casara.

Liam acariciou os cabelos de Mikaela, notando que seus dedos tremiam.

— Esses éramos nós, Mik. E podemos voltar a ser assim quando você simplesmente abrir os olhos e me olhar. Eu te amo. E vou te amar sempre.— Bem devagar, ele se inclinou e a beijou na testa. — Para sempre, nós dois — ele murmurou.

Julian acordou com uma tremenda ressaca. Isso era inevitável, já que não havia nada a fazer naquela cidade a não ser assistir a um

de três canais e beber. Na noite anterior ele tinha passado pelo menos duas horas tentando falar com Val ao telefone. Cada vez que ouvia o sinal de ocupado, tomava uma dose de uísque.

Finalmente, conseguiu completar a ligação.

— Val, eu vi Kayla.

— Como ela está?

Ele tentou colocar em palavras o que sentira no dia anterior, mas como sempre, esse tipo de honestidade era difícil.

— Foi estranho, Val. Ela está inconsciente. Não sei o que fazer. Eles disseram que ela reage às lembranças, então comecei a falar de nós dois. — Julian riu. — Você me conhece, não consigo nem me lembrar do que aconteceu ontem, e lá estava eu me lembrando da primeira vez em que a beijei. Eu senti... uma coisa.

— Julian, não me diga que quer ficar mais tempo aí.

Julian se sentiu desapontado. Queria conversar.

— Ela me amou de verdade. É do que eu me lembro. De como era me sentir amado.

— E o que quer fazer com essas suas novas emoções?

Julian não tinha pensado a respeito. Estivera tão ocupado *sentindo* que não se dera o trabalho de pensar.

— Bem, nada. Ela está casada.

— Ela está o quê?

— Você me ouviu. Ela é casada... com o médico que me telefonou.

— Então a coisa é séria. Ele é um super-herói que ama tanto a esposa que telefona para você, o primeiro marido, para ajudar a acordá-la. A imprensa adoraria saber disso. — Val ficou em silêncio por um minuto, antes de acrescentar: — Melhoro tomar cuidado aí, Julian.

Julian sabia que Val tinha razão. Kayla era parte de seu passado. Ela agora tinha uma vida nova, uma que não o incluía. No entanto, quando a tocara, lembrara-se do amor que tinham vivenciado, e as lembranças o faziam se sentir solitário.

— Julian? Você vai voltar agora, não vai? Quero dizer, você tem uma entrevista com Leno amanhã.

Julian desligou sem responder. Hollywood e sua carreira pareciam subitamente muito distantes. Fechou os olhos. Embora fosse a última coisa que queria fazer, encontrou-se pensando nos problemas que passara em sua juventude. E haviam sido tantos que ele agora nem queria se lembrar de seu nome verdadeiro.

Para retomar o ânimo e seguir até o hospital, resolveu tomar um banho e se vestiu, como sempre, com uma camiseta preta e calça jeans. No caminho até o hall de entrada, bateu na porta do quarto do motorista para chamá-lo.

Assim que abriu a porta da frente, deparou-se com uma multidão de adolescentes atrás da cerca, gritando seu nome. Pelo jeito, a notícia de sua presença ali tinha se espalhado depressa.

— Olá, meninas — cumprimentou, notando que a maioria estava vestida com roupas de líderes de torcida. — Obrigado pela recepção. Vocês são tão lindas que me sinto honrado.

— Por favor, Julian, pode me dar um autógrafo?

As outras garotas formaram uma fila para também ganhar uma lembrança de um ator famoso. Tirando a caneta do bolso, ele atendeu uma a uma.

— Hoje é o nosso baile de formatura. Seria muita ousadia pedir que compareça? — perguntou uma das meninas.

O riso das demais a impediu de continuar a falar.

— Você já tem um acompanhante, Serena! — gritou uma outra líder de torcida. — Não quer vir comigo, Julian?

Julian estava prestes a entrar na brincadeira, quando levantou o rosto e a viu bem atrás do grupo mais afoito, sorrindo, mas não demonstrando a mesma excitação das demais. A garota tinha uma beleza hollywoodiana. Era alta, magra, com cabelos escuros e olhos tão suaves quanto chocolate derretido. Só podia ser ela...

Sem perceber, assinou o nome errado no caderno de uma garotaruiva, que o presenteou com um sorriso de aparelho fixo, e abriu caminho até a mocinha morena com o coração em disparada.

— Qual é o seu nome, querida?

— Jacey.

Juliana Celeste, J. C.

De repente ele se viu diante da filha. Emocionado demais, ficou sem saber o que dizer. Ali estava ela, linda, criada sem a sua ajuda, bem diferente da imagem de um embrulhinho aconchegado entre ele e Kayla na cama de casal, tanto tempo atrás.

"Ela não é linda?", perguntara Kayla...

Ele abriu os olhos e encarou a filha.

— Julian? — Jacey corou. — O que está fazendo em Last Bend?

— Eu... estou aqui porque... vim a pedido de uma fundação, atender a um pedido para um programa de reabilitação e visitação de pessoas adoentadas.

— Minha mãe está em coma. Quem sabe o senhor não poderia visitá-la...

— Pode deixar. Aliás, vou fazer isso agora mesmo.

— Estou aqui, Julian! — A voz grave do motorista sobressaiu na multidão.

As meninas se afastaram em sinal de respeito, algo que Julian não tinha visto em nenhum outro evento. Todas se moveram para lhe dar passagem, com exceção de Jacey. Ela continuou ali, observando-o com olhos tristes.

Antes de entrar no carro, ele ainda a olhou a fim de memorizar seus traços. Em seguida, entrou na limusine. Sim, estava fugindo e não olharia para trás. Mas um sentimento mais forte o venceu, fazendo-o virar-se para trás e vislumbrar a figura de Jacey pelo vidro embaçado.

Uma nova emoção tomou conta do peito de Julian, incomodando-o inclusive para respirar.

Vergonha.

Liam afastou-se da janela e voltou-se para a filha.

Jacey estava diante do espelho, olhando seu reflexo. O cabelo estava penteado para trás e enfeitado com pequenas borboletas de cristal. O vestido lhe servira com perfeição. Parecia uma adulta. Embora relutasse, Liam se sentia um pouco triste, como se tivesse perdido sua menininha.

Lágrimas brilhavam nos olhos escuros de Jacey, e ele sabia que ela pensava na mãe.

— Ela teria orgulho de você — ele a confortou. — Você está linda.

— Obrigada, papai.

Liam forçou um sorriso.

— Bem, *milady*, chegou a hora.

De mãos dadas, desceram as escadas. Minutos depois, Rosa levava Mark até a sala de visitas. O rapaz estava de smoking.

— Jacey, você está linda! — Mark exclamou e estendeu-lhe uma caixa de plástico.

Jacey tirou a flor e a prendeu no pulso.

— Obrigada. Tenho um cravo para você.

Rosa correu à cozinha e voltou momentos depois com um cravo branco. Antes de o casal sair, Jacey foi até Liam.

— Vou fotografar tudo, papai.

— Agora vá e divirta-se.

Ele ficou junto à janela da cozinha, observando o casal ir embora. *Lá vai ela, Mik*. Em outros tempos, ele teria se virado para a esposa e a tomado nos braços. Ela estaria chorando, num misto de alegria e tristeza. Seguiriam até o piano, onde ele tocava alguma melodia triste e doce que combinaria com as lágrimas de uma mulher que, de certa forma, lamentava ver a filha atravessando a ponte para a maturidade.

E agora, ali estava ele, com vontade de chorar, visualizando o ninho vazio no futuro.

E não havia ninguém para animá-lo ou confortá-lo.

Com um suspiro, foi até a sala e ligou a televisão.

Julian sabia que o que estava prestes a fazer não era muito certo. Era perigoso, até, mas não conseguiu evitar. Na verdade, nem tentou. O autocontrole não era o seu forte. Não sabia bem porque queria ir ao baile, mas nunca questionava seus desejos. Queria ir. Era isso que importava. Ele tinha passado um dia deprimente no

hospital, sentado ao lado de Kayla, e precisava de um pouco de distração.

Em seu quarto super decorado, vestiu-se como se estivesse a caminho de uma cerimônia de entrega do Oscar. Em vez de incomodar o motorista, resolveu andar os três quarteirões de distância até o colégio.

Chegou com o rosto gelado, os olhos lacrimejando e sentindo uma vontade incontável de fumar. Entrou no auditório e levou um segundo para ajustar os olhos à escuridão, mas gradualmente se viu em um paraíso tropical. Havia falsas palmeiras em volta de um carpete dourado. Rapazes de smoking e mocinhas em vestidos de baile formavam fila para tirar fotografias. Sobre um tablado, uma banda tocava uma música que lhe era quase familiar.

Ele sabia que seria reconhecido. E foi. A dança parou. Os jovens começaram a murmurar uns com os outros. Exibiu seu sorriso habitual até que a viu. Ela estava na pista de dança com seu par. Mesmo à distância, Julian podia ver que estavam olhando para ele.

A música terminou e outra começou. O tema de amor do filme *Titanic*.

Ele parou diante de Juliana, *Jacey*, ele se lembrou, e estendeu a mão.

— Posso ter a honra desta dança?

A multidão ficou pasma. O namorado dela, um rapazola alto e de boa aparência, usando um ridículo smoking, ficou confuso.

— Você se importa? — Jacey perguntou para o rapaz.

— Ahn... não.

Julian a tomou nos braços e começaram a dançar. A multidão os rodeou, murmurando e falando tão alto que era difícil ouvir a música.

— Por que eu? — ela perguntou.

Julian sorriu.

— Por que não? Então, garota dos cabelos cor de meia-noite, fale-me sobre você. Tira boas notas? Tem muitos amigos? Pratica sexo seguro?

Ela riu, uma risada igual à de Kayla.

— Você parece meu pai... Está certo que ele não costuma me perguntar sobre minha vida sexual.

Alguma coisa sobre o modo como ela disse "pai", enquanto sorria para ele, lhe tocou o coração.

Parecia estranho, mas Julian nunca pensara sobre essa palavra até aquele momento. *Pai*. Uma palavra sólida. Mesmo agora, com a filha nos braços, não conseguia se imaginar como um pai.

— Julian? Está me ouvindo?

Ele riu.

— Desculpe, estava pensando em uma coisa. Então, como vocês, jovens, se divertem nesta cidade?

Ela deu de ombros.

— O habitual. Esquiamos, patinamos, jogamos boliche, andamos a cavalo. No verão, vamos até o lago Angel.

Aquilo não era o habitual em Los Angeles, não para um filho de uma celebridade. Se Jacey tivesse crescido com ele, estaria agora passando sua vida atrás de portões de ferro e rodeada de guarda-costas. Jamais teria sabido o que era ir de bicicleta para tomar um sorvete na lanchonete.

Pela primeira vez, Julian entendeu o que Kayla tinha lhe pedido anos antes. Queria uma vida normal para a filha deles. Nada mais do que isso. E era algo que Julian nunca quisera. Mas agora, enquanto segurava a filha que era e não era dele, ficou imaginando o preço que tinha pago pela fama.

Ele não era o pai de Jacey. Não podia se esquecer de Liam, que a amava, que conhecia sua personalidade, que sabia se ela usara aparelho nos dentes, que a socorria quando ela caía.

Julian tinha plantado a semente, mas não a nutrira; jamais a ajudara a se transformar na flor que ela era agora. Como poderia ajudar outra pessoa a crescer quando ele próprio precisava de tanta luz para sobreviver?

Mesmo agora que sabia a verdade, que não era o pai de Jacey e nunca o seria, não podia deixar de desejar, sonhar mesmo, que as coisas pudessem ser diferentes.

À música chegou ao fim. Com pesar, ele se inclinou e a beijou no rosto. Então fez o que sabia fazer muito bem. Foi embora.

Liam estava na sala de visitas, tomando um uísque, quando ouviu o carro chegar.

Imediatamente ficou tenso. Ficara ali sentado ali por horas, sob a luz fraca de um abajur, pensando sobre a decisão que ele e Julian haviam tomado. Quanto mais pensava a respeito, mais se convencera de como era perigoso esconder a verdade de Jacey. A cidade era pequena demais, cheia de mexericos. E havia outra coisa. Ele se sentia extremamente contrariado em enganar a menina.

A porta da frente se abriu, e ela entrou na sala, o rosto rosado e os olhos brilhantes.

Ele não podia lhe contar a verdade agora, não naquela noite.

— Olá, papai — ela disse sonhadora, girando em volta de si mesma, os braços parecendo os de uma bailarina.

Ele pegou a máquina fotográfica que tinha a seu lado e tirou algumas fotos, para mostrar a Mik.

— Como foi?

— Maravilhoso. Perfeito. Tirei milhares de fotos para a mamãe.

— Quero ver cada uma delas.

Jacey riu e, juntos, subiram as escadas. Quando chegava à porta do quarto, ela parou e sorriu para o pai.

— Adivinhe o que aconteceu!

Ele afastou um cacho de cabelo dos olhos dela.

— O quê?

— Julian True apareceu no baile! Ele me convidou para dançar. A mim! Falou que eu tinha cabelos da cor da meia-noite. Eu vou me lembrar desta noite para sempre!

Liam sentiu um frio na alma.

— Boa noite, papai.

Antes que ele pudesse responder, ela o beijou no rosto e entrou no quarto, fechando a porta.

Liam ficou ali parado por muito tempo. Então, lentamente, bateu na porta. Quando ela respondeu, ele tentou encontrar um sorriso.

— Eu... recebi uma chamada de emergência... não se preocupe, não é sobre mamãe... mas tenho de ir ao hospital. Voltarei logo.

Ela sorriu.

— Está bem. Dirija com cuidado.

Ele assentiu e fechou a porta. A raiva o invadiu, deixando-o com uma sensação desconfortável, a mesma de um pulôver de gola olímpica apertado. Tentando ignorar o sentimento, foi à garagem, entrou no carro e saiu, cantando pneus.

Encontrou Julian nos degraus da frente do hotel, fumando um cigarro. Usava camiseta e jeans, o idiota, e seu corpo inteiro tremia.

Liam parou e saltou do carro.

— Que diabos estava pensando?!

— Eu tinha de vê-la — respondeu Julian, encarando-o.

Liam sentiu a raiva sumir. Sem ela, sentia-se drenado. Os olhos de Julian estavam cheios de tristeza, era um olhar de pura derrota.

— Ela é linda, Liam. A imagem de Kayla, e quando a olhei... não pude ver nela nada de mim.

Liam não sabia o que dizer. Compreendeu que Julian nunca tinha pensado na filha antes, que não fazia ideia do que significava ter gerado uma criança.

Julian acabou o cigarro e o jogou na neve.

— Eu não contei a ela. E duvido que algum dia eu conte.

— Por quê? — Liam deu um passo à frente.

— Como posso fazer um homem como você entender? — Julian suspirou. — Eu destruo tudo o que toco. — Tentou sorrir. — Somente agora percebi isso. Não quero magoar Jacey.

Liam sentiu como se finalmente visse o verdadeiro Julian. E sentiu pena.

Julian sentou-se ao lado da cama de Kayla.

A pele dela parecia mais pálida nas últimas vinte e quatro horas.

— Olá, Kay — ele sussurrou e fechou os olhos.

Assim era mais fácil voltar ao passado. No escuro, ele podia se lembrar da mocinha por quem tinha se apaixonado.

— Eu estava pensando no dia em que pedi você em casamento.

Era fim de outono. O ar em Sunville estava frio e impregnado do cheiro forte das maçãs maduras. Ele não tivera intenção de fato de voltar para Kayla. Quando a deixara, depois que haviam terminado as filmagens, pensara que havia sido apenas outra mulher em sua cama. Mas cada hora longe de Kayla parecia uma eternidade. Para sua surpresa, descobrira que sentia falta dela.

E assim voltara para aquela cidadezinha no fim do mundo. Esperara o restaurante fechar, até que ela estivesse sozinha, e então entrara.

— Sempre vou me lembrar de você parada junto ao balcão, usando aquele horrível avental. Pude ver como sentiu medo de acreditar que eu tinha voltado para você. Tentei lhe contar toda a verdade sobre mim. Disse que não seria bom para você, que nunca tinha sido fiel a uma mulher em toda a minha vida, mas tudo o que você fez foi sorrir. Então eu lhe contei tudo, que tinha voltado a Hollywood e começado a ler roteiros e a fazer entrevistas e a conversar com pessoas, mas que tinha acordado numa certa manhã pensando em você. Fui para a cama, e pensei em você. Fiz sexo com mulheres, e pensei em você.

Julian fez uma pausa, como se estivesse arrependido.

— Eu sabia que estava magoando você, dizendo essas coisas. Mas você ficou parada ali, sorrindo, esperando... Lembra-se do que eu disse então? "Não quero amar você, Kayla." Eu sabia que você ouviria a palavra mais importante, o "não", mas no decorrer da conversa, ela acabou perdendo a força. Tirei o pequeno estojo do bolso e o estendi a você. Quando você viu o anel de brilhante, começou a chorar. Eu me ajoelhei, lembra-se? Foi a única vez na vida que fiz isso. Ajoelhei-me e implorei que se casasse comigo. Você pegou o anel e o enfiou no dedo.

Julian tocou a mão de Mikaela.

— Eu pretendia dizer algo romântico, mas tudo o que consegui dizer foi: "Se você fosse esperta, diria não". Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, terminaria por magoá-la. E eu sintotanto agora...

A porta do quarto rangeu, e Julian ouviu a cadência familiar dos passos de Liam.

— Como ela está hoje?

— Na mesma.

Liam colocou um CD no aparelho, depois se sentou em seu lugar habitual ao lado da cama.

— Olá, Mik.

Julian invejava Liam, que era capaz de se sentar ali por horas, conversando com a esposa, segurando sua mão, acreditando em um final feliz, mesmo quando via que ela estava sumindo entre aqueles lençóis. Voltou a olhar para Kayla.

— Eu a magoei — ele murmurou, percebendo um segundo mais tarde que tinha falado em voz alta.

— Por quê?

Depois da noite anterior, Julian sentia uma estranha ligação com o marido de Kayla.

— Há algo errado comigo. Não consigo amar por muito tempo. Eu queria Kayla mais do que a qualquer mulher que conheci antes. Eu sentia amor por ela.

— Quando você tem sorte, passa pela fase da "paixão" e termina amando alguém. — Liam balançou a cabeça.

— É assim que você a ama.

— É.

Julian sabia que a próxima pergunta magoaria Liam, mas tinha de fazê-la.

— Ela amou você desse jeito?

Julian viu que Liam queria mentir, dizendo que sim. Claro que ela o amara com todo o coração; viu, também, o momento em que Liam perdera a batalha.

— Por ironia, acho que ela me ama... mas não sei agora se ela alguma vez se apaixonou por mim. — Liam parou de falar por um instante. — Você alguma vez teve uma família, Julian? Quero dizer, uma família de verdade, daquelas que se unem nos momentos bons e nos difíceis?

A pergunta era ferina. Julian sentiu-se magoado. Era óbvio que desejava uma família normal e amorosa, onde o lema eradar e receber. Mas ele se especializara em receber e receber. Sua única chance tinha sido Kayla. Se ao menos tivessem ficado juntos...

Bateu a mão sobre o bolso, procurando pelo maço de cigarros, então se lembrou de que estava em um hospital. Liam o estudava com atenção. Ele não sabia como responder à pergunta de Liam. Passaram a hora seguinte em silêncio, revezando-se em conversar com Kayla.

Depois de certo tempo, Liam consultou o relógio.

— Bem, tenho de ir. As crianças logo estarão em casa. — Ele se levantou e acariciou o rosto de Kayla. — Tchau, querida. Voltarei amanhã. — Então se inclinou e a beijou na testa.

— Como consegue acreditar que ela vai acabar acordando? — Julian o questionou.

— Eu amo Mikaela.

— Eu sei. Mesmo assim, como consegue ter tanta fé?

Liam lançou um olhar para a esposa.

— Porque preciso.

Julian observou Liam sair do quarto. Aproximou-se então da cama e apertou a mão de Kayla com força.

— Como é possível que eu me lembre tão bem de quando me apaixonei por você e não me lembre nada do fim do nosso romance? Nosso amor era incrível, mas nosso casamento acabou. Tudo o que me recordo é do dia em que você foi embora. Nem sei se tentei impedi-la. Tentei? Alguma vez lhe pedi para não me abandonar? Eu sabia o que me tornaria sem você? — Julian suspirou. — Jesus, Kayla, será que eu sequer me importei?

Ela tentou dizer o nome dele. Tentou alcançá-lo. Sentiu o pânico voltando. Imagens lhe vieram à mente. Uma criança, alguma coisa mais... uma casa.

Tentou falar, mas havia algo errado em sua garganta. Bem ao longe podia ouvir um gemido. Era seu mesmo... talvez não fosse...

Estava em Hollywood agora, na casa deles, esperando por Julian. Olhava pela janela, e tudo o que podia ver era umapaisagem acinzentada; a única cor que se destacava era o preto de um corvo sentado em um galho, grasnando.

Não, não era o corvo... Era o choro de seu bebê. Por instinto, voltou-se para onde a filha se encontrava, mas ouviu os passos da

babá. Hesitou, temendo se intrometer com o trabalho da mulher de olhar severo.

Sentia-se cansada daquela vida cheia de risos, drogas e sexo. Farta de mulheres lindas e magras com olhares vagos, que nunca carregavam fotos dos filhos nas carteiras. Sentia-se mais sozinha do que nunca. Desde o nascimento de Jacey, Julian andava distante. Nunca segurava a filha no colo, nem conversava com ela. Em vez disso, contratava outras mulheres para fazer aquilo que ela gostaria de fazer.

Como o nascimento da filha não mudara Julian? Para ela, havia transformado cada célula de seu corpo!

Quando Julian chegou, tarde como sempre, cheirando a álcool e ao perfume de outra mulher, ela viu como ele parecia velho e cansado. Imaginou desde quando ele estava com aquela aparência.

— Temos de conversar, Julian.

— Ah, de novo, não!

— Não posso ficar assistindo a você se matando. Eu... te amo demais para isso. Não posso deixar Juliana crescer nesse mundo. Quero que ela se sinta segura.

Ele estremeceu.

— Você me prometeu tanta coisa... Acho que, no fundo, você não queria se casar comigo.

— Eu não queria perdê-la.

Ela sabia que não podia criar a filha naquele ambiente. Não importava o quanto amasse o marido, não seria justo com Juliana.

— Lamento, Julian. — As lágrimas escorreram por seu rosto, antes de abraçá-lo com força.

— Eu te amo, Kayla, mas não vou desistir de tudo isso. Essa é a minha vida.

Ela o tocou no rosto, ciente de que a situação não mudaria tão cedo.

As lembranças afazem sofrer... Por isso, é melhor ficar com os olhos fechados, mergulhada na doce e abençoada escuridão.

Durante o jantar daquela noite, Liam tentou sorrir e conversar com as crianças, mas não estava fácil.

— Papai, o senhor está bem? — Bret perguntou.

Liam suspirou.

— Vamos nos dar as mãos. Vamos rezar, Rosa. Você diz a prece, por favor?

De mãos dadas, eles curvaram a cabeça e fecharam os olhos. A adorável voz de Rosa era como música no silêncio. Depois da oração, Liam abriu os olhos e fitou os filhos.

— Eu amo vocês.

A rotina tinha sido a mesma nos últimos meses. Eles valorizavam momentos como aqueles, cheios de silêncio. Estavam aprendendo, cada um deles, a notar as coisas às quais antes não davam valor.

E a serem gratos pela vida que lhes fora oferecida.

A água da piscina é de um lindo azul. Ela está no fundo, olhando para cima. Os membros estão cansados; a água resiste a seus movimentos, mas ela aprendeu que, se realmente se concentrar, se focar naquilo que deseja, ela pode mover os dedos dos pés.

Ela está flutuando, subindo, subindo, o corpo sem peso.

Quando chega à superfície, a água escorre de seu rosto. Ela procura respirar, está chegando a algum lugar. Abre os olhos e imediatamente chora. A luz é tão brilhante que ela não consegue aguentar a claridade.

Abre os olhos de novo. A princípio o mundo é uma mistura confusa de branco e preto, de sombras. Naquele momento, sente alguma coisa quente contra a palma de sua mão. Tenta agarrar, mas seus dedos não reagem, pesados demais.

Ela pisca, o que exige toda a sua concentração. Há três pessoas à sua volta.

Julian. Ela o vê, vê seus adoráveis olhos azuis olhando para ela. Quer tocar seu rosto em uma carícia, quer rir, mas termina em lágrimas. Mais água deslizando agora pelo seu rosto, salgada, como o mar escuro que a mantém cativa. Tenta falar. A garganta dói, queima. Mesmo assim, ela se esforça.

— Ju...li..an.

— Estou aqui, querida — ele diz em uma voz da qual ela se recorda tão bem, uma voz que parece conectada ao seu coração.— Kayla, você está aí? Aperte minha mão.

Ela abre os olhos novamente, piscando bem devagar. Parece que leva horas para focalizar a vista, mas então ela o faz, e o vê a seu lado, olhando-a, e sente a alegria envolvê-la.

— Você voltou.

Outro homem está inclinado sobre ela. No jaleco branco, ela lê "Dr. Liam Campbell".

— Olá, Mik.

Ela tenta virar a cabeça e ver o tal de Mik, mas se cansa e desiste. Tenta se lembrar de como chegou ali, mas não consegue. Lembra-se de cada momento de sua vida até dizer adeus a Julian. Depois disso, há uma completa escuridão. Isso a assusta.

— Não sei...

— Você está em um hospital — alguém diz.

— Juliana... — ela balbucia. — Onde está o meu bebê?

— Bebê? — Julian ergue os olhos para o médico. — Que diabos está acontecendo?

Alguma coisa está errada. De repente, ela percebe o quanto está machucada. E eles não lhe respondem sobre Juliana...

O outro homem toca em seu rosto, e há uma gentileza nele que a acalma.

— Não chore, Mik. Sua filha está bem. Ela está bem.

Ela confia nele. Juliana está bem, é o que importa.

— Quem...

— Não se apresse, querida. Vá devagar.

— Quem é você?

Antes que ele responda, ela perde o interesse. Sente a cabeça tão pesada, tão quebrada... Tudo que importa agora é que seu bebê está bem.

Ela fecha os olhos e mergulha novamente naquele lugar calmo e quente onde o medo não a incomoda.

— Amnésia retroativa.

Liam e Julian estavam sentados diante da escrivaninha de Stephen Penn. Stephen parecia cansado.

— Depois do trauma...

— Diabos, esperem um minuto. — Julian se pôs de pé. Parecia um leão enjaulado. — Não passei vinte anos dentro de uma faculdade de medicina e não sei do que estão falando. Que diabos é "amnésia retroativa"?

Stephen tirou os óculos e colocou-os sobre a escrivaninha. Não olhou para Liam enquanto falava.

— Quando acontece um trauma muito sério, o cérebro para de acumular lembranças. É por isso que uma vítima de trauma no cérebro raramente se lembra do momento do acidente. Acontece com frequência que desapareçam da memória os dias ou semanas anteriores ao acidente... até mesmo anos. Parece que a mente de Mikaela ficou presa, digamos, alguns anos atrás. Ela acha que Jacey ainda é um bebê. — O médico ficou um minuto em silêncio. — Claramente ela não se lembra de sua vida com Liam.

— E quanto tempo essa amnésia dura? — Liam perguntou, mesmo já sabendo a resposta.

— Não há como saber. Nem mesmo se ela vai se lembrar. Mas amnésias retroativas a longo prazo são raras. — A voz dele suavizou. — Mas acontece.

— Como posso ajudá-la? — Liam perguntou baixinho.

— Neste momento ela está confusa e com medo. Precisamos ter cuidado. A mente é uma coisa frágil, não queremos abalá-la com informações que a assustem. Acho melhor deixarmos que a memória dela volte naturalmente.

Liam suspirou.

— As crianças e eu devemos nos manter afastados?

— Lamento, Liam. Posso imaginar, como isso está sendo duro para você. Mas ela precisa de algum tempo para sua mente curar. Pode imaginar o que é perder quinze anos de sua vida?

— Sim...

Liam baixou a cabeça e ficou olhando para o tapete, imaginando o que diria às crianças.

Ela estava viva. Esse era o milagre que Liam precisava ter em mente. Nas últimas semanas, ele havia pedido a Deus que a curasse, que a ajudasse a abrir os olhos. Preparara-se para as sequelas físicas que vinham depois de um longo coma. Paralisia, dano cerebral, até mesmo a morte. Esquecera-se apenas de pedir a Deus que ele lhe devolvesse a memória.

Agora, enquanto dirigia para casa, lembrava-se de que esse tipo de amnésia era comum em comas de curta duração.

E se ela nunca voltasse a se lembrar dele e das crianças? Concentrou-se em respirar.

"Quem é você?"

Será que algum dia se esqueceria dessas palavras? Conseguiria se curar da dor que sentira quando ela murmurara o nome de Julian... e então perguntara quem era ele?

Liam sabia que a condição de Mikaela era de natureza clínica, um lapso na função cerebral. Mas era também um homem, não apenas um médico. Era alguém com sentimentos, como qualquer outro. Era como se nos doze anos da vida de casados, entre os grandes e pequenos momentos de um amor que envolvia passeios, jantares, conversas na cama, ele não tivesse conseguido deixar marca alguma em Mikaela. Como se o seu amor fosse como as ondas que tomam diferentes formas pelo caminho, mas nunca realmente mudam a praia.

Bem, estava sendo tolo. Mikaela amava o filho, e também tinha se esquecido dele. Recordara-se apenas de Jacey e de Julian.

Ele não conseguia afastar o pânico que o envolvia, o medo de que o amor dele não contasse para nada. E o que diria às crianças? Elas já tinham sofrido demais. Bret criara coragem e visitava a mãe dia após dia, cantando-lhe suas canções favoritas, esperando por um sorriso. Ficaria arrasado se descobrisse que amãe não se lembrava dele. Um olhar sem expressão acabaria com o menino.

Jacey tentaria lidar com a situação como adulta, mas por dentro sofreria demais. Pensaria que o que ela e a mãe haviam compartilhado nos últimos anos havia sumido. Cada conversa, cada lembrança...

— Por favor, Deus, não vamos aguentar mais isto. É difícil demais.

A neve começou a cair naquele minuto e logo se intensificou. Ele nem conseguia enxergar à sua frente e precisou ser extremamente cuidadoso para chegar em casa ileso.

— Olá, cheguei! — gritou ao abrir a porta.

Ouviu passos se aproximando. Rosa apareceu, usando um daqueles velhos aventais de Mik.

— *Buenas noches*. Estou fazendo biscoitos. Quer uma xícara de café? Ou um copo de vinho?

— Onde estão as crianças?

— Jacey chegará em casa a qualquer momento. Bret está tomando banho. Gostaria...

— Mik acordou.

Ela gemeu e levou a mão à boca.

— *Dios mio*, é um milagre! Como ela está?

Liam não sabia como colocar todas as informações daquele dia em poucas palavras.

— Ela não me reconheceu, Rosa. Mas reconheceu Julian.

— O que está me dizendo?

— Eu poderia lhe dar uma explicação médica bem longa, mas vou direto ao ponto. A memória dela falhou. Ela pensa que ainda tem vinte e quatro anos e que está casada com Julian. Acredita que Jacey seja ainda um bebê.

Rosa lançou-lhe um olhar parecido com o de uma paciente que tivesse acabado de receber uma notícia devastadora. Seguindo o mesmo comportamento, agarrou-se a um fio de esperança.

— Mas ela vai melhorar, não vai?

— Tomara que isso seja temporário. Na maior parte das vezes, as pessoas recuperam a memória.

Rosa fechou os olhos. Era como se estivesse rezando.

— Mal posso imaginar a dor que está sentindo.

— Não consigo imaginar o que direi às crianças. — Liam suspirou.

— Oh, eles estão rezando há tanto tempo para que a mãe acorde... Vai partir seus corações se souberem que ela não se lembra deles.

— Eu sei. Mas esta é uma cidade pequena. Não existe lugar onde guardar segredos.

Segredos. Como o da menina que não sabia do pai famoso. Rosa deu um passo à frente.

— Não lhes conte nada ainda. Pelo menos não esta noite. Dê um tempo a Mikita, até amanhã. Quem sabe os meninos nem precisem saber. — Ela olhou para Liam. — Mikaela vai precisar do senhor ainda... talvez até mais, agora.

— Ela sempre precisou de mim, Rosa. É por isso que se casou comigo. Mas há uma coisa que você não pode esquecer.

Rosa sabia, sem que Liam precisasse falar, que ele estava se referindo a amor.

Mikaela acordou facilmente dessa vez. Nada de flutuar em uma piscina, ou em um mar negro e bravio à sua volta. Ela apenas... abriu os olhos.

Estranhos a rodeavam. Alguns ela já tinha visto antes, outros não. Eles estavam falando com ela e entre si. Podia ver suas bocas abrindo e fechando, abrindo e fechando, mas nada fazia sentido.

Sabe onde está... quem é... o que aconteceu...

Desejou que eles se calassem. Um a um, seus rostos foram entrando em foco, e suas perguntas começaram a fazer sentido. O dr. Penn, o homem com cabelos grisalhos e jaleco branco, sorriu para ela.

— Bom dia, Mikaela. Lembra-se de mim?

— Dr. Penn — ela respondeu. — O que aconteceu comigo?

— Você caiu de seu cavalo e bateu a cabeça. Sofreu um traumatismo. Estava em coma.

Ela queria fazer perguntas, mas não se lembrava das palavras necessárias.

— Não se preocupe, Mikaela. Aos poucos, tudo vai ficar mais fácil.

— Stephen se voltou para os estranhos. — Vamos. Ela precisa descansar.

Espera. Ela tentou se sentar. Era difícil. O lado direito parecia pesado. O coração começou a bater mais forte. Antes que ela

pudesse se lembrar das palavras certas para fazê-los ficar, eles saíram.

A porta se abriu novamente, e outra pessoa desconhecida apareceu. Uma mulher gorda, com um sorriso nos lábios.

— Bom dia, Mikaela. Como está se sentindo hoje?

Ela estremeceu. Havia mudado o nome para Kayla. Todos a conheciam assim. *Todos*. Por que continuavam chamando-a de Mikaela? Fazia anos que não usava esse nome, não desde Sunville.

— Já lhe tiraram a sonda ontem à noite, lembra-se disso? Pensei que talvez gostasse de ir ao banheiro, quer?

Kayla olhou para a mulher.

— Quem...

— Sou Sarah Fielding, querida — a enfermeira respondeu à pergunta não feita. Deu à volta na cama e começou a ajeitar os lençóis.

Kayla olhou para suas próprias pernas. Pareciam bem, então por que não se moviam direito? Com todo o cuidado, Sarah ajudou-a a se sentar na cama, depois a ficar de pé. Amparou-a quando tentou andar. Aos poucos, ela foi conseguindo.

— Acha que consegue usar o banheiro hoje, querida?

Ela estava tremendo e respirando com dificuldade, e tudo o que conseguia fazer era, quando muito, ficar de pé.

— Estarei aqui fora se precisar de mim. — Sarah abriu a porta do banheiro.

Kayla sentou-se no vaso sanitário. Doía ao urinar, tanto que precisou tapar a boca para não gritar. Quando terminou, procurou se levantar e se segurou na pia.

Foi então que se viu no espelho. Achou seu rosto muito pálido. O cabelo estava curto. Parecia que tinha sido cortado com tesouras de criança. Como assim? Seus cabelos chegavam à cintura. Julian não a deixaria cortá-los daquele jeito.

Tremendo, aproximou o rosto do espelho. Havia linhas finas em volta dos olhos e da boca. Linhas que não havia antes... o tipo de linhas que sua mãe tinha, e além disso havia alguns poucos fios grisalhos em meio aos cabelos pretos.

Ela gritou.

A porta se abriu imediatamente e Sarah surgiu.

— O que aconteceu?

Kayla colocou as mãos no rosto.

— Estou... velha. Oh, Deus... o que aconteceu?

— Vou chamar o médico.

Ao se aproximar mais do espelho, afastou os cabelos para analisar melhor os fios grisalhos. De repente, não conseguia respirar, os joelhos estavam se dobrando.

— Oh, Deus...

Por quanto tempo estivera deitada naquela cama? Por quanto tempo...

O Dr. Penn entrou apressado no quarto. Kayla se voltou para ele e começou a chorar.

— Com que idade estou?

— Acalme-se, Mik.

— Sou Kayla!

— Precisa de um sedativo, doutor? — Sarah perguntou.

— Não! Não me façam dormir de novo. Vou ficar... calma. — Kayla procurou respirar melhor. Agarrou a mão do médico. — Estou com medo.

Ele lhe tocou no rosto com carinho, como se fosse um amigo, e ela se perguntou como era possível dormir tão profundamente e acordar décadas mais tarde.

— Lembra-se do que eu lhe disse? Você ficou em coma, Mik. Pensei que com seu treinamento como enfermeira, você se lembrasse disso. Pensei que... Ah, tudo bem.

Dessa vez ela se lembrou da palavra, "coma". O médico continuava falando.

— Tudo vai voltar à sua mente... Kayla. Apenas relaxe.

— Por quanto tempo eu... dormi? — indagou ela. Lágrimas começaram a escorrer por seu rosto.

— Um pouco mais de um mês.

O alívio que ela sentiu foi tão espantoso que começou a rir alto. Tentou secar as lágrimas, mas não tinha controle.

— Está tudo bem. Suas emoções estão confusas agora, Mas não vai haver dano permanente. Sua memória voltará.

— Quantos anos eu tenho?

O médico olhou para Sarah, e então suspirou, voltando a olhar para Kayla.

— Por favor, não minta — ela murmurou.

O dr. Penn suspirou.

— Você está com trinta e nove anos.

— Não... Não... Tenho quase vinte e quatro. Eu me casei há dois anos e meio. Juliana acabou de fazer um ano. Eu me lembro da festinha de aniversário...

Ela mal conseguia respirar.

— Existem outras coisas, outros tempos, de que você não se lembra ainda. Mas a memória vai voltar. É melhor deixar as lembranças voltarem naturalmente. Dê algum tempo.

Kayla precisou se esforçar para formular uma única sentença.

— Eu queria... ver meu marido agora.

O Dr. Penn olhou para Sarah novamente, então concordou.

— Espere um minuto.

Kayla tentou continuar respirando com calma quando eles saíram do quarto. Sentou-se na cama, onde se sentia segura. Julian diria a ela a verdade. Ele lhe diria...

A porta se abriu novamente. Só que não era Julian. Era um outro estranho. Ela sacudiu a cabeça. O homem se aproximou da cama devagar. Tudo o que ela queria era pedir a ele que fosse embora.

Ele a tocou nos ombros e a puxou gentilmente para si. Os olhos dele eram tão verdes... Ela nunca vira olhos tão cheios de carinho. Isso a acalmava, o modo como aquele homem olhava para ela.

— Para sempre — ele murmurou.

Aquilo a perturbou. Devia significar alguma coisa.

— Lembre-se de mim — ele murmurou, sacudindo-a gentilmente.

— Eu me lembro do senhor — disse ela. — O senhor é o outro médico.

Ele a soltou. O movimento inesperado a fez cair sobre os travesseiros. Mikaela teve o estranho pensamento de que o havia magoado. Aqueles olhos verdes pareciam tão tristes...

— Desculpe-me... — ela murmurou, embora não tivesse ideia do que tinha feito para machucá-lo tanto. — Eu só queria... ver o meu

marido.

Quando ele se virou para a porta, ela quase o chamou de volta. Queria que ele olhasse novamente para ela, que a tocasse e a fizesse se sentir a salvo, mas sabia que isso era ridículo.

— Está bem — ele respondeu baixinho. — Vou chamar Julian.

Julian estava sentado na sala de espera. Tentava ficar calmo, mas não conseguia parar de bater o pé no chão. Um tique nervoso. Havia somente duas pessoas na sala, ele e Stephen, mesmo assim ele sentia como se estivesse cheia e abafada. Liam os tinha deixado ali poucos minutos antes para ver Kayla.

Passara a maior parte da noite tentando pensar em como e quando diria a ela a verdade sobre o passado deles. Agora, ali estava ele, quase ao meio-dia, nem perto de uma resposta.

Liam entrou na sala, abatido. Passou a mão pelos cabelos e respirou fundo. Mesmo à distância, Julian percebeu que a mão dele tremia.

— Ela quer ver o marido — anunciou Liam.

— E agora? Você lhe disse que ela tinha trinta e nove anos. O que devo lhe dizer quando me perguntar onde estive nestes quinze anos? — Julian questionou Stephen.

— Diga-lhe onde *você* esteve. — Foi Liam quem respondeu.

— Ah, sim, você iria adorar, não é? — Julian reagiu, furioso.

— Pois eu nem gosto que você esteja no mesmo quarto que ela. — Liam deu um passo à frente. — Se ela lhe fizer uma pergunta direta, você deve responder a verdade. Não pode mentir. Stephen disse que é isso o que ela quer.

— É melhor eu não ir vê-la. Tenho... medo de magoá-la.

— Essa é a melhor notícia que ouvi hoje.

Julian esperou, mas Liam não disse mais nada.

— Bem, vou vê-la.

Ele parou à porta e armou-se de seu sorriso brilhante antes de abri-la.

Kayla estava dormindo.

Ele fechou a porta bem devagar e foi até a cama. Ela parecia em paz, tão linda...

Então ela foi acordando.

— Julian? É você?

— Olá, Kay — cumprimentou ele, esforçando-se para sorrir.

Ela procurou se sentar sozinha e conseguiu, mas ficou semfôlego e com a testa suada.

— Onde está Juliana?

— Ela estará aqui logo, eu prometo.

— Senti sua falta. — Ela sorriu. — Sabia que viria.

— Eu também estava com saudades. — E era verdade, o que o surpreendeu. De fato sentira falta não só de Kayla, mas também do homem que fora um dia, alguém que poderia ter ficado ao lado dela.

— Você está mais velho também.

— Que bom que notou. Ei, você se lembra...

— Por que estamos velhos?

— Você nem chegou aos quarenta, ainda. É jovem. — Ele sorriu, sem jeito.

— Julian, ninguém me contou a verdade. Mas sei que você não mentiria para mim. Por favor, preciso entender.

Ele queria esconder a verdade, mas não havia saída.

— Você tem algumas falhas de memória. Os médicos disseram que não há nada com que nos preocuparmos.

— Um lapso de quinze anos não deve preocupar?

— Você vai recuperar a memória. Não se apresse. — Ele se inclinou e a beijou. Ela tinha o mesmo gosto de que ele se lembrava.

— Como pude esquecer quinze anos em que amei você e Juliana? Fale sobre nós, Julian. Isso vai me ajudar a lembrar.

— Ah, meu bem... — Ele faria tudo para apagar a mágoa nos olhos dela. — Ela é linda, Kay. A sua imagem.

O rosto dela estava sério.

— Eu me lembro de quando o deixei. Fiz as malas, comprei um carro e o enchi de coisas. Não peguei quase nada de nossa vida juntos, nem mesmo o seu dinheiro. Tinha certeza de que você iria rapidamente nos buscar... Eu me lembro que esperei e esperei, mas não tenho certeza se você voltou.

Julian sentiu-se péssimo, a ponto de reprimir o choro.

— Eu sinto muito, Kay, sinto muito.

— O que houve, Julian?

Ele tocou no rosto dela. Não tinha saída, pois ela poderia recuperar a memória em dez segundos.

— Bem, vamos falar apenas do presente. Estou agora com trinta e nove anos, isso significa que Juliana tem dezesseis.

— Não está querendo dizer que... que nunca voltou para mim? Em todos esses anos, nunca? — completou ela, com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu era jovem e tolo. Não sabia como era especial o que havia entre nós. Levei muito tempo para crescer — confessou Julian, com um nó na garganta.

— Nunca... Oh, meu Deus!

— Kayla, eu sinto muito.

— Não é para menos que eu tenha esquecido.

— Não me olhe como se eu tivesse partido o seu coração.

Ela tentou secar os olhos, mas não conseguiu.

— Creio que você fez isso há muito tempo, e eu, sortuda, precisei passar pela experiência duas vezes. Oh, Julian... Meu amor não lhe é suficiente. Eu gostaria de ter esquecido sua existência.

— Não diga isso. Por favor... — Ele queria beijar as lágrimas do rosto de Kayla, mas não tinha esse direito. Ele a magoara de novo, como já tinha previsto, e se arrependia profundamente.

— Vá embora, Julian.

— Kayla, não...

— Vá embora. Por favor.

Se ele tivesse a coragem de Liam, saberia o que dizer, mas do jeito que era, sentia-se vazio. Virou-se e seguiu para a porta.

— Quero ver minha filha — afirmou ela.

Julian acenou com a cabeça e saiu, sem dizer nada.

Mikaela queria se fechar ao mundo de novo.

Julian nunca tinha voltado!

Então, o que ela estivera fazendo naqueles anos todos? Se as coisas fossem normais, se ela estivesse normal, teria rido dele e lhe dito que o amor que sentira antes havia morrido havia muito tempo.

Não sabia no que se tornara nos anos depois que o deixara. Tudo o que sabia, pensara, sentira e acreditara sumira de sua memória.

E quanto à filha, aquele lindo bebê que já era uma moça? Desejou estar com raiva. Seria muito melhor do que aquela dor, aquela sensação de tristeza imensa.

Em seu coração, ela era uma mulher de vinte e quatro anos, apaixonada pelo marido. Entretanto, a verdade era que aquele não era seu marido. Tinham-se passado quinze longos anos para curar as feridas que ele lhe infligira.

Era um período de vida longo demais para ter sido apagado! Sem lembranças, sem passagem de tempo, sem mudança, sem crescimento...

A porta se abriu.

— Mikita, você está acordada?

Mikaela soltou um gemido.

— Oh, *mama...*

Os anos tinham sido duros para Rosa. Os cabelos estavam grisalhos, havia muitas rugas. Mikaela queria perguntar o que tinha acontecido, mas antes mesmo que fizesse a pergunta, sabia a resposta. O sofrimento por um amor errado envelhecera a mãe.

Rosa se aproximou da cama e tocou no rosto da filha.

— Um *milagro*. — Abraçou Mikaela. — Nunca pensei que veria você sorrir de novo, *hija*.

— *Hola, mama*.

— Senti tanto a sua falta!

— O que aconteceu comigo, *mamai* Ninguém vai me contar.

Rosa pegou uma escova e começou a pentear os cabelos da filha.

— Você caiu de um cavalo.

— Foi o que me disseram. Mas o que eu estava fazendo andando a cavalo?

— Nos últimos anos, você tem cuidado de cavalos. É algo que você ama fazer. — Rosa sorriu.

— Fale sobre Juliana, *mama*. — Mikaela agarrou a mão da mãe.

— Nós a chamamos agora de Jacey, e ela é tudo o que você poderia querer em uma filha. — Os olhos de Rosa brilharam. — Ela é linda, prendada, amorosa e muito inteligente. E popular. Nunca ouvi um telefone tocar tanto. Olhe em volta deste quarto, Mikita, e diga o que vê.

Pela primeira vez, Mikaela olhou em volta. Havia flores e balões em toda parte, cartões sobre a mesa.

— Tudo isso veio de Julian?

Rosa balançou a cabeça.

— Nada veio daquele lá. Isso tudo veio dos seus amigos. Este é seu lar agora, Mikaela. Um lugar maravilhoso, não tem nada a ver com Sunville. Em cada loja em que entro, alguém pergunta sobre você. Aqui, *mi hija*, você é muito amada.

Mikaela não podia conceber que tivesse finalmente encontrado um lar, um lugar aonde pertencesse, e não se lembrasse disso. Não era justo.

Ela olhou para a mãe.

— Ele nunca me procurou, *mama*.

— Eu sei. E isso foi difícil para você. Talvez seja mais difícil agora. Então, você se lembrou por que o deixou. Agora, penso que talvez se esqueça.

— Quero ver minha filha.

Rosa não respondeu por um momento.

— Vai magoar o coraçãozinho dela... esse seu esquecimento. O dr. Liam quer que você deixe passar outro dia para ver se lembra, *si*? Não vai querer magoá-la.

— Eu me lembro como é quando um pai ou mãe não conhece você. Eu me lembro disso de... meu pai.

— Você nunca o chamou de "pai" antes.

— Eu sei. — Mikaela suspirou. — Mas chamá-lo assim não o transforma em outro alguém, não é?

— Não. — Rosa tirou uma foto do bolso. — Veja.

Mikaela ficou olhando a foto. Era de Mikaela, Rosa e uma linda menina. Estavam em uma sala de estar, ao lado de uma maravilhosa árvore de Natal.

— Esta é a minha Juliana... Não, a minha Jacey.

— As lembranças estão em você, Mikaela. Coloque esta fotografia perto do seu coração e durma bem. Seu coração vai se lembrar o que sua mente esqueceu.

Os olhos de Mikaela encontraram aqueles que se pareciam tanto com os dela. Ela tinha a impressão de ter abraçado aquela menina,

passado as mãos nos cabelos, beijado seu rosto.

— Oh, *mama!*— ela murmurou, e finalmente chorou.

Logo depois do almoço, Mikaela adormeceu. Sabia que sonhava agora. Era o primeiro sonho desde que acordara, e havia uma agradável familiaridade nessa sensação. No seu sonho, seu mundo vinha em tons azuis e verdes. Uma gentil brisa de verão balançava as folhas das árvores. Ela caminhava por uma estrada deserta. Seu corpo estava perfeitamente bem, nenhuma dificuldade em se mover, nenhum dedo se recusando a dobrar. Viu então um celeiro de madeira no alto da colina. Nos campos à sua volta, havia cavalos pastando.

Continuou andando, em direção à linda casa de troncos de madeira. A porta da frente se abriu para ela. Foi subindo os degraus que levavam à varanda. Ouvia um choro de criança vindo de dentro da casa.

Estou indo! As palavras entraram na mente de Mikaela, mas não chegaram à sua boca. Ela estava se movendo mais uma vez, correndo agora. Os gritos se tornaram mais altos, mais insistentes. Em sua mente, Mikaela visualizou a imagem de um menininho de cabelos vermelhos, sugando o dedo. Ele estava em um canto do quarto, esperando a mãe vir buscá-lo.

Havia centenas de portas à frente dela, e o corredor ficava milhas dali. Correu, abrindo porta por porta. Atrás das portas não havia nada, a não ser o vento frio do inverno. Finalmente o choro parou. O silêncio a deixou apavorada. Ela chegara muito tarde... tarde demais.

Acordou com um sobressalto. Estava no hospital.

Havia um homem parado junto à janela. Seu primeiro pensamento foi "*Julian*", mas ela notou que ele usava um jaleco branco.

Ele se voltou, e Mikaela viu que não era o dr. Penn. Era o outro, qual era mesmo o nome? O médico alto, com cabelos um pouco compridos demais e uma fisionomia simpática.

— Você precisa de um corte de cabelo — ela falou sem pensar, e ela se surpreendeu.

Por que dissera isso para aquele homem? Passou as mãos pelos cabelos e sorriu, mas era um sorriso triste, e ela ficou pensando por que ele parecia tão abatido.

— Sim, suponho que preciso. Minha... esposa é quem corta o meu cabelo.

Quando ele falou, Mikaela sentiu um arrepio pelo corpo.

— Você é a voz — ela falou baixinho.

Ele puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da cama.

— Que voz?

— Quando eu estava dormindo, eu escutei você.

Ele sorriu novamente.

— Eu não tinha certeza se você estava ouvindo. Achei que eu ia falar para sempre.

Para sempre. Aquela expressão, de novo, que a instigava, como se estivesse prestes a despertar alguma lembrança.

— Quem é você? — ela perguntou. Ele a observou por um instante.

— Dr. Liam Campbell.

De alguma forma, Mikaela sentia que alguma coisa não soava direito. Olhou em volta, para as fotos ao longo da janela, fotos que não a haviam interessado antes, frascos de perfume, um adorável laguinho com uma fonte. Soube então que aquele era o homem que tocava suas músicas favoritas. Fora ele quem lhe dera algo para se apoiar durante toda aquela escuridão.

— Eu me lembro do som do seu riso — ela disse, surpresa. Aquilo pareceu deixá-lo satisfeito. Ele sorriu.

— As lembranças voltarão assim, aos poucos.

— Quem é você?

— Dr. Li...

— Não — ela o interrompeu. — O que você é meu?

Liam estremeceu. Bem devagar, levantou-se e pegou a mão dela. Acariciou seus dedos, tão ternamente que Mikaela sentiu a respiração presa na garganta. Ela não se lembrava de quando fora tocada daquele jeito. A nuvem que envolvia sua memória começou a

se dissipar, embora ainda não fosse possível distinguir direito as coisas.

— Esta aliança — ele disse baixinho. — Eu a coloquei em seu dedo dez anos atrás.

Mikaela olhou para a aliança na mão esquerda.

— Você é... — Ela não conseguiu dizer a palavra.

— Sou seu marido.

Não era possível!

— Mas... Julian...

— Julian foi seu primeiro marido.

Mikaela entrou em pânico.

— Como pude me esquecer de uma coisa assim? Como posso não ter... sentimentos por você agora?

Uma expressão de dor tomou conta do rosto dele.

— Não se preocupe com isso. Está tudo bem se não se lembra.

— Eu... eu não sei o que dizer para você... Liam.

— Está tudo bem.

Mas não estava bem. Era longo demais o caminho que ela teria de percorrer. Aquele homem era seu marido, no entanto não nutria por ele qualquer sentimento.

Em certo momento de sua vida, devia ter parado de amar Julian e começado a amar aquele homem gentil e tranquilo. Mas o que aconteceria agora que ela somente se lembrava do amor por Julian?

Tentou sorrir para ele, mas não conseguiu.

— Diga-me como era a nossa vida juntos. — Essas foram as palavras que escaparam de seus lábios, mas ela queria dizer algo como: "Faça-me amá-lo de novo..."

Liam sorriu, e Mikaela soube que ele estava se lembrando de um momento que agora era só dele.

— Na época, você era enfermeira. Eu a conheci quando você cuidava do meu pai... — Ele a olhou. — Posso segurar sua mão?

O pedido a fascinou por deixar subentendida uma gentileza única. Não conseguia deixar de pensar como ele era diferente de Julian. Julian nunca perguntaria; nunca lhe ocorreria que seu toque pudesse não ser bem-vindo.

— Claro que sim.

Seus olhares se encontraram, e Mikaela se sentiu confusa. Aquele homem era ao mesmo tempo um estranho e seu marido.

Marido.

— É esquisito, não é? — O riso dele era nervoso.

Mikaela devolveu o sorriso, estudando o rosto dele, buscando por *alguma coisa*, alguma vaga lembrança. Mas não havia nada. Ainda assim, ele tinha os olhos mais bondosos que ela já tinha visto.

— Imagino o quanto isso deve ser sofrido para você — ele murmurou.

— O coma foi bem pior.

Por alguma razão, Mikaela não concordava.

— Foi você que chamou Julian?

— Sim.

— Não entendo. Se você e eu estamos casados agora, porque faria isso?

— Eu não conseguia... acordar você. Eu me sentava aqui todos os dias, segurando sua mão, conversando com você, tocando sua música favorita. Fiz tudo o que podia para alcançá-la, dia após dia, e você continuava do mesmo jeito. — A voz dele resumia-se a um sussurro. — Pensei que estivesse perdendo você.

— Mas por que Julian?

Ele soltou um longo suspiro.

— Porque, Mikaela, eu sei.

O coração dela pareceu falhar um batimento.

— Sabe o quê?

— Que você nunca deixou completamente... de amá-lo.

Por um momento, ela prendeu a respiração.

— Você me amava muito?

— Ainda amo — ele respondeu, com um sorriso triste que partia o coração dela.

— Eu também devo ter amado você.

Ele ficou um longo momento em silêncio antes de responder.

— Sim.

E então ela soube.

— Eu continuava apaixonada por Julian, não é? — De alguma forma, essa descoberta a perturbou. — Eu magoava você. Será que

era consciente?

— Espero que não.

— Sinto muito, Liam.

Não havia mais o que dizer. Como ela poderia pedir desculpas por algo de que não conseguia se lembrar?

Tudo começou com o som de portas se abrindo. Julian estava sentado no saguão, olhando o relógio de parede. Os ponteiros indicavam quinze minutos para as três horas. Liam estava com Kayla agora, e tinha pedido a Julian que o esperasse.

— Olá, Julian.

Julian levantou o olhar e viu Val acenando para ele. Em vez da habitual calça jeans desbotada e camiseta com estampa de algum filme, seu empresário estava usando um terno com camisa de seda e gravata. Seu cabelo loiro tinha sido penteado e cortado recentemente, caindo agora na altura dos ombros. Não se deu o trabalho de tirar os óculos escuros.

Julian teria rido se não estivesse se sentindo tão mal.

— Isto aqui é Last Bend, seu idiota, não Cannes. Por que esse traje?

Foi então que ele viu através da janela que havia lá fora vans e carros enfileirados. As pessoas estavam saindo dos carros, reunindo-se em semicírculos.

Ele já tinha visto aquilo tantas vezes que sabia a sequência de cor. Era a imprensa.

— Val, o que você fez?

Val gesticulou, abrindo os braços.

— Você é a sensação do momento! Umass poucas palavras sussurradas em alguns poucos ouvidos, e a história se espalhou como fogo em folhas secas. Tenho de admitir, eu não esperavatudo isso.

— Droga, Val, eu lhe disse para não... — Ele parou de falar. Era tarde demais. Já tinha sido visto.

Repórteres passaram pela porta, microfones na mão, câmeras nos ombros. Em segundos, Julian e Val estavam engolidos pela turba. Val piscou para ele.

— Tarde demais para se esconder, Julian.

Julian tinha de conseguir sair dali. Conseguiu ir se esgueirando e saiu do hospital. Os repórteres o seguiram, fazendo perguntas.

— Julian? É verdade? Você encontrou sua Cinderela?

— Ela está muito mal?

— Ela ainda é bonita?

— Como se explica que não haja nenhuma Kayla True registrada neste hospital?

Julian levantou as mãos, esforçando-se para exibir o sorriso que era sua marca registrada. *Flashes* explodiram, cordões se enroscavam em seus pés.

— Não há nenhuma história aqui, pessoal. Vim a esta cidade para participar de uma festa beneficente. Isso é tudo.

Val abanou as mãos.

— Vocês todos sabem que a primeira esposa de Julian, Kayla, era o amor da vida dele. Infelizmente, os dois eram muito jovens... — Ele parou e olhou em volta.

Ao perceber que todas as luzes estavam sobre Val, Julian reagiu em favor da glória e da fama, esquecendo-se dos bons sentimentos e lembranças.

— Vocês não podem imaginar como me senti quando ouvi que ela tinha sofrido um acidente. Corri para estar ao seu lado... — ele começou o relato, deixando de lado o que tinha prometido não fazer.

— Por que eles o chamaram? — alguém gritou.

— Disseram-me que Kayla tinha sofrido uma severa batida na cabeça...

— O cérebro está comprometido?

— Talvez essa seja a razão para ela ter chamado por Julian! — Val tocou de leve no ombro de Julian, assumindo de novo as rédeas da história. — Ela estava em coma havia mais de um mês. Parecia um caso perdido...

Ele hesitou, sacudindo a cabeça tristemente.

— Então os médicos descobriram que Kayla só reagia a uma coisa: ao som do nome de Julian.

Um murmúrio percorreu a multidão. Eles sabiam que ali estava um furo jornalístico que renderia milhões.

— Claro que Julian correu para cá — Val prosseguiu. — Sentou-se ao lado dela, dia após dia, falando com ela, segurando sua mão, lembrando-a de que havia um homem que a amara e esperava que ela acordasse. — Val exibiu um sorriso brilhante. — Ontem ela acordou. E Julian estava lá. Foi a primeira pessoa que ela viu.

Uma das repórteres suspirou.

— E quais foram suas primeiras palavras?

Julian começou a responder, mas ninguém estava escutando.

— Ela...

— O coma vai deixar sequelas?

— Ela ainda está apaixonada por você, Julian?

Julian suspirou. Eles não se importavam realmente com a saúde de Kayla. Tudo o que queriam era uma história, o conto de fadas, ou melhor ainda, um escândalo. Uma morte. Algo sensacional.

Olhou em volta. Reconhecia alguns rostos. Não era um emprego que qualquer humano normal pudesse aguentar por muito tempo.

Eles eram o reflexo de sua vida. Engraçado, nunca percebera isso antes. Havia sempre considerado a mídia como um mal necessário; ninguém podia ser famoso sem ela. Mas agora ele via o espaço escuro e vazio que envolvia aquele sucesso. Nada de real era capturado por aquelas lentes.

Mas Julian não tinha outra vida que não fosse aquela de filmes, aquela que o tornara um sucesso. Ele trocara o real pelo brilho rápido de *um flash*.

— Chega por hoje — anunciou, desejando não ter conversado com aquela gente.

Val riu.

— Vocês conseguiram suas manchetes, pessoal. *O beijo de Julian True acorda a Bela Adormecida*.

Quando Liam saiu da sala de Stephen, ouviu seu nome sendo chamado pelo sistema de comunicação do hospital. Agarrou o primeiro telefone que viu e discou seu código. A mensagem vinha de Rosa. Ela estava esperando por ele no saguão. Era uma emergência.

Ele viu Rosa antes que ela o visse. Estava parada no meio do corredor, uma coisa estranha para uma mulher que sempre se escondia pelos cantos com a cabeça baixa. Mesmo à distância ele podia ver por sua expressão que ela estava com raiva.

Alguma coisa estava errada.

— Rosa?

— Você viu o que ele fez?

— De quem você está falando?

Rosa respirou fundo.

— Estou muito aborrecida. Escutei no rádio em casa, enquanto fazia as tortilhas para o jantar desta noite, *si?* E escutei as notícias locais. — Ela apontou para a multidão que rodeava Julian. — É uma história e tanto, dr. Liam. Eles estão dizendo que Julian tirou o seu verdadeiro amor do coma.

— Droga.

Liam foi até o saguão, viu a multidão lá fora e seguiu para as portas. Repórteres rodeavam Julian, com microfones e câmeras em vez de livros de preces em suas mãos. Falavam todos ao mesmo tempo.

— Quando vamos entrevistar Kayla?

— Quando vamos tirar uma foto de vocês dois?

— O que ela esteve fazendo esses anos todos?

— Vocês vão reatar o casamento?

Liam agarrou Julian pelo braço e o puxou. Tentando não olhar para os repórteres, usou o tom de voz mais baixo que conseguiu.

— Preciso falar com você. Agora.

Julian ficou sem graça.

— Claro, doutor. — Lançou à multidão um sorriso falso. — Este aqui é Liam Campbell. Ele é o... médico de Kayla.

A multidão começou imediatamente a fazer perguntas, mas Liam os ignorou. Segurando o braço de Julian, ele o arrastou para o

saguão, passou por Rosa, e o enfiou dentro de uma sala de exames que estava vazia.

Um instante depois, a porta se abriu e Rosa entrou.

— Olá, Rosa — Julian disse, então se virou para Liam. — Lamento muito. Eu mandei meu empresário manter a imprensa fora disso, mas ele me ignorou. Realmente, lamento muito. Se eu não falasse com eles, Deus sabe que história iriam inventar. Pelo menos assim, vão saber a verdade.

— A *sua* verdade, talvez.

— O que quer dizer?

— Você os alimentou com uma colher de romance, não foi? Com você de herói no papel principal, o cavaleiro branco que chegou em sua limusine e tirou a pobrezinha dos braços da morte.

— O senhor ainda não escutou o pior, dr. Liam — interveio Rosa, colocando-se entre os dois homens. — Quando eu vinha para o hospital, ouvi as perguntas. Os repórteres estavam perguntando sobre a filha dele.

— Jesus Cristo! — Liam agarrou Julian pelos ombros e o sacudiu. — Diga-me que a protegeu! Diga-me que não disse uma maldita palavra sobre sua filha!

Julian piscou seguidas vezes.

— Val disse aos repórteres que ela era a líder da torcida no colégio.

Pela primeira vez na vida, Liam socou um homem, enfiando o punho no lindo queixo de Julian. A dor passou por todo o seu braço com o impacto.

— Há somente oito líderes de torcida no colégio.

Ele se virou para a sogra.

— Você fica aqui com Mik. Mantenha a imprensa longe dela. Vou pegar as crianças e voltaremos assim que pudermos. Entraremos pelos fundos do hospital.

CAPÍTULO IV

Por favor, faça-me chegar a tempo.

Liam consultou o relógio do carro. Eram três e cinco da tarde. O ensaio das líderes de torcida havia acabado cinco minutos atrás.

Pisou fundo no acelerador. Na entrada da escola, percebeu que estava dirigindo depressa demais, porque cantou os pneus e quase perdeu o controle do carro ao virar a direção para entrar no estacionamento.

Mas já era tarde demais. Havia uma multidão de repórteres do lado de fora do portão. Falavam alto e todos ao mesmo tempo.

Liam saiu do carro e correu na direção deles. O chão estava escorregadio devido à neve, e por duas vezes ele quase caiu. Quando chegou à entrada, seu coração estava descompassado.

— Jacey! — A voz dele se perdeu em meio ao alarido.

Os repórteres rodeavam um pequeno grupo de meninas como um bando de lobos, tornando impossível para Liam chegar até Jacey. Estavam berrando perguntas, uma atrás da outra.

— Qual de vocês é Juliana?

Ele ouviu o orientador responder que não havia nenhuma Juliana ali.

Liam forçou a passagem, mas havia luzes e câmeras por toda parte, e os repórteres sabiam como acessar qualquer lugar. Ele gritou o nome da filha, sentindo-se como uma sardinha enlatada.

— Qual de vocês tem uma mãe em coma no hospital?

Ele sabia que agora todos olhavam para Jacey...

— Lá está ela!

O grupo se colocou então à volta de Jacey, bloqueando a passagem de qualquer outra pessoa. Lobos separando a ovelhinha do rebanho.

— Você é a filha de Kayla?

— É Juliana?

Ele podia ver que Jacey respirava com dificuldade. Estava com medo.

— Sou Jacey — ela respondeu. — Minha mãe está em coma.

O microfone se posicionou junto ao rosto dela, quase atingindo o seu nariz.

— Como é ser filha de alguém tão famoso?

Liam gritou o nome dela.

— Jacey, venha cá!

Os olhares dos dois se encontraram. Liam viu o medo nos olhos da filha. Viu-a em pânico, respirando muito mal.

— Como é ser filha de Julian True? — alguém gritou.

Jacey olhou para Liam, boquiaberta, os olhos tomados pelo choque.

— Por Deus, ela não sabe...

— Mova-se, Bert, tire uma foto do rosto dela... agora!

— Afastem-se dela! — Liam berrou.

Empurrou o mais que pôde e finalmente estava ao lado da menina. Pegou-a pelo braço e a abraçou. Sentiu que ela tremia.

— Está tudo bem, querida — murmurou em seu ouvido, mesmo sabendo que não era verdade.

— É o médico — alguém disse. — O que você...

— Ela não tem declaração alguma a dar — Liam interrompeu.

Conseguiu levar Jacey até o carro, mas os repórteres os seguiram, fazendo mais perguntas e tirando fotos. A última coisa que escutou foi ao bater a porta do carro.

— Anotou a placa?

Ele ligou o motor e pisou no acelerador. O carro saiu patinando pela neve e deixou o estacionamento.

Liam sentiu o coração disparado e um gosto ruim na boca. Havia falhado em proteger a filha. Tudo aquilo era sua culpa. A filha que ele amava mais que sua própria vida tinha sido magoada.

Jacey estava enrolada no banco, olhando a estrada atrás deles.

— Não estão nos seguindo — ela disse, com voz chorosa.

Liam virou à esquerda, entrando na estrada que ia dar no parque da Angel Falls, um caminho malconservado pelo serviço florestal. Escolhera essa estrada porque ela aparecia apenas nos mapas mais detalhados da área. Ninguém os seguiria ali.

Quando chegaram ao fim da estrada, ele estacionou o carro. Era fim de tarde e estava escuro ali nos bosques.

Liam suspirou e voltou-se para a filha.

— Não consegui chegar a tempo.

Jacey olhou para ele, os olhos escuros confusos e com medo.

— É verdade, papai?

Ele queria estar bravo com Mik naquele exato momento, mas tudo parecia frio e vazio.

— É verdade. Sua mãe foi casada com Julian True.

A cor abandonou o rosto de Jacey. De repente ela se tornou muito mais jovem e vulnerável.

— Ele é meu pai?

Por um momento, Liam não conseguiu responder. Faltava-lhe a voz.

— Sim.

— Oh, meu Deus...

Liam esperou que ela falasse mais, mas Jacey ficou em silêncio. Para ele, era como se algo estivesse se erguendo entre os dois. Tentou pensar no que dizer, mas o vazio dentro dele implorava por silêncio. Finalmente ouviu-se dizendo a única verdade que interessava.

— Eu deveria ter contado para você.

— É por isso que ele está na cidade? Para ver mamãe?

— Sim.

— E você sabia que ele era meu pai?

— Ouvi as mesmas histórias que você, Jacey. Mik me disse que tinha se casado muito jovem, com um homem que somente queria viver em festas e se divertir. Eu não sabia que era Julian True. Descobri a verdade quando fui procurar aquele vestido que você usou no baile.

— E ela nunca disse o nome do meu pai. Eu achava que devia ser algum sujeito idiota que ela conheceu no colégio. — Jacey parou e olhou para Liam. — Jesus, Julian True... Quando mamãe ia me contar? Quando colonizassem Marte?

Não havia desculpa para o que Mik tinha feito com a filha, Liam pensou. Era uma bobagem guardar a verdade em uma almofada de

seda.

Jacey estava à beira das lágrimas.

— Foi por isso que ele foi até o baile dançar comigo. Como ele soube que mamãe estava em coma?

— Eu telefonei para ele. Descobri... que sua mãe reagia ao ouvir o nome dele. Pensei que se ele conversasse com ela, Mik poderia acordar, e deu certo. Ela acordou ontem.

— Julian acordou mamãe, depois de todas as horas que passamos falando com ela?

Liam balançou a cabeça.

— Bem...

— Oh, meu Deus, e se... — Dessa vez ela não se segurou mais e chorou. Jogou-se nos braços de Liam como se fosse uma criancinha de novo e chorou no ombro dele. —Eu odeio mamãe! — Confessando isso, ela voltou a chorar.

Liam lhe tocou o rosto.

— Não, você está magoada agora, e tem o direito de se sentir assim. Mas nunca pode odiar sua mãe. Ela ama você muito, Jacey.

— E quanto a você? Ela mentiu para você todos estes anos também.

— Algumas vezes as pessoas mentem para proteger aqueles a quem amam. Talvez ela pensasse que... não saberíamos lidar bem com a verdade. — Ele suspirou.

Jacey secou os olhos com as costas da mão. Seus lábios tremiam.

— Ele nunca me quis, não é? Foi por isso que nunca nos visitou nem escreveu.

Liam queria continuar escondendo os fatos, mas haviam sido as mentiras que os levara àquela dor de agora.

— Não conheço Julian o suficiente para responder isso.

Ela o olhou, as lágrimas deslizando pelo rosto.

— Eu amo você... papai.

Ele percebeu a breve hesitação, o modo como sua voz lidava com a nova informação, antes de chamá-lo de pai.

— Eu também amo você, Jacey. Ainda somos uma família — ele murmurou. — Lembre-se disso. Sua mãe ama você e Bret.

— *Oh, Deus, Bret!*

Liam deu um pulo tão grande que sua cabeça bateu na janela do carro.

— Os repórteres! — Jacey ajeitou-se no banco e apertou o cinto de segurança. — São três e meia. Ele está na aula de música.

Bret estava ficando cansado. Vinha praticando por mais de uma hora, e ele, como a maioria dos meninos, odiava ficar de pé e imóvel. A professora de música, a sra. Barnett, os organizara em grupos por altura, o que significava que as meninas estavam perto dos meninos, e isso era sempre um problema.

A sra. Barnett soou seu ponteiro de madeira no suporte da partitura.

— Vamos, crianças, prestem atenção. Agora, vamos tentar o último verso novamente. — Ao seu sinal, começaram a cantar *Noite Feliz*.

Bret não conseguia se lembrar de uma única palavra. Katie lhe deu uma cotovelada, devolvida no instante seguinte.

— Sra. Barnett, Bret Campbell não está cantando! — berrou Katie. Bret revirou os olhos.

— Bem, Katherine, isso não é de sua conta, não é? — a sra. Barnett observou.

Katie ficou vermelha. A sra. Barnett sorriu para Bret.

— Não vamos aborrecer Bret. Todos sabem que a mãe dele acabou de acordar, e este é um momento difícil para a família.

Todos sabemos que a mãe dele acabou de acordar, Bret sentiu dificuldade para respirar. Aquilo não podia ser verdade. O pai teria lhe contado se a mãe acordasse. Mas a sra. Barnett dissera que...

De repente a porta da sala de música se abriu e Jacey apareceu. O rosto dela estava vermelho, como se ela tivesse chorado.

— Sra. Barnett, preciso levar Bret para casa agora.

A professora concordou no mesmo instante.

— Vá com sua irmã, Bret.

Ele podia ouvir todos falando baixinho e sabia que falavam dele. Mas não se importava com isso. Queria que a professora desmentisse o que tinha dito. Seu pai não teria escondido algo tão

importante assim. Ele foi até a irmã. Sentiu-se de repente muito pequeno.

— Mamãe está...

— Vamos, Bret.

Ela agarrou o braço dele e o tirou da sala de música. O carro de Liam estava estacionado numa das vagas dos ônibus, e estes deveriam chegar a qualquer minuto.

Bret permitiu que a irmã o colocasse no banco de trás como se fosse um pacote. Jacey prendeu o cinto, então saltou para o banco da frente. Antes que Bret pudesse pensar em alguma coisa, eles estavam atravessando a cidade. As pessoas estavam todas nas ruas, colocando os enfeites para o festival que aconteceria no fim de semana, mas o pai não acenou para ninguém. Estava dirigindo muito depressa. Bret queria perguntar alguma coisa, berrar até.

Quando o carro parou na porta dos fundos do hospital, Bret percebeu que seu pai nem sequer o notara. Sua atenção estava focada em Jacey.

— Fique com seu irmão e longe do saguão. Tenho de conversar com Sam na sala de administração. Eu me encontrarei com vocês na lanchonete em dez minutos, está bem?

Jacey concordou.

Liam saiu quase correndo, e Jacey e Bret desceram o corredor escuro dos fundos do hospital. Seus passos ecoavam, o que os assustou.

Ela estava morta. Bret tinha certeza disso. Quando entrasse no quarto da mãe, a cama estaria vazia, e seria tarde demais para vê-la. Em um ímpeto, soltou-se da mão da irmã e correu em direção ao quarto da mãe.

— Bret, volte aqui!

Ele ignorou o chamado e continuou correndo. Diante do quarto da mãe, parou e abriu a porta. Lá estava ela, deitada do mesmo jeito de sempre. Dormindo.

Não sabia interpretar o que sentia. Se alívio porque o pai não tinha mentido, ou desapontamento porque ela não estava acordada. Fechou a porta com cuidado e foi até a cama da mãe. Ainda o assustava vê-la daquele jeito, embora estivesse bonita outra vez, e o

pai tivesse lhe mostrado a importância de algumas coisas, como o tom rosado de seu rosto e o modo como o peito se levantava e abaixava a cada respiração. *Todos bons sinais*, o pai sempre dizia.

Mas para Bret, ela parecia morta. Era preciso repetir a si mesmo que ela estava viva.

Ainda é ela, Bret. Lembre-se disso.

Ele tentou tirar forças das palavras do pai. Seu pai, aquele que nunca mentia, dissera que a mãe estava viva... em algum lugar.

Bret se aproximou mais e subiu na grade da cama, inclinando-se sobre Mikaela. Estava tão perto que podia sentir o sopro de sua respiração nos cílios. Então fechou os olhos e tentou pensar em uma lembrança boa da mãe.

Bem, creio que qualquer garoto capaz de selar este cavalo esteja mais do que pronto para sua cavalgada noturna. Estou orgulhosa de você.

Ele sabia que a lembrança o faria chorar, e foi o que aconteceu. Tudo o que podia pensar era o modo como ela se ajoelhara no chão frio do estábulo e o abraçara. Ele sentia falta dos abraços, talvez até mais do que dos beijos.

Ouviu a porta se abrir atrás dele, e então os passos suaves dairmã.

— Vamos, Bret. Papai nos disse para encontrá-lo na lanhonete.

— Espere um segundo.

Ele se inclinou e beijou a mãe exatamente como ela fazia nele, primeiro um beijo rápido na testa, um em cada bochecha e um beijo borboleta no queixo, então um mais longo na ponta do nariz. Quando seus lábios encostaram no nariz da mãe, ele murmurou as palavras mágicas:

— Nenhum sonho ruim.

Quando se afastou, seu coração estava doendo. Uma lágrima lhe escorria pelo rosto e caiu no lábio da mãe.

E então, muito devagar, Mikaela abriu os olhos. Bret quase caiu da cama. Ela procurou se sentar e olhou para ele. Bret esperou, mas ela não sorriu.

— Olá, menininho.

Finalmente ela sorriu, mas era um sorriso diferente. Aquele não era o sorriso de sua mãe.

Bret abriu a boca, mas nenhum som saiu. Durante todo aquele tempo, ele esperara e rezara, e em cada sonho que tivera, sua mãe lhe dizia a mesma coisa quando acordava: *Como está o menino mais lindo do mundo inteiro?*

E então o pegaria nos braços e o apertaria como sempre fazia...

As lágrimas queimavam seus olhos.

A mulher que usava o rosto de sua mãe estremeceu.

— Alguma coisa errada?

A falsa mãe olhou em volta do quarto. Seu olhar parou em Jacey, que estava parada à porta, também chorando.

— Como vai a menina mais linda do mundo?

Um gemido escapou da garganta de Bret, então. Era impossível aguentar a avalanche de emoções. Aquelas eram as palavras dele, as dele, mas haviam sido dadas a Jacey!

Ele saiu correndo do quarto, depois do prédio, e se perdeu no crepúsculo. Quando chegou à estrada, estava congelando, mas não se importou. Continuou correndo.

Agora nós a chamamos de Jacey.

Era como se estivesse se olhando em um espelho que refletisse sua imagem passada. Mikaela pensou em todas as coisas que tinha se esquecido. A primeira palavra que a filha falara, qual tinha sido? O que ela fizera em seu primeiro dia ao entrar no jardim de infância? Teria Jacey subido alegremente no ônibus amarelo e acenado, ou se agarrado ao braço da mãe chorando e implorando para ficar em casa um dia mais?

— Mamãe?

A palavra pronunciada com tanta doçura fez com que a perda da memória se tornasse mais insuportável. Oh, ela podia ser uma estranha para sua filha!

— Jacey — ela murmurou, abrindo os braços.

Jacey se moveu lentamente em sua direção. Mikaela percebeu a relutância da filha, que por fim se inclinou sobre a grade da cama. Mikaela a envolveu nos braços, puxando-a para mais perto. Aspirou o doce perfume de sua menina, não o talco de bebê de que se

lembrava, mas uma fragrância cítrica e adolescente. Quando a soltou, Jacey chorava.

— Não chore. Está tudo bem. — Mikaela tocou o rosto da filha com carinho.

Outra lágrima deslizou pelo rosto de Jacey.

— Como? Como pode dizer que está tudo bem?

— Vou recuperar a memória. Você vai ver.

Jacey arregalou os olhos.

— Você perdeu a memória? É por isso que... — Ela olhou para a porta aberta.

— Lamento. Tenho falhas de memória e...

— Por que papai não me disse?

— Penso que pediram a Julian que não dissesse por enquanto.

— Julian... Você não se lembra do papai?

— Oh, eu me lembro de Julian... até certo ponto, claro. Não me lembro de nada depois que o deixei.

— Ah, ótimo! — Jacey olhou para Mikaela como se a mãe tivesse chifres na testa. — Não posso acreditar no que estou ouvindo.

Mikaela estremeceu.

— Você está brava comigo.

— Meu pai é Liam Campbell. — Jacey segurou Mikaela pela camisola de hospital. — Nós nos apaixonamos por ele muito tempo atrás, quando eu tinha quatro anos. Ele é seu marido há dez anos. E você não se lembra dele? Só se lembra de Julian, que nunca, nem uma vez me telefonou ou me mandou um presente de aniversário ou sequer se interessou em me ver?

Mikaela estava confusa.

— Mas Julian é seu pai...

Jacey suspirou.

— Oh, ele é mesmo meu pai! E graças às suas mentiras, eu só fiquei sabendo disso hoje.

Mikaela sentiu como se tivesse levado um murro no estômago.

— Eu nunca contei a você?

— Não.

— Oh, Jacey! — Mikaela não sabia o que dizer. Que tipo de mulher tinha se tornado para fazer algo assim com a filha? — Jacey, eu...

A porta se abriu e Sarah entrou ofegante no quarto.

— Jacey, eu estava à sua procura. A recepcionista acabou de ligar. Ela viu Bret saindo aqui do hospital correndo. Ele não parou...

— Bret! Oh, meu Deus. É culpa minha! — Jacey saiu correndo do quarto.

Mikaela lançou um olhar confuso para Sarah.

— Quem é Bret?

O olhar de Sarah era de tristeza.

— Descanse, querida.

O coração de Mikaela batia tão forte que ela esperou ouvir os aparelhos começarem a apitar. O quarto girava à sua volta, deixando-a tonta e enjoada. Agarrou o braço de Sarah, puxando-a para junto da cama.

— Sarah... você me conhecia?

— Claro. Eu a contratei logo que você se formou na escola de enfermagem.

Mikaela soltou Sarah e deixou a cabeça cair sobre os travesseiros. Os fatos de sua vida pareciam sem sentido; ela queria a verdade.

— Eu era uma boa pessoa?

Sarah sorriu.

— Você tinha o coração de um anjo, Mikaela. Você era... é... uma boa pessoa. acredite em mim.

Ela estava se esforçando, mas era difícil. Havia mentido para a filha todos aqueles anos, e obviamente partira o coração de Liam. Pela primeira vez, ficou pensando se aquela amnésia não era um presente de Deus. Um escape que permitia a uma pecadora sentir-se como uma santa.

Julian estava sentado dentro de sua limusine, olhando os repórteres do outro lado do vidro da janela.

Ele havia feito besteiras demais naquele dia. Não tinha como negar. Havia colocado lobos atrás da filha. Soubera que eles a haviam encontrado e que Jacey se surpreendera quando haviam lhe

perguntado como se sentia sendo filha de Julian True. E então todos tinham descoberto a verdade.

E ela não sabia de nada.

Viu Liam tentando abrir caminho entre os repórteres.

Julian não conseguiria enfrentar Liam naquele momento. Esfregou a mão no queixo dolorido. Liam era a última pessoa que ele queria ver naquele minuto.

Estava envergonhado do que tinha feito. Sempre que fazia alguma bobagem, seu dinheiro servia para dar um jeito nas coisas. Pela primeira vez na vida, gostaria de ser um homem melhor do que era. Queria fazer o melhor para todos.

Colocou os óculos e passou um pente nos cabelos despenteados, saindo então da limusine.

Estava nevando. De novo.

— Ele saiu!

Os repórteres o rodearam, com os microfones em punho. Julian mal ouviu as perguntas que lhe faziam. Sem sorrir, passou pela multidão, sabendo que eles não o seguiriam para dentro do hospital.

Estava a meio caminho do quarto de Kayla quando viu a filha. Ela estava na sala de espera, imóvel como uma pedra, de costas para ele.

— Juliana! — Ele se lembrou um segundo depois que era o nome errado. — Jacey!

Bem devagar, ela se voltou. Por um momento, o passado se chocou com o presente. Os olhos dela estavam vermelhos e inchados, a boca tremendo. Estava exatamente como Kayla no dia em que o deixara.

— Olá — foi tudo o que ela disse.

— Eu estava querendo conversar com você. Sei... que agora descobriu a verdade sobre... nós.

— Agora, não, por favor. — Ela deu um passo na direção dele. — Meu irmão fugiu.

Julian balançou a cabeça, confuso.

— O que quer dizer? Não tenho outro filho.

— Está bem, meu meio-irmão.

— Jesus — ele murmurou. — Ninguém me disse que havia outra criança. Ele é filho de Kayla e Liam?

Ela acenou que sim.

— O nome dele é Bret. Ele viu mamãe hoje pela primeira vez desde que ela acordou. Ela não o reconheceu. Isso foi horrível. Bret... fugiu.

Julian queria dizer alguma coisa que diminuísse a tristeza dela, mas não a conhecia, não tinha ideia de suas necessidades. Não, isso não era verdade. Sabia que ela precisava do pai.

Liam saberia o que fazer. Aquele momento, e milhares de outros iguais tinham feito de Liam o pai daquela garota. Não havia como mudar a realidade.

— Não foi culpa sua. Seu pai vai encontrá-lo. Confie em mim.

— Confiar em você? — Ela se aproximou, devagar. — Alguma vez você pensou em mim?

Julian sabia quando era necessário mentir, e ao mesmo tempo tinha consciência de que um homem decente diria a verdade.

— Todo o tempo — mentiu e sorriu, nervoso. — Você se parece com sua mãe quando a conheci. São as duas mulheres mais bonitas que já vi na vida.

Ele podia perceber que Jacey não acreditava em nada do que ele dizia, e pior, que a mentira a havia magoado. Então, decidiu dar a ela o único presente que podia. Dessa vez, falaria a verdade.

— Não, realmente não pensei em você. Quando sua mãe me deixou, eu... toquei a minha vida. Eu a amava, e poderia ter amado você, mas segui outro caminho. Lamento, mas você recebeu o amor de sua mãe e de seu pai. E pode acreditar, quando Kayla diz que a ama.

Jacey lhe deu as costas e olhou pela janela. Ele a seguiu. Queria tocar em seus ombros, mas não ousou. Em vez disso ficou olhando o reflexo dos dois na vidraça.

— Eu sinto muito. Por tudo. Pelos repórteres, pelos anos que fiquei longe, pelas cartas que não escrevi. Sinto muito.

Então, quando viu as lágrimas silenciosas da filha refletirem na vidraça, Julian captou de relance o vazio de sua alma. Aconteceu

rápido, veio e foi tão depressa quanto um suspiro, mas que ele jamais se esqueceria.

Liam afastou os maus pensamentos naquela escura noite de dezembro, quando a temperatura tinha baixado quatro graus nos últimos trinta minutos. Bret estava sozinho, sabe-se lá onde. Aquele filho precioso de nove anos, mais criança do que adolescente, vagava desacompanhado na mais fria das noites.

Havia algumas lições de vida que ele não ensinara ao filho, e agora essa omissão o deixava com os nervos em frangalhos.

Pare com isso. Ele está bem. Deve ter se escondido em algum lugar seco e quentinho.

Pensando na razão que levava a mãe a não reconhecê-lo, imaginando por que o pai não lhe tinha dito a verdade.

— Aguenta aí, Bret — Liam murmurou em voz alta. Inclinou-se, tentando enxergar melhor à frente. Estava nevando forte, o que dificultava ainda mais a busca.

A estrada estava vazia, assim como o estacionamento do centro médico. Liam tinha perdido preciosos minutos procurando pelo hospital, incapaz de acreditar que Bret tivesse mesmo fugido dali, mas tinha sido forçado a aceitar o fato de que seu filho se sentia tão magoado a ponto de fugir. Sem pensar, e talvez sem nem sentir frio, quando passara para o lado de fora do hospital.

No primeiro momento, claro.

Agora Bret devia estar congelando. Ele fugira sem seu casaco.

O telefone do carro tocou, e o coração de Liam deu um pulo.

— Você o encontrou? — ele perguntou a quem estava ligando.

— Não. — Era a voz suave e trêmula de Jacey. — Estamos todos empenhados. Vovó está em casa, esperando por uma ligação. Eu estou no hospital, no caso de ele voltar para cá. Pensei...

— Eu sei, querida, mas é melhor deixarmos a linha livre.

— Papai? — Ela parou, e Liam soube tudo o que ela sentia. — Desculpe.

— Não foi sua culpa. Foi minha. Eu deveria ter contado a vocês dois a verdade. Vamos falar sobre isso depois, está bem? Quando... conseguirmos levá-lo para casa.

— Está certo, papai.

Desligando, ele focou a atenção novamente na estrada. Tinha de fazer isso, prestar atenção às coisas comuns, aos lugares que poderiam servir de esconderijo pelo caminho, porque assim manteria o controle. Diminuiu a velocidade do carro. Já estava a uma boa distância do hospital. E tudo à frente era escuro.

Forçou-se a olhar para a direita, para os campos ao lado da estrada. Bret não cruzaria a estrada, sabia que não podia fazer isso. Liam tinha certeza de que o filho não atravessaria a estrada, sozinho à noite... mas ele aceitaria carona de um estranho.

Liam tentou evitar a sensação horrível que o invadiu. *Por favor, Deus, diga-me que ele aprendeu essa regra.* A temperatura abaixou mais um grau.

Liam concentrou-se nas pequenas coisas, o pé no pedal do carro, as mãos na direção, o olhar para os campos ao lado da estrada, onde não havia pegadas, apenas a neve cobrindo tudo.

À frente, à direita da estrada, havia estábulos e celeiros. Um dos estábulos estava iluminado.

Liam sentiu uma ponta de esperança. Ali era um dos lugares favoritos de Mik, o estábulo. Ela e Jacey tinham passado incontáveis dias de verão ali, em exposições de cavalos e feiras de animais. Somente poucos meses antes, Bret tinha sido premiado ali mesmo.

Ele foi diminuindo mais a velocidade e fez a manobra. Sentiu o suor escorrer pelo rosto. Qualquer escolha errada seria péssima. Olhou o medidor de temperatura de novo. Inclinou o rosto para frente a ponto de quase encostá-lo no vidro. Queria enxergar tudo. No estacionamento, ele breiou.

— Bret? — O grito ecoou nas montanhas que circundavam o local. Abriu a porta do estábulo e viu as baias vazias.

— Bret? — chamou de novo, correndo de baia em baia. Encontrou Bret na última delas, aquela que Mik tinha usado no verão anterior. Tremendo, enrolado como uma bola e chupando o dedo.

Liam não se lembrava de sentir um alívio maior. Por um instante não conseguiu falar, nem fazer nada a não ser se abaixar e puxar o filho em um abraço.

— Ah, Bret! Você me assustou.

O garoto olhou para o pai. As bochechas estavam vermelhas e cheias de lágrimas, os olhos inchados.

— Sabia que você ia me encontrar, papai. Eu... — O menino caiu no choro de novo.

— Está tudo bem, querido.

— Papai, ela nem me abraçou.

Liam tocou no rosto do filho.

— Sinto muito, Bret. Eu deveria ter lhe dito a verdade.

— Ela... não é minha mãe, é?

— Sim, ela é sua mãe, mas o acidente... a pancada que ela sofreu machucou dentro da cabeça e ela não consegue se lembrar de algumas coisas muito importantes.

— Como eu?

— E eu. E Jacey.

— Ela se lembrou de Jacey!

— Não. Ela ouviu sobre Jacey, por isso deduziu que era ela. Mas ela não se lembra de fato.

Bret secou os olhos.

— Então por que ninguém contou para mamãe que eu existo? Sou tão importante quanto Jacey.

Liam suspirou.

— Você é *tudo* para ela, Bret. Você e Jacey representam o mundo inteiro para a mamãe, e ela ficou muito triste quando ouviu sobre Jacey. Chorou muito. Eu simplesmente... não podia falar sobre você naquele momento. Estava esperando que ela se lembrasse sozinha e então... tudo estaria resolvido.

Bret suspirou.

— E a memória dela vai voltar?

Liam gostaria de dizer que sim, mas na última semana havia aprendido algumas coisas sobre seus filhos e sobre si mesmo. Eles eram fortes o suficiente para aguentar a verdade. A única ferida que atrapalhava era aquela provocada pela mentira.

— Os médicos acham que ela vai se lembrar de quase tudo. Não de coisas pequenas, mas de coisas importantes, como nós.

— Mas não têm certeza.

— Não. Não sabemos com certeza. Mas sabe de uma coisa?

— O quê?

— O amor... eu acredito que ela vai se lembrar dele.

Bret ficou pensativo por um longo tempo.

— Está bem, papai.

Liam sorriu. Graças a Deus que o filho era assim tão forte.

— Papai, eu te amo.

Essas simples palavras tinham o efeito de uma maravilhosa chuva de verão.

— Eu te amo, também, Bret. — Ele apertou o filho nos braços. — E tenho orgulho de você. Isso tudo que está acontecendo é difícil demais para uma criança entender.

Os dois se levantaram devagar. Liam pegou o filho no colo e o tirou do estábulo. Apagou a luz e seguiram para o carro. Já no caminho de volta, Liam ligou para Rosa e para Jacey a fim de dar a boa notícia. Rosa se ofereceu para ir buscar Jacey no hospital e encontrar Liam e Bret em casa.

Bret se encolheu no banco. Mesmo com o ar quente de dentro do carro, ele tremia.

— Desculpe, papai.

— Algumas vezes um homem tem de se isolar para pensar. — Ele olhou para Bret. — Mas na próxima vez, que tal ficar em um quarto e manter a porta fechada?

— Está bem. Mas eu vou bater a porta com muita força. — Bret esboçou um sorriso.

Liam não largou a mão de Bret. Durante todo o trajeto para casa, segurou aqueles pequeninos dedos frios. Quando entrou na garagem e desligou o carro, olhou para o filho. Ele daria tudo para naquele momento encontrar as palavras certas.

— Bret, precisamos conversar sobre uma coisa.

— O que é? — O rosto de Bret ainda estava vermelho do frio. O garoto havia aprendido a ter medo.

— Vamos entrar e tomar chocolate quente diante da lareira, e então conversaremos.

— Chocolate e açúcar. Isso vai ser bom.

Liam sorriu.

Bret desceu do carro e entrou na casa.

Liam o seguiu, desligando as luzes que o filho ia acendendo. Na sala, ajoelhou-se diante da lareira e colocou madeira e papel. Quando o fogo estava estalando, ele foi até a cozinha e preparou duas xícaras de chocolate instantâneo. Levou com cuidado as duas canecas para a sala, onde o filho já estava brincando com alguns jogos.

Liam parou e respirou fundo. Não podia mais adiar a conversa. No dia seguinte Bret iria à escola e algum colega lhe perguntaria sobre Julian True. Bret merecia saber a verdade contada pelo seu pai.

— Bret... — Liam estendeu a caneca a Bret.

O menino pegou a caneca e tomou um gole.

Liam sorriu e sentou-se em uma poltrona junto ao sofá. Bret subiu no seu colo.

— Quer falar sobre mamãe?

— Você se lembra que lhe contamos muito tempo atrás que mamãe foi casada antes?

— Sim. Com o pai de Jacey.

Liam engoliu em seco.

— E você sabia que Julian True está na cidade?

— O Homem Lagarto? Ora, papai, todos na cidade sabem disso.

Liam escondeu um sorriso.

— Pois ele veio para visitar a mamãe.

— O Homem Lagarto conhece a mamãe?

Liam respirou fundo e foi direto ao ponto.

— Mais do que isso. Mamãe foi casada com ele.

— Ah, claro! — Bret fez aquela cara de quem não acreditava.

— É verdade.

Bret ficou um longo minuto olhando para o pai.

— Mas você é o meu pai e ela é minha mãe, não é?

— Isso é certo.

Bret ficou pensativo de novo.

— Está bem. Ele pode visitar a mamãe.

Liam se surpreendeu. Esperara alguma reação espetacular, exclamações de protesto, mas nada.

— Ora, a mãe de Sally Kramer foi casada com Lonnie Harris, e o pai de Billy McAllister foi casado com Gertrude. O ex-marido de minha mãe parece mais legal do que esses outros. Será que ele me arranja um pôster do Homem Lagarto para o meu quarto?

— Você me surpreende, filho.

A porta da casa se abriu, e Jacey e Rosa entraram. Jacey gritou o nome do irmão, correu até eles e caiu de joelhos ao lado da poltrona.

— Oh, Bret... — Chorando, ela acariciou o rosto do garoto como se fosse uma cega tentando memorizar cada forma. — Nunca mais faça isso.

Bret empurrou a irmã.

— Jacey, você sabia que mamãe foi casada com Julian True e ele é seu outro pai?

Jacey ficou boquiaberta.

— Não me diga!

Bret abriu um sorriso de orelha a orelha. Inclinou-se para Liam e lhe falou no ouvido.

— Você me contou primeiro?

Liam caiu na risada.

— Tudo o que precisamos agora é de mamãe.

Naquela noite, fotos de Kayla e Julian True apareceram em todos os noticiários da televisão, a vida deles contada em detalhes. Às oito horas, o telefone tocou pela primeira vez. Liam fez a bobagem de atender. Era uma mulher querendo saber se a história era verdadeira.

Depois disso, o telefone não parou de tocar. Liam acabou tirando o telefone do gancho.

Seguiu então com sua rotina normal. Jantou, lavou os pratos, assistiu a um programa de televisão com as crianças, depois levou

Bret para a cama e lhe leu uma história.

Quando Bret finalmente adormeceu, Liam desceu da cama e saiu do quarto. Viu que havia luz no quarto de Jacey. Com um suspiro, foi até lá e bateu à porta.

— Querida, sou eu.

— Entre.

Ele abriu a porta e a encontrou como esperava: sentada na cama, usando os fones de ouvido e chorando. A televisão estava ligada.

— Olá, menina.

Ela tirou os fones de ouvido e jogou-os sobre a pilha de lençóis e cobertas que havia a seu lado.

Liam pegou uma cadeira e sentou-se perto da cama.

— Eu gritei com ela — Jacey disse. — Mamãe acordou depois de um mês em coma e eu gritei com ela.

— Não se preocupe com isso, querida. Você volta lá amanhã e diz que a ama.

— Mas eu amo mamãe, mas estou brava com ela, e tenho medo que ela nunca se lembre de nós. Que ela só fique com aquele homem na cabeça.

— Eu queria que você fosse ainda uma menininha — ele respondeu baixinho. — Se fosse, eu lhe contaria uma história e lhe ofereceria um sorvete de creme.

Ela sorriu.

— Alguma coisa para mudar o assunto.

— Pode apostar que sim. Mas você está quase uma moça agora, e não posso protegê-la de todas as coisas ruins da vida. O amor vem em um milhão de cores e sombras, Jacey. Algumas são brilhantes, outras escuras. — Liam parou, incapaz de pensar em alguma coisa para dizer que não soasse patético. Respirou fundo, então decidiu falar no que acreditava. — Jacey, sei o que o passado de sua mãe significa para esta família, mas saiba que sempre seremos uma família, nós quatro. De alguma forma, vamos superar este momento.

— Eu te amo, papai.

Liam se emocionou.

— Eu também te amo, Jacey. Agora venha aqui e me dê aquele abraço.

Ela saiu da cama e subiu no colo dele, colocando os braços em torno de seu pescoço. A cadeira era pequena demais e os dois acabaram rolando no chão. Rindo, eles se separaram e se levantaram.

Liam deixou o quarto e fechou a porta, então foi para o andar de baixo e sentou-se ao piano. O teclado estava escuro. Não que ele precisasse de luz para tocar. Aliás, não precisava de nada além da lembrança de Mikaela.

Apertou uma das teclas com o dedo mindinho. O som ressoou no aposento, lembrando-o dos tempos em que ele se sentava ali, a família à sua volta, a esposa sentada a seu lado. Emocionou-se. A nota musical morreu.

Ele afastou as mãos do teclado. Não conseguia tocar ainda.

Julian estava no boliche Lou's Bowl-O-Rama, olhando para sua quarta garrafa de cerveja. Eram quase dez horas da noite, a hora do movimento. As pessoas apontavam para ele e cochichavam.

Ele se resignou a mais um gole de cerveja. Seria difícil esquecer a sensação de vazio que o envolvera naquele dia. Deveria ter sabido logo que não era o tipo de homem que realmente perdia tempo com coisas sérias.

"Amor" era uma palavra que ele usara sem cuidado naqueles anos todos. Gostava da ideia do amor. Era por isso que se casara tantas vezes.

Só agora Julian compreendia que o arrependimento era a única verdadeira emoção que mantinha do casamento com Kayla. Era um sentimento com o gosto de um bom vinho do Porto, que com o passar do tempo, tinha adocicado a ponto de intoxicar.

Era melhor do que a verdade: ele tinha amado Kayla, se casado com ela, deixado que fosse embora, e seguira sem olhar para trás. Seu amor por ela tinha sido uma emoção passageira. Ou pior, tinha deixado um vazio em sua alma que nunca mais seria preenchido, já que não era capaz de amar realmente.

Liam estava deitado em sua cama. Era quase meia-noite, mas ele não conseguia dormir. Tinha consciência de que sua mulher amava outro homem. Não havia maneira de contornar o fato, tampouco adiantava afastar o pensamento, porque ele insistia em voltar. As imagens que ele vira na televisão naquela noite povoavam sua mente.

O verdadeiro amor, depois de anos.

Bela Adormecida acorda com o beijo do Príncipe Encantado.

Cada programa exibia fotos de Mikaela, ou "Kayla", todas mostrando uma mulher vibrante que estava claramente apaixonada.

Era alguém que ele nunca tinha visto.

Agora ela não era nem Kayla, nem Mikaela, e sim uma pessoa desmemoriada. Será que se lembraria dos quinze anos que haviam passado juntos? Precisava ter fé que sim. Mas... e então?

Quando voltasse a si, na certa, ela daria prioridade às necessidades dos filhos. Sempre fora assim. Havia deixado Julian por causa de Jacey e se casado com ele por causa de Bret.

Era certo que continuariam casados. Mikaela voltaria a sacrificar sua paixão pelo bem-estar dos filhos. Compreender isso o derrubava.

Julian não era ameaça ao casamento deles. Era o amor de Mikaela que ameaçava tudo. Antes, Liam tinha pensado que seu amor por Mikaela seria suficiente para eles serem felizes. Porém, vira o brilho nos olhos dela ao olhar para Julian...

Liam fechou os olhos.

Essa era a vida dele, silenciosa como a última batida do coração de um velho.

Mikaela sonhou que estava na grande casa de madeira.

Podia ouvir a criança chorando novamente, e dessa vez estava com mais medo. Subiu as escadas e atravessou a varanda vazia.

Atrás dela, uma cadeira de balanço rangeu, puxada por mãos invisíveis.

Ela agarrou a maçaneta da porta e a girou. O choro estava mais forte agora.

Procurou pelo interruptor de luz e não demorou a encontrá-lo. As luzes se acenderam em um candelabro no alto, emprestando tons dourados à deserta mesa de jantar. Ela viu a si mesma sentada à mesa, em uma cadeira que lhe pertencia, e ouviu uma voz dizendo:

Então crianças, falem-me como passaram o dia.

Mas não havia ninguém ali, apenas um trio de imagens fantasmagóricas, o som de cristais e pratos e o tilintar de copos.

— Onde você está? — ela chamou.

O choro veio novamente. Ela seguiu para a mesa e viu uma escada feita de troncos. Foi subindo e chegou ao segundo andar.

— Mamãe... mamãe...

— Onde está você? — ela berrou. Somente silêncio como resposta.

Ela começou a correr, mas dessa vez não havia portas, nem janelas... apenas o choro de uma criança. Correu e correu, até terminar diante de uma parede escura.

— Onde você está?

E então uma porta apareceu à sua frente.

Com a mão trêmula, ela girou a maçaneta e entrou. Estava tudo escuro.

E o som da criança chorando mais uma vez.

Ao acender a luz do quarto, viu a criança encolhida em um canto. Os olhos eram azuis e estavam cheios de tristeza.

O menino do hospital.

— Mamãe?

— Bret — ela murmurou, caindo de joelhos e pegando-o nos braços.

Então ela acordou. As lembranças a envolveram.

Ela repetiu o nome de Bret de novo e de novo.

Bret. Bret. Bret. A criança lhe havia beijado a testa com a suavidade de uma borboleta pousando.

Seu filho!

Pegou o telefone, mas antes de discar o número, notou o relógio na parede. Eram três horas da manhã. Não podia ligar ainda. Fechou os olhos e se recostou nos travesseiros, deixando as lembranças virem.

Mikaela acordou abruptamente. Olhou para o relógio. Nove e meia. As crianças agora estariam na escola.

Fechou os olhos e pensou em todas as coisas que se lembrara na noite anterior.

Bret. Jacey. Seus preciosos filhos. Ainda não se lembrava de tudo, mas já se lembrava de muita coisa.

Julian. Ela se lembrava de todos os dias e noites em que esperara junto ao telefone, as incontáveis vezes que chorara até dormir, esperando, sempre esperando.

E Liam. Ela se lembrava de seu amor por ele... e de como não lhe era suficiente.

Passara anos esperando que Julian voltasse para ela, mas em algum momento, tivera de tocar a vida. Entrara na faculdade, formara-se em enfermagem e arranajara um emprego naquele mesmo hospital.

Tinha conhecido Liam quando ele visitara o pai no hospital. Naquela época, sentia-se tão sozinha e perdida... Lera sobre o novo casamento de Julian e isso lhe partira mais uma vez o coração. Quando Liam finalmente a convidara para sair, ela aceitara.

Sabia que ele se apaixonara logo que a conhecera, e embora o mesmo não tivesse acontecido com ela, precisava do amor de alguém, de quem se importasse com ela. Dia após dia, Liam lhe mostrara como era ser realmente querida.

Ainda assim, quando descobrira estar grávida, sentira-se presa em uma armadilha. As palavras que dissera a Liam naquele dia junto à cachoeira Angel Falls, o lugar favorito deles, estendidos sobre uma coberta, estavam gravadas em sua mente. Quando ela lhe falara do bebê, ele rira, depois pedira que se casasse com ele.

Mas ela lhe contara parte de seu passado.

Já fui casada antes. Amei esse homem com todo o meu coração e alma... Temo que o amarei até morrer.

Entendo, Liam dissera, quando na verdade era ela que compreendia tudo. Estava partindo o coração daquele homem gentil e bondoso que a amava do modo como ela amava Julian. Ela queria acreditar que poderiam ser felizes. E por muitos anos haviam sido. Aprendera a amar Liam, mas nunca se permitira apaixonar. Só agora tomava essa consciência.

Estivera sempre secretamente esperando por Julian. Bem no fundo, naquele lugar reservado ao verdadeiro amor, ela mantivera acesa a vela da esperança. Por causa disso, seu amor por Liam tinha sido frágil e gelado como um lago no inverno. Mas como poderia ter sido diferente com Julian ali, ocupando tanto espaço em seu coração?

A dúvida era se lamentava o fato, ou se nunca se permitira analisar tais sentimentos a fundo. Não se lembrava. E estava arrependida com uma ferocidade que beirava o desespero. Agora, estivesse ou não de olhos fechados, via passar o filme de sua vida.

Ali no quarto havia um pouco de sua história naqueles arranjos florais, nas plantas, nos cartões com votos de melhoras que se alinhavam no parapeito da janela, nas mensagens anotadas pelas enfermeiras em um caderninho...

Last Bend lhe oferecera o lugar onde tanto almejava ter um lar. O mais triste, porém, era que ainda não o tinha reconhecido. Por anos se julgara uma estranha ali. Mesmo trabalhando em tantos eventos de caridade, mesmo se reunindo com as amigas...

Mikaela estava tão compenetrada em seus pensamentos que não ouviu baterem à porta. Rosa entrou. Parecia velha e cansada.

— *Recuerdo mi vida, mama* — Mikaela informou com doçura, sem se importar em dizer bom-dia.

Rosa ficou parada, os olhos fixos no rosto da filha.

— Você se lembra? De tudo?

— Como está Bret... depois de ontem?

Rosa se aproximou da cama.

— Ele é um menino bom. Tem um coração de ouro. E, claro, o dr. Liam estava lá.

Mikaela engoliu em seco.

— Posso ver as crianças agora?

— Bret está fazendo uma excursão com a escola. Jacey está se preparando para uma apresentação de Estudos Sociais que dará ao meio-dia. Vai valer metade da nota.

Mikaela não conseguiu esconder o desapontamento.

— Ah, acredito que a vida continue mesmo sem mim, não é, *mama*?

— Mas eu os trarei à tarde, está bem? — Rosa estendeu um álbum para a filha. — Isto é para você.

Mikaela tocou na capa de couro.

— *Gracias, mama*. É lindo.

Mikaela abriu o álbum.

Na primeira página havia um pedaço de tecido estampado com violetas. Ao lado, as palavras *Mikaela Conchita Luna True Campbell*.

Aquilo soava como se ela fosse uma rainha. Virou a página e lá estava uma foto em branco e preto com ela e a mãe na casa onde moravam, doze pessoas em um quarto.

As lembranças daquele tempo ainda estavam enterradas no coração de Mikaela. Aqueles haviam sido os dias que haviam moldado o seu espírito e formado os seus sonhos.

Durante toda a vida, fugira dessas lembranças. Já sua mãe não tivera chance por ser uma mulher sem estudo, uma pobre latina que mal falava inglês e não tinha oportunidades, exceto...

Ela olhou para a mãe.

— Continue olhando — pediu Rosa.

Mikaela virou a próxima página, depois a outra, e viu as poucas fotos de sua infância.

Então veio a foto de casamento. *Julian e Kayla*.

Ficou sem ar. *Aquela* foto estivera escondida. Ela se lembrava de tê-la colocado na almofada em seu...

— Liam a encontrou quando eu estava em coma. — Ela nem precisou perguntar.

— *Si*.

Podia imaginar o sofrimento dele ao ver a foto. Havia mantido Julian escondido, porque nenhum homem poderia ser comparado a

ele, e, se fosse honesta consigo mesma, porque não queria desistir de sua obsessão secreta que falsamente chamava de verdadeiro amor. Nem mesmo tinha dividido Julian com Jacey.

Mikaela foi virando as páginas devagar.

Havia se esquecido de como era jovem quando se casara com Julian. Nas primeiras fotos, ela parecia linda e sorridente. Em todas as suas fotos com Jacey, eram apenas as duas, sozinhas. Nenhum pai sorridente. E mais tarde, enquanto esperavam por Julian, as fotos haviam sido tiradas por estranhos.

— Oh, *mama...* — Ela suspirou.

Rosa virou algumas páginas, até que ela viu as primeiras fotos com Liam.

— Você está vendo?

— O quê?

— O seu sorriso. Ele voltou aqui. Notei isso na primeira vez que me enviou fotos suas e de Liam.

A tristeza tomou conta de Mikaela.

— Por que não amei Liam, *mama*? O que há de errado comigo?

— Você sabe a resposta.

— Estraguei a minha vida.

Rosa riu.

— Você era jovem. Leva muitos anos para se estragar uma vida. Disso eu sei bem.

— Como posso consertar isso? — Mikaela encarou a mãe.

— Deixe-me lhe dizer uma coisa que aprendi. — O sorriso de Rosa sumiu. — Quando você esconde as coisas, e as mantém em segredo, elas adquirem poder. Agora, olhe bem a sua vida, olhe de verdade... e talvez então se surpreenda com o que verá.

Mikaela contou os minutos até poder ver os filhos. Depois que Rosa a deixara, passara uma hora com o fisioterapeuta, reaprendendo a usar talheres. Quem pensaria que fosse complicado fazer uma coisa tão simples e cotidiana?

Já era quase meio-dia. Ficou parada junto à pequena janela do quarto, olhando o estacionamento lá embaixo. Havia um *outdoor* anunciando decorações de Natal. A rua estava enfeitada. À noite aquele lugar se transformaria em uma terra da fantasia.

A evidência da aproximação do Natal a entristecia. Ela costumava ser uma fã da data, envolvida em decorações e reunindo as crianças à sua volta para contar histórias natalinas. Naquele ano sentia uma sensação de perda.

Bateram à porta.

Mikaela se voltou e viu Liam parado na soleira. Parecia meio hesitante, até fechar a porta e se aproximar com passos firmes. Era possível ver a incerteza nos olhos dele. E como não haveria, se ela lhe escondera parte de sua vida e pensamentos? A vergonha se mostrou pelo rosto corado. Sabia que o tinha magoado demais.

— Olá, Liam — foi tudo o que conseguiu dizer.

Ele a fitou, ainda sem sorrir.

— Rosa me disse que você recuperou muitas lembranças.

Ela se afastou da janela e caminhou até ele.

— Sim, ainda há alguns pontos vagos, mas muito de minha memória voltou.

— Isso é ótimo.

Não havia entusiasmo na voz de Liam. Mikaela notou que havia novas linhas em volta dos olhos dele, na certa causadas pelo trauma que ela sofrera.

Eu te amo, Liam.

Eram essas as palavras que ele precisava ouvir. Ela poderia dizê-las, com facilidade, inclusive. Ela o amava; sempre o amara. Mas era uma versão diferente da paixão que já sentira uma vez.

Ele abriu um sorriso triste e cansado.

— Não sei mais o que dizer a você, Mik.

— Eu não lhe contei sobre Julian porque sabia que você tinha crescido à sombra do seu pai — ela explicou. — Não queria que ficasse se atormentando por causa de Julian. Achei que... se você não soubesse quem ele era, talvez fosse capaz de esquecer que eu tinha sido casada. O mesmo com Jacey, pensei que Julian seria uma

imagem muito... grande para uma criança esquecer, e ela precisava de você como pai.

— Sei disso, Mik — ele murmurou o nome dela em um suspiro. — Só lhe peço para que não minta mais. Engraçado, mas enquanto você dormia, eu acordei. Antes, eu me iludia, achando que algum dia tudo mudaria. Continuava pensando que a amaria o suficiente por nós dois, mas isso não era possível, não é?

Ele tocou no rosto dela com tanta gentileza que a fez querer chorar.

— Talvez você estivesse certa em esconder o passado de mim. Quando eu não sabia, podia fingir que não via as pequenas coisas. Deixei-a ter os seus segredos e silêncios e tristezas. Pode imaginar o que aqueles silêncios fariam a mim agora? Para mim, você estaria pensando nele constantemente.

Mikaela podia sentir o coração de Liam se partindo, e a dor era pior do que ela imaginara. Ela plantara ali as sementes daquela dor e as fertilizara todos aqueles anos com sua própria obsessão.

Ele se inclinou e a beijou, um toque terno nos lábios, que misturava o sabor do desespero, da alegria, da mágoa e do eterno amor.

E enquanto ela ainda tentava voltar a respirar, ele se virou e deixou o quarto.

Eram três horas. Mais uma hora e as crianças estariam ali.

Mikaela ficou deitada na cama, olhando a televisão pendurada na parede. Passava um filme que sempre a fazia chorar. Só que suas lágrimas de agora não pertenciam ao ator do filme, mas a ela mesma.

A certa passagem do filme, ela se virou para o lado, esperando ver Liam ali. Afinal, era a cena preferida dele. Mas não havia ninguém a seu lado agora, nenhuma árvore de Natal no canto da sala, nenhuma criança abrindo presentes.

Jogou as cobertas de lado, levantou-se e caminhou até o armário. Lá estava uma mala de couro. Dentro, havia roupas suas. Passou os

dedos sobre a roupa. Tinha sido coisa de Liam, que colocara ali seus pertences favoritos. Ele até se lembrara dos brincos de ouro com pingentes de anjinhos, de que ela tanto gostava. Além disso, todos os seus artigos de maquiagem, e também a escova de cabelo e o perfume.

Era quase impossível imaginar como tinha sido duro para Liam ficar ali, mexendo no armário e escolhendo as coisas para colocar na mala. Ela teria puxado qualquer roupa e a enfiado na mala. Mas não Liam. Por mais que estivesse magoado, não tinha deixado de cumprir a tarefa em detalhes, escolhendo e tocando cada uma das peças.

Tirou a camisola do hospital e a jogou em uma cadeira. Era difícil se vestir, já que a mão direita não se movimentava facilmente. Mesmo assim, conseguiu fechar os botões.

Foi então ao banheiro e molhou os cabelos, penteando-os para trás. Não havia jeito de se maquiar com a mão esquerda, assim apenas beliscou o rosto para ficar corada.

Caminhou para o hall, sem ideia de aonde ia. Chegou à capela e no mesmo instante percebeu que estivera procurando por ela o tempo todo. Ajoelhou-se diante do altar, olhou a cruz e fechou os olhos.

— Por favor, Deus, ajude-me. Mostre-me o caminho...

A princípio só havia escuridão. Então um raio de luz surgiu. Ela ouviu vozes distantes, um riso de criança, um homem falando com candura.

As lembranças vieram uma atrás da outra, sem ligação com o tempo ou espaço, apenas momentos da vida dos dois. Ela e Liam dançando em uma festa... ele secando os pratos enquanto ela os lavava... ele a levando para a loja de rações para cavalos.

Ela se lembrava de seu casamento com Liam, mas agora era a primeira vez que sentia uma sensação agradável. Tinha medo de abrir os olhos.

— Mais — ela implorou. — Mostre-me mais...

A missa de Natal à meia-noite. A passagem do ano. Eles estavam usando suas melhores roupas. Ela viu os quatro claramente, de mãos dadas.

Abriu os olhos devagar. A cruz ficou embaçada à sua frente. As flores de seda do altar estavam desbotadas. Baixou o olhar e viu a aliança na mão esquerda.

— Eu magoei Liam — murmurou para si mesma, ou para Deus, ela não sabia. — Magoei-o de novo agora há pouco.

Fechou os olhos e inclinou a cabeça. E lhe veio à mente uma cena que ela não queria lembrar. Ela e Liam estavam naquele mesmo hospital, na sala de espera. Bret estava em cirurgia. Os médicos diziam que talvez ele não pudesse mexer o pulso de novo.

Ela queria tanto encontrar um modo de confortar aquele homem silencioso e adorável que lhe pedia tão pouco! Ela o abraçara bem forte, e oferecera seu ombro de amparo para um pai que chorava como um menino.

Ela se sentia como se olhasse aquele momento de longe, através dos olhos de outra mulher. À distância, era fácil identificar um sentimento tão simples e puro. Amor.

Viu? Você sabe o que é o amor, Mikaela.

Ela ouviu as palavras tão claramente como o tocar de um sino de igreja. Abriu os olhos e olhou em volta. Não havia ninguém ali. Sorriu. Nossa Senhora tinha falado com ela finalmente, depois de tantos anos de prece. Sua impressão era de que a santa tinha a voz tão suave quanto a de sua mãe.

Mikaela acabara de voltar para o quarto, quando bateram na porta.

Não foi possível evitar o medo. Havia magoados todos... E se não conseguissem perdoá-la?

Afastou-se da janela e ficou junto à cama. Agarrou a grade com a mão direita; em sua ansiedade, mal percebeu que seus dedos estavam se movendo melhor.

A porta se abriu e Jacey, apareceu tão nervosa quanto a mãe. Mikaela caminhou mancando até a filha. Com a mão fraca, tocou em seu rosto.

— Como vai, Jacey?

— Eu... sinto muito, mamãe. Não deveria ter gritado com você.

— Oh, querida! — Mikaela engoliu em seco. — Nem pense em se desculpar por seus sentimentos. — Ela se aproximou mais da filha.

— Ainda tenho alguns lapsos de memória. Não me lembro de seu primeiro dia na escola, ou quantos anos tinha quando perdeu o primeiro dente. Eu tenho vasculhado meu cérebro em busca dessas informações. Mas você é a minha filha querida e não posso nem pensar em como a magoei.

Os olhos de Jacey se encheram de lágrimas.

— Não quero mais mentiras, mamãe.

— Eu sei, querida. Mas não queria magoar você. Todas as mentiras tiveram uma razão de ser.

— Conte-me tudo.

— Eu amava Julian demais. Quando casei com ele e nos mudamos para a Califórnia, eu me tornei outra pessoa, uma estrangeira chamada Kayla True, que não tinha passado algum. Era o que eu sempre tinha desejado. Sua avó tentou me dizer que issonão seria bom para mim, mas não a escutei.

Mikaela tentou sorrir, mas falhou.

— Em Hollywood, eu não era mais a garota latina pobre de quem me envergonhava. Mas então fiquei grávida. Você me trouxe de volta. Eu sabia o que queria para você, mesmo que perdesse o que queria para mim. Sabia a vida que queria lhe dar. E Julian... bem, ele não estava preparado para ser pai.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Jacey.

— Ele não me queria.

Mikaela respirou fundo. Não havia motivo algum agora para enganar a filha.

— É verdade, não queria, mas eu sim. Desejava lhe dar um tipo de infância que não tive. Assim, abandonei Julian.

— Mas você o amava.

— Sim.

— Sabe o que me lembro? — Jacey disse baixinho. — Quando era pequena, costumava lhe perguntar sobre o meu pai. Todas as vezes que eu fazia isso, você chorava, até que parei de perguntar. Eu estraguei seus planos, não foi?

— Não. Não diga isso. Eu é que arruinei uma parte de minha vida. Quando conheci Liam, encontrei-me de novo. Sabia que estava sendo desonesta com você e com ele e tinha de encontrar um modo

de acertar. Nós somos uma família, e é disso que precisamos nos lembrar.

— Vai voltar para casa?

Casa. A palavra reavivou a lembrança e Mikaela sorriu.

Liam ao piano, usando aquela bermuda curta e a ridícula camiseta que ganhara na convenção dos médicos no ano anterior. Estava escrito: "Viagra, mantenha seu suprimento em dia". Havia dois copos de vinho sobre o piano. Ele tocava sua música favorita.

Ela chegara por trás e apoiara as mãos nos ombros dele.

— *Ei, pianista, leve sua mulher para a cama ou perderá a sua chance.*

Ele se virara, sorriera para ela, e lá estava, nos olhos dele, o amor, aquilo que ela tinha visto tantas vezes e, até agora, aceitara sem dar real valor.

Mikaela conseguiu evitar o riso. Estava feliz, surpresa mesmo.

— Venha aqui, Jacey.

As duas se abraçaram. *Ah, Deus, que delícia abraçar um filho,* Mikaela pensou.

— Oh, mamãe, senti tanto a sua falta! Estava com medo...

— Sim, eu sei. Eu sei, querida.

De repente, outras cenas lhe vieram à mente.

— Acabei de me recordar do seu primeiro dia na escola. Você não queria entrar no ônibus sem mim, e eu fui com você. Era a única mãe no ônibus.

— Eu te amo, mamãe. — Jacey sorriu.

— Oh, querida, eu te amo, também, e lamento tanto por tudo...

A porta se abriu. Bret e Rosa ficaram parados ali.

— Bret acredita que a irmã já desfrutou bastante a sua companhia.

Mikaela beijou o rosto da filha.

Bret ficou parado, os braços caídos ao longo do corpo, as pequenas mãos fechadas. A boca tremia e havia medo em seus olhos. Aquele temor e a incerteza que tinha aprendido havia pouco tempo.

Mikaela estranhou, pois tinha criado o filho sem medos, bem diferente do garoto hesitante que estava diante dela. Foi difícil

conter as lágrimas ao sorrir, mas percebeu que o assustava por não ser essa sua atitude habitual. Mesmo assim, não impediu o pranto. Não conseguiria parar, mesmo que quisesse. Ajoelhou-se diante dele e abriu os braços.

— Então, como vai o menino mais lindo do mundo inteiro?

— Mamãe! — gritou Bret, atirando-se nos braços dela. Ficaram ali no chão, mãe e filho, tão abraçados que malpodiam respirar.

— Eu te amo, Bret — ela murmurava ao ouvido dele.

— Eu também te amo, mamãe.

Finalmente se afastaram, e a perna de Mikaela tremia tanto que ela não conseguiu se levantar. Ficou ajoelhada, incapaz de largar a mão de Bret. Sobre a cabeça dele, olhou para Rosa, que chorava.

— Pena que não podemos vender toda essa água para o Estado.

Bret e Jacey riram. Aquela frase era de Liam, quando ela se derretia em filmes da televisão.

— E então, querido, como vai a sua vida?

— Sally está apaixonada por mim. Ela tem um cheiro ruim, mas até que é bonita.

Mikaela riu, encantada com a volta das coisas simples de sua vida anterior, e encheu-se de esperança. Quem sabe, com o tempo, todos poderiam sair da escuridão da floresta e voltar para a estrada principal da vida.

— Onde está papai? — Mikaela quis saber.

Bret mordeu os lábios e não respondeu. Rosa olhou para a filha.

— Ele não veio.

— Papai ficou em casa. Ficou triste porque você não se lembrou dele.

Mikaela agarrou a grade da cama e se levantou. Olhou para Rosa.

— Leve as crianças para casa, mamãe. Vou arrumar minhas coisas e encontro com vocês em casa.

— Mas os médicos disseram... — Rosa estremeceu e engoliu em seco.

— Não me importo. Por favor, mamãe, leve-os para casa.

— O que pretende fazer, Mikita?

— Por favor, *mama*.

Rosa suspirou.

— *Si.* Mas, Mikaela, fique longe das portas da frente. Os repórteres estão esperando por você.

Depois que eles saíram, Mikaela decidiu não aborrecer o pessoal do hospital. Não havia tempo para formalidades naquele momento. Empacotou todas as fotografias do criado-mudo e dos parapeitos das janelas. Colocou tudo em cima das coisas na maleta, para se lembrar sempre delas.

O coma lhe salvara a vida. Rezava somente para que não tivesse acordado tarde demais. Diziam que as chances passam ao largo de uma pessoa se ela não estiver atenta. A espera por uma nova oportunidade poderia durar uma vida inteira.

Ela estivera inconsciente por mais de um mês. Na realidade, dormira pelo menos quinze anos de sua vida.

Alguém bateu à porta. Ela estremeceu, o coração batendo forte no peito. Olhou para a maleta já pronta. *Por favor, que não seja a enfermeira...*

Julian entrou no quarto como se aquele lugar lhe pertencesse.

— Comecei a sentir uma alergia hoje cedo. Deve ser por causa de pelo. Homens adultos andam por aí vestidos de Homem das Neves.

Ah, sim, era dia da festa do Dia das Geleiras. Ela havia se esquecido da data. Em tempos comuns, Liam estaria vestido como um desses homens peludos, com uma fantasia que ela tinha gastado horas costurando.

— Kayla?

Ela caminhou até Julian. Quando estava bem perto, parou. Finalmente enxergava o homem, não o mito, o que não o deixava menos bonito. Mas quando o estudava melhor, enxergava o que havia dentro daquele homem, algo que estivera ali o tempo todo.

Não precisava ver Julian e Liam lado a lado para reconhecer as diferenças entre uma moeda de latão e uma de prata.

— Olá, Julian — ela murmurou o nome dele com uma voz suave que continha o arrependimento de uma vida.

— Não gosto do jeito como está me olhando.

— Claro que não gosta. Não quer ser visto em sua essência, não é? — A vida dele era mágica, cheia de ilusão e onde havia espaço apenas para ele.

— Kayla, estive pensando muito. Compreendi que senti falta de você.

— Oh, Julian! — Ela suspirou, entristecida por ter passado grande parte de sua vida esperando por aquele momento.

— Sei que sentiu minha falta, também.

Diante do olhar de Mikaela, o sorriso dele sumiu.

— O que foi?

Como dizer a um homem que o verdadeiro amor não é uma noite de sexo apaixonado debaixo de um céu colorido pelos fogos de artifício, mas uma manhã comum de domingo, quando seu marido lhe compra um copo com água e duas aspirinas para lhe aliviar as cólicas?

— Eu acalentava um sonho — ela começou a dizer, fitando Julian.

— Começou exatamente depois que eu o deixei. Mudou um pouco com o passar dos anos, mas o fato é que era sempre o mesmo. No sonho, sou uma velha com os cabelos brancos. Meus filhos cresceram e brincam com os filhos deles. Liam foi embora; está morto faz muitos, muitos anos. Eu me imagino em uma praia de areia rosada. Há um chalé branco atrás de mim, e sei que é minha casa, onde vivo sozinha. Estou sentada na praia em uma cadeira portátil, e faço isso todos os dias, sem falta. E num certo dia eu levanto o olhar e um senhor idoso vem se aproximando de mim. É você, Julian. Eu compreendo que esperei cinquenta anos para você aparecer. Você me diz que desistiu de tudo por mim. Não é mais Julian True. Você é outro homem, um homem comum, cujo nome você nunca me disse.

— Mel — ele respondeu suavemente. — Meu nome é Melvin Atwood Coddington. — Ele tentou sorrir, e Mikaela tocou-lhe o rosto.

— Você poderia ter sido Melvin.

— O que está dizendo?

— Esta noite tive o sonho novamente, mas não estava na praia sozinha. Estava sentada com Liam, olhando nossos netos brincar na água. — Ela levantou os olhos. — Eu amei Liam mais do que você pode imaginar, Julian. Só espero que não seja tarde demais para dizer isso a ele.

— Eu sei que ele te ama, Kayla.

Mikaela sentiu uma tristeza enorme por todas as coisas que poderiam ter sido, por tudo que havia perdido, enquanto esperava por aquelas que nunca aconteceriam.

— Não há Kayla alguma, Julian. Nunca houve. E você nunca foi Melvin.

A voz dele soou rouca.

— Isso soa como um adeus.

— Ah, Julian, nós nos dissemos adeus há muito tempo. Agora estou apenas indo embora. — Ela acariciou o rosto dele, deixou que seus dedos ficassem ali por um momento, depois tirou a mão e foi para a porta.

— Espere. Não pode sair daqui. A imprensa está esperando por você diante da porta da frente. Vou fazer uma declaração, então eu a pego na porta dos fundos e a levo... — Ele parou, então terminou a frase: — Para casa.

— O que vai dizer para os repórteres? — ela indagou.

Ele pareceu triste.

— Vou dizer que a história acabou. Que a Bela Adormecida encontrou o seu Príncipe. Eles podem querer segui-la por uns tempos.

Mikaela sorriu.

— Depois de dez minutos, eles vão ver que a vidinha de uma esposa de um médico de cidadezinha do interior não gera manchete de jornal.

— Voltarei com a limusine. Encontro você nos fundos. — Ele lhe dirigiu um olhar sério, depois virou-se e saiu do quarto.

Mikaela pegou a mala, mas acabou decidindo deixá-la no armário. Era bobagem carregá-la, porque poderia despertar suspeitas. Ligou e cancelou o táxi. De mãos vazias, deixou o quarto. Manteve a cabeça baixa, o rosto virado para a parede, mancando um pouco pelos corredores do hospital.

Quando saiu, a primeira coisa que notou foi o cheiro de verde do Natal; os verdes pinheiros e a neve. O céu escuro cheio das primeiras estrelas da noite a fazia se sentir pequena. Durante toda a sua vida, costumara sair à noite e olhar aquele veludo azul lá no

alto. Ali era a casa de seu Deus, que a ajudava a lembrar o lugar a que pertencia.

Gostava de se sentir pequena. O desejo de ser grande demais a tinha levado a Julian.

A limusine parou, a porta se abriu e ela entrou.

A limusine passou pelo meio da cidade a uma velocidade mínima. Lá fora, havia pessoas por toda parte, comemorando. Julian não tirava os olhos de Mikaela, embora ela não olhasse para ele, apenas o orientava como sair da cidade.

Grandes extensões de pastos cobriam os dois lados da estrada, protegidos por cercas. Debaixo de uma enorme árvore Velha, havia vários cavalos. Mikaela acenou para eles.

— Olá, meus bebês. Senti a sua falta.

Por fim, a casa surgiu à vista. A linda estrutura de madeira, tendo ao fundo as montanhas negras.

— Gostaria de poder amar você como Liam ama — Julian murmurou. — Adeus, Mikaela.

Ela se afastou de Julian e caminhou com dificuldade na neve. Parou e olhou para trás.

— Adeus, Julian True.

A voz dela soou tão suave, que ele chegou a pensar que fora fruto de sua imaginação.

A casa cheirava a torta de maçã, bolo de amora e fogo recentemente ativado. Mikaela parou à porta, respirando o cheiro de sua casa. Podia ver a mãe na cozinha lidando com as panelas. Rosa notou-a então. Mikaela pressionou um dedo nos lábios e se moveu silenciosamente para dentro. Quando passava pela sala de visitas, viu Liam ao piano. A fantasia do Homem das Neves estava caída aos seus pés.

— Onde estão as crianças? — Mik sussurrou para a mãe.

Rosa apontou para o andar de cima.

— Estão limpando os quartos deles para você não ver como estavam bagunçados.

Mik sorriu. Podia bem imaginar o estado dos quartos. Sem dúvida, Bret tinha pelo menos mil papéis de doces em sua mesinha.

— Mantenha-os ocupados por alguns minutos, por favor, mamãe.

Rosa sorriu.

— *Gracias, mama.* Por tudo.

— De nada, *mi hija.* — Com um sorriso, Rosa deixou a cozinha e subiu as escadas.

Mikaela respirou fundo. Não estava gostando de ver Liam ao piano, com as mãos no colo. Ela queria ouvir a música. Não percebera até aquele momento como isso fazia parte dela. Cada momento e lembrança de sua vida pareciam ser regidos pela música tirada de dentro do coração do marido.

Foi na ponta dos pés até a sala de visitas. Uma enorme árvore de Natal estava em um dos cantos, mil luzinhas brilhando. Era o primeiro ano em que ela não tinha escolhido a árvore e orientado a colocação de cada enfeite; isso a entristecia, essa evidência que de alguma forma a família tinha passado sem a sua presença.

Quando estava bem atrás de Liam, parou e fechou os olhos.

Deus, permita que não seja tarde demais...

— Liam?

Ele se virou tão depressa que seus joelhos bateram no banquinho do piano. Quando a viu, estremeceu, e passou as mãos pelos cabelos.

— Você deveria estar no hospital — ele disse, parecendo estranho e inseguro.

— Diga-me que não é tarde demais.

— O que quer dizer? — perguntou ele, confuso.

Mikaela se sentou ao lado dele e colocou a mão em seu braço. Precisava tocá-lo, e assim não ter mais medo.

— Eu queria ser mais inteligente. Sei que há palavras que precisam ser ditas agora, e não consigo encontrá-las. Por doze anos, você amou a mulher que eu queria ser. Às vezes eu o olhava, especialmente quando você estava com as crianças, e sentia uma dor em meu peito... Eu queria ser a espécie de esposa que você merecia. Eu apenas... não conseguia.

— Eu sei, Mik, mas... — Liam lhe acariciou o cabelo.

— Eu te amo. — As palavras vieram facilmente.

— Mik, por favor...

— Eu te amo — ela repetiu. — Quero envelhecer a seu lado, Liam Campbell. Quero me sentar em nossa varanda, tomar limonada, olhar nossos filhos crescerem e irem embora para formar a família deles. Quero oferecer jantares de feriados para todos nós, e olhar nossos netos aprendendo a andar e falar e vê-los dormir em nossos braços. — Ela esperou Liam falar, o coração batendo forte.

— E quanto a Julian? — ele perguntou baixinho.

O nome do antigo amor a atingiu, mas dessa vez não deixou marcas em seu coração.

— Ele será sempre algo para mim, mas agora, eu o coloquei em seu devido lugar, no passado. Não vou mentir mais, nem para você nem para as crianças. Eu amei Julian True. Mas foi um amor frágil, que não passou pelo teste do tempo. Quando acabou, foi isso, acabou. Eu vivia juntando os pedaços, pensando, sonhando que as partes se uniriam magicamente de novo. Estava ocupada segurando os pedaços, e nunca notei o vazio em minhas mãos. — Lágrimas surgiram nos olhos de Mikaela. — Fui uma tola, Liam. Precisei de uma pancada na cabeça para encontrar a verdade. É você quem eu amo, e se você me der outra chance, vou amá-lo até morrer. Não duvide disso.

— Eu sempre te amei, Mik — ele disse simplesmente.

As lágrimas turvavam a visão dela.

— Eu sei.

Bem devagar, ele riu, e agora estava refletido em seus olhos o amor que haviam construído naqueles anos todos. Ela podia ver e sentir.

— Senti sua falta. Deus, por doze anos, senti a sua falta...

Como a simplicidade daquelas palavras tinha um poder incrível no mundo dela? Jamais perderia de vista aquilo que realmente importava, nem por um dia, ou uma hora, ou sequer um minuto. Guardaria com ternura cada instante de sua vida dali para frente, porque só agora entendera uma profunda verdade. O amor não é um grande fogo que invade a alma e o transforma em alguém irreconhecível. Ele fica lá, acalentando o coração. Simples assim.

Momentos eram como tijolos, que colocados um em cima do outro, formavam uma fundação tão sólida que nada os faria cair. Nem o vento, nem a chuva... nem mesmo as lembranças de uma paixão antiga.

Nada.

— Toque uma música para mim.

Um breve temor passou pelos olhos dele. Depois, devagar, ele levantou as mãos. Por um segundo, seus dedos flutuaramhesitantes acima das teclas, e Mik pensou que ele nunca mais tocaria.

Mas então, a música encheu a sala.

— Ei, pianista, não vai levar sua esposa para a cama? — ela perguntou com voz rouca.

Ele riu e se levantou.

— Sei, sei, senão perco minha chance.

— Você já perdeu a sua chance, Liam Campbell. Deveria ter fugido quando eu estava em coma. Agora vai ter de me aguentar.

Mikaela ficou na ponta dos pés e o beijou com a intensidade de uma paixão atrasada em quinze anos. Quando o beijo terminou, murmurou a frase que a trouxera de volta da escuridão:

— Para sempre, nós dois.

Fim

Table of Contents

Lembrança de Nós Dois

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV